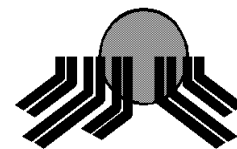


UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA – UNIMEP



FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**O Mito Cristão contra Guaixará e os outros diabos.**

**“Educação e conversão Século XVI e XVII”**

**Sady Carnot**

**Piracicaba, SP.**

**2006**

## **O Mito Cristão contra Guaixará e os outros diabos**

**“Educação e conversão Século XVI e XVII”**

**Sady Carnot**

Orientador: Prof. Dr. José Maria de Paiva

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação da UNIMEP obtenção do título de Doutor em Educação.

Prof Dr. José Maria de Paiva

Prof. Dr. Luiz Francisco Albuquerque de Miranda

Prof. Dr. Edivaldo José Bortoleto

Prof. Dr. Amarilio Ferreira Junior

Profa. Dra. Marisa Bittar

**Piracicaba, SP.**

**2006**

***Agradecimentos:***

À Ana Cláudia, a luz que tem iluminado tantos caminhos...

***Homenagem:***

Aos meus filhos Gustavo, Rodrigo e Leonardo, com todo amor que possa existir neste mundo.

Para aqueles que não puderam esperar e se encontram hoje nos meus mitos e em minhas lembranças, Alice, minha mãe e Holmes, meu pai.

***“O presente trabalho foi realizado com o apoio da  
COORDENAÇÃO APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE  
NÍVEL SUPERIOR – CAPES – BRASIL”***

## RESUMO

Por entender que a análise de uma cultura mais englobante que outra é feita de forma mitológica e espiritual, foi buscado neste trabalho entender como essa espiritualidade leva o olhar para o centro do universo, fazendo com que tudo seja olhado a partir desse prisma. Trata-se aqui dos resultados da conversão dos indígenas durante o período jesuítico, das coisas “boas” trazidas aos indígenas pela educação portuguesa e do confronto de culturas na busca pela verdade de um e de outro desse embate de mitos, de tabus e pecados, de Deus e de demiurgos.

Ao pesquisar como a visão do “Orbis Christianus” era a tradução do viver na Europa quinhentista e seiscentista encontra-se que a fé em Deus era a única verdade. Todos deveriam estar nela ou serem levados por ela ao único mundo verdadeiro, fora do qual tudo o mais seria injúria e aberração. O natural não era mais a “natureza” do homem e sim que a palavra de Deus, tal qual transmitida pela fé cristã, chegasse aos confins da terra conhecida e das terras a se conhecer.

O homem é, nesse momento histórico, ator cultural de uma complicada relação originária de uma dicotomia entre o representado miticamente e o vivido em sua realidade cotidiana, não podendo conhecer ou pensar no Bem, sem antes pensar no Mal, pois era tempo de se reconhecer o inimigo para poder combatê-lo, pela glória e triunfo do Redentor sobre o Tentador.

Era gerado então o grande embate de mitos, baseado na saga de dois heróis de polaridades contrárias, o europeu e o indígena, Cristo e o Diabo, São Lourenço e São Sebastião de um lado, contra Guaixará e Aimberê do outro, o “Orbis Christianus” versus a visão arquetípica e o espírito cosmogônico indígena.

É tratada aqui, a ferramenta dessa educação imposta aos indígenas, onde os jesuítas foram de uma felicidade sem par ao utilizarem a língua indígena, a “Língua Geral” de Anchieta e seus autos teatrais como forma de transmitir os conceitos de sua cultura e de denegrir os conceitos da cultura indígena.

A educação é e sempre foi um caleidoscópio, que mostra os mais diversos e belos desenhos e formas, mas que as peças que são sempre as mesmas, estão presas numa caixa. Claro a educação também se baseia no mito cultural.

A função dos mitos não é denotar uma idéia herdada, mas sim, um modo herdado de funcionamento, que corresponde à maneira inata pela qual o homem nasce e se relaciona em sua vida vivida. A educação é exatamente isso, uma maneira de transmitir esse modo herdado e a maneira inata de se viver. O homem é o todo de suas relações, pois recebe as mesmas influências arquetípicas que todos os homens de seu grupo social recebem, mesmo sendo individual e possuindo características únicas. Se perder essa participação arquetípica de seu mundo, o homem está morto, mesmo que não fisicamente, ele agora é um *defuncto* que não possui mais funções perante a vida.

A didática da catequese, trazia a definição do demônio ou do Diabo às mentes indígenas, e isso se fazia pela pedagogia do terror que se impunha às

mentes desavisadas da existência do Bem e do Mal dos cristãos. Nesse embate cultural uma certa profecia praticamente se confirmava de que haveria uma transformação de brancos em índios e de índios em brancos, mas isso não foi possível, pois ao final, o mito cristão, derrotou Guaixará, Aimbirê, Saravaia e todos os outros diabos, levando com eles, até Décio e Valeriano.

## RESUMEN

Por entender que la analice de una cultura mucho más englobante que otra es hecha de una forma mitológica y espiritual, se busco en este trabajo entender como esa espiritualidad lleva la mirada para el centro del universo, haciendo con que el todo sea mirado a partir de ese prisma. Trata-se acá de los resultados de la conversión de los indígenas durante el período jesuítico, de las cosas “buenas” traídas a los indígenas por la educación portuguesa y del confronto de culturas en la búsqueda por la verdad de uno y de otro en ese embate de mitos, de tabus e pecados, de Díos e de demiurgos.

Al pesquisar como la visión del “Orbis Christianus” era la traducción del vivir en la Europa quinientista se encuentra que la fe en Díos era la única verdad. Todos deberían estar en ella o llevados por ella al único mundo verdadero, afora del cual todo lo más seria incuria e aberración. El natural no era más la “naturaleza” Del hombre y si que la palabra de Díos, tal cual transmitida por la fe cristiana, llegase a los confines de la tierra conocida y de las tierras a conocer.

El hombre es, en ese momento histórico, actor cultural de una complicada relación originaria de una dicotomía entre el representado míticamente y el vivido en su realidad cotidiana, no teniendo permisión para conocer el pensar el Bien, sin antes pensar en el Mal, pues, sin embargo era tiempo de se reconocer

el enemigo para poder combate a ello, por la gloria y triunfo del Redentor por sobre el Tentador.

Era generado entonces el embate de mitos, con base en la saga de dos héroes de polaridades contrarias, el europeo y el indígena, Cristo y el Diablo, San Lorenzo y San Sebastián de un lado, contra Guaixará y Aimberê del otro, el “Orbis Christianus” versus la visión arquetípica y el espíritu cosmogónico indígena.

Es tratada acá, la herramienta de esa educación imposta a los indígenas, donde los jesuitas fueran de una felicidad sin par al utilizaren la lengua indígena, la “Lengua General” de Anchieta e sus autos teatrales como forma de transmitir los conceptos de su cultura y de denegrir los conceptos de la cultura indígena.

La educación es y siempre fue un caleidoscopio, que muestra los más diversos y bellos dibujos e formas, mas que las piezas que son siempre las mismas, están presas en una caja. Claro la educación también hace su base en el mito cultural.

La función de los mitos no es denotar una idea recibida, pero si, un modo de funcionamiento, que corresponde a la manera innata pela cual el hombre nace e se relaciona en su vida vivida. La educación es exactamente eso, una manera de transmitir ese modo recibido por herencia y la manera innata de se vivir. El hombre es el todo de sus relaciones, pues recibe las mismas influencias arquetípicas que todos los hombres de su grupo social reciben, mismo siendo individual e teniendo características únicas. Se perder esa participación



arquetípica de su mundo, el hombre está muerto, mismo que no físicamente, ello ahora es un “*defuncto*” que no posee más funciones a delante de la vida.

La didáctica de la catequice, tenía en sí la definición del demonio o del Diablo y la metía en las mentes indígenas, y eso se hacía por la pedagogía del terror que se impugna a las mentes desavisadas de la existencia del Bien y del Mal de los cristianos.

En ese embate cultural una cierta profecía prácticamente sí confirmaba que habría una transformación de blancos en indios y de indios en blancos, pero eso no fue posible, pues al final, el mito cristiano, derrotó Guaixará, Aimbirê, Saravaia y todos los otros diablos, llevando con ellos, hasta Décio e Valeriano.

## SUMÁRIO

RESUMO _____	4
RESUMEN _____	7
SUMÁRIO _____	10
Introdução _____	11
Capítulo 1 - A educação como transmissão de cultura, que ensina e altera costumes. _____	36
Capítulo 2 - O Mito _____	46
Capítulo 3 - O mito Cristão _____	72
Capítulo 4 - Como o Europeu Cristão compreendia os indígenas e a concepção que tinham da vida desses brasis _____	76
Capítulo 5 - Como os indígenas teriam recebido a pregação cristã e as dificuldades encontradas na missão de converter _____	93
Capítulo 6 - O Teatro como ferramenta educacional e de catequese _____	119
O Auto de São Lourenço – Guaixará e os outros diabos _____	126
Conclusão - O resultado do embate desses mitos na educação e na cultura brasileira _____	145
Apêndices _____	151
Apêndice 1 – O Auto de São Lourenço – José de Anchieta _____	152
Apêndice 2 - A missa e os símbolos culturais de transformação do homem _____	197
Apêndice 3 – O Mito de Cristo _____	208
Apêndice 4 - Uma proposta de interpretar psicológica e miticamente a Trindade _____	228
Referências Bibliográficas: _____	238
Outras referências bibliográficas: _____	239

## INTRODUÇÃO

Eu queria ser como a aranha que tira de seu ventre todos os fios de sua obra. A abelha me é odiosa e o mel é para mim o produto de um roubo

*Papini, Un homme fini*

Entendendo que, concluído o Mestrado em História e Educação, trabalhando através da teoria de Carl Gustav Jung a relação jesuítica com os indígenas no século XVI, mostrando a destribalização da alma indígena através da imposição cultural, deveria continuar no processo de pesquisa sobre o assunto e sob a mesma lente.

Pesquisei teóricos, filósofos, educadores e historiadores que pudessem comprovar a tese a ser apresentada.

Busco, no sentido da vida desses homens jesuítas, em suas relações com os indígenas, a própria vida desses padres, experienciada e tornada viva através de seus mitos e crenças.

Entendo que a análise de uma cultura, elaborada por outra muito mais englobante como no caso da cultura portuguesa em relação à dos indígenas, é feita de forma mitológica e espiritual. Essa espiritualidade leva o olhar para o

centro do universo, fazendo com que tudo seja olhado a partir desse prisma, conforme já pude demonstrar em “A Destribalização da Alma Indígena”, objeto de minha dissertação de mestrado.

Por entender o trabalho jesuítico uma tarefa hercúlea, composta de uma saga heróica na luta contra a resistência indígena à conversão e à catequese, busco a simbologia e a interpretação dessa saga.

Por entender que, mesmo sabendo dos resultados dessa conversão no sentido de destruir a alma indígena, houve como resultado desse confronto de culturas, um embate pela busca da verdade, de sentido, de significação através dos tempos que alimentavam as mentes ainda ébrias de medievalismo e das experiências da “alma do mato”, busco essa mítica, esse relato de embates. Embate de mitos. Embate de tabus e pecados, de Deus e de deuses. Enfim, da experiência de vida.

Quando utilizo a palavra “embate” em vários momentos deste texto, posso estar sendo até mesmo mal compreendido, pois muitos leitores poderão afirmar que as culturas quando se encontram, se permeiam, se harmonizam. Poderão afirmar que sempre no encontro de duas culturas, sobrarão para os dois lados, aculturações, costumes, expressões lingüísticas, lendas antigas e as lendas que surgirão desse encontro. Claro que sim, não tenho dúvidas quanto a isso.

Mas, não é essa a intenção. Minha proposta é a de deixar claro que em se tratando dos mitos culturais, em se tratando do cristão europeu, ainda o português mais ameno que o espanhol, houve sim um embate de mitos, isto é, um choque impetuoso de culturas, composta de oposições e resistências (às vezes

mais passivas ou pacíficas, porém não menores), porém sempre se forma a comparar-se com um abalo violento e profundo nas crenças dos indígenas brasileiros.

Por mais que resistissem os *brasis*, o “Orbis Christianus” era violento quanto à natureza real do homem.

A visão do “Orbis Christianus” era a tradução do viver na Europa quinhentista. A fé em Deus era a única verdade. Todos deveriam estar nela ou serem levados por ela ao único mundo verdadeiro, fora do qual tudo o mais seria injúria e aberração. O natural não era mais a “natureza” do homem e sim que a palavra de Deus, tal qual transmitida pela fé cristã, chegasse aos confins da terra conhecida e das terras a se conhecer.

Através dessa visão de mundo pudemos assistir à instituição de novos conteúdos simbólicos nas terras recém-descobertas, articulados de maneira extremamente eficaz, entre a realidade cristã e o imaginário europeu quinhentista.

Os “guardiões do sagrado” , como foram chamados os clérigos, devotam suas vidas com o único intuito de uniformizar as consciências e converter as almas pertencentes a Satã e seus ajudantes, garantindo a hegemonia das crenças e a desculturação de qualquer povo que não vivesse “os bons costumes” e não pertencesse ao “rebanho de fiéis”.

O século XVI denotou, na visão cristã, que o mundo se encontrava dividido em duas partes bastante distintas:

Os que cultivavam o Bem e as virtudes

## Os que cultivavam o Mal e seus vícios

Tal qual na alegoria usada em “O diabo no imaginário cristão”:

O mundo se orienta como o portal de uma igreja gótica: no alto e no meio encontra-se Deus, rodeado de um coro de anjos, com os santos e os justos prestando-lhes homenagem; abaixo estão os mortais e, na parte inferior ou à espreita, os espíritos malignos, que possuem formas horríveis ou, pelo menos, enigmáticas e cômicas. (NOGUEIRA, 2000: 39).

O homem é, nesse momento histórico, personagem de uma complicada relação originária de uma dicotomia entre o representado miticamente e o vivido em sua realidade cotidiana, não podendo conhecer ou pensar no Bem, sem antes pensar no Mal, pois era tempo de se reconhecer o inimigo para poder combatê-lo, pela glória e triunfo do Redentor sobre o Tentador.

Em contra-partida a essa postura mítica cristã, surgem nas relações os conteúdos da psique primitiva dos indígenas brasileiros, gerando costumes, padrões de comportamentos, remexendo as “sombras”<sup>1</sup> jesuíticas, influenciando

---

<sup>1</sup> A Sombra enquanto arquétipo -Conforme nos orienta M.L. von Franz (JUNG 1964) e citado em “A Destribalização da Alma Indígena” (CARNOT, Sady, 2005.p.55) A *Sombra* pertence ao nosso mundo interior mais escondido, descendo às profundezas do nosso próprio mal, e tornando o indivíduo capaz de reconhecer em si o instinto e suas mentiras, nada inocente nem tolo, mas bem protegido contra tudo aquilo que de dentro possa surgir.O arquétipo *Sombra* é, de todos os conteúdos arquetípicos, o que fica mais próximo ao Ego, cuja essência, está mais em contato com a tona, mais superficial, sendo formada por componentes que já fizeram parte um dia do presente do indivíduo, já fizeram parte do seu cotidiano, mas que foram reprimidos por não pertencerem ao rol de compatibilidades desejadas pelos valores estabelecidos pelo social ao consciente, ou por não terem sido fortes o suficiente para ultrapassarem a consciência e permaneceram em latência dentro do Inconsciente Pessoal.

com suas resistências de aculturação, todo um conteúdo arquetípico europeu, que veio dar origem à cultura brasileira.

Esses embates culturais podem ser notados em cartas de marinheiros, cartas de jesuítas a seus superiores e irmãos da Companhia de Jesus, além da utilização das simbologias míticas de nossos indígenas na elaboração de táticas de conversão, presentes nos aldeamentos, na supremacia dos sacramentos, na pedagogia do dia-a-dia e em especial em Anchieta, que os mostra através dos autos, como o de S. Lourenço e o da Pregação Universal, entre outros.

Nesses autos, nota-se claramente a noção de bem e mal que era passada de forma determinista aos indígenas:

O Bem, representando o fiel, o santo, o herói, o salvador, os padres ou abaré, a personagem Karaibebé, grande cacique, que aliado de Tupã e dos abaré na defesa das novas leis e dos novos costumes, mostram o erro de seguir os maus costumes das tradições e das falas de Guaixará e Aimbirê.

O Mal, representado também por grandes chefes como Guaixará e Aimbirê, o diabólico, o próprio demônio, bebedor de cauim, que gosta de fumar e defender os costumes da tradição como dançar, enfeitar-se, tingir o corpo de vermelho do urucum ou do preto da jemoúna (una = preto).

Enfim, grande embate de mitos, baseado na saga de dois heróis de polaridades contrárias, o europeu e o indígena, Cristo e o Diabo, São Lourenço e

São Sebastião de um lado, contra Guaixará e Aimberê do outro, o “Orbis Christianus” versus a visão arquetípica e o espírito cosmogônico<sup>2</sup> indígena.

Muitas vezes em minha tese pretendo utilizar o conceito de experiência, definido como um conhecimento que nos é transmitido pelos sentidos, como um conjunto de conhecimentos individuais ou específicos que constituem aquisições vantajosas acumuladas historicamente pela humanidade, quer no sentido metafísico, quer no sentido de aculturação.

A cada experiência o indivíduo se expõe e soma a si o resultado do ocorrido, do fato, do resultado. Assim, experiência é a soma das situações que influenciaram e influenciam a pessoa e as comunidades em toda a história da humanidade.

Na imposição cultural do português do século XVI sobre o indígena, muitas vezes a renovação era feita sob pressão, sob coerção, em que o algo transformado, o indivíduo transformado era sem que a experiência pudesse ser acumulada e sim imposta, não permitindo ao “gentio” a interação com sua própria vida e em relação ao ambiente do qual dependia visceralmente para sobreviver.

Essa soma, que Dewey chama de renovações, são a extensão da experiência do indivíduo e da espécie, no entanto vida, para o ser humano, consiste em costumes, crenças, instituições, vitórias e derrotas, isto é a “experiência”.

---

<sup>2</sup> do grego *kosmogonia* - A origem ou formação do mundo, do universo conhecido. Parte de uma cosmologia, que trata especificamente da criação e formação do mundo. Qualquer narrativa doutrina ou teoria a respeito da origem do mundo ou do universo.



Poderia dizer que o homem vive em comunidade, nas relações pessoais, em virtude das coisas que tem em comum e a comunidade é o meio pelo qual se chega a possuir essas coisas comuns. No entanto, na relação entre mitos indígenas, total e completamente inserido, no que falaremos mais tarde, no mito filosófico e a imposição do mito cristão, considerado numa relação com a racionalidade, pouco de comum havia entre esses dois povos tão distintos. Por um lado, o aguerrido, o natural, o nu e o livre e, do outro, dogmas, pecados ébrios de medievalidade, impondo sua cultura “ad majorem Dei gloriam”.

A educação como forma de transmissão de cultura suprime a distância entre as idéias dos mais velhos e a ânsia de conhecer e modificar dos mais novos e imaturos. No entanto, perguntaria a esses indígenas se as idéias dos considerados mais velhos, mais importantes, até mesmo com poderes divinos, como se os tivessem os padres jesuítas, não tinham uma distância tão grande de suas próprias idéias a ponto de que essas idéias não pudessem ser entendidas, tal como as noções de pecado, de céu e inferno ou mesmo de um deus tão cruel a ponto de matar toda uma tribo através da gripe ou da varíola, para mostrar que esse Deus deveria ser louvado.

Não é por viverem em proximidade material ou por trabalharem pelo mesmo fim comum, que se pode dizer que um indivíduo vive em comunidade, é necessário que se possua o conhecimento desses fins comuns, sejam eles seus deuses, seu governo, seus costumes e seus anseios. Isso sim forma uma comunidade. Uma comunidade é aquela que vive no mesmo mito, mito esse que lhe explica a vida não explicável.

Toda comunicação é educativa, pois receber comunicação, receber educação é adquirir experiência que virá a modificar seu modo de vida. Quando o *modus faciendi* de um indivíduo modifica o *modus vivendi* de sua comunidade, ele está fazendo cultura, ele está educando. Ensinar a caçar é educar, ensinar a dançar é educar, fazer um indivíduo receber um novo mito é educar, assim, ensinar a roubar e a matar é também educar, fazer adorar a um novo deus, também é educar.

Quando se fala em educação formal, porém, estamos falando de como examinar se as aptidões daquilo que foi passado de um indivíduo para outro para habilitá-lo a participar de forma melhorada de uma vida em comum. É na educação formal escolar, que se verifica se essa habilidade atua realmente nessa vida comunitária, isto é se o indivíduo está adaptado e atuando na vida comum, se está avaliando se os conhecimentos transmitidos foram eficientes e se verifica ainda a eficácia dessa transmissão.

A educação formal em suma avalia a eficácia daquilo que foi passado em conteúdo programático, e isso existia de alguma forma nas “escolas de ler e contar” criada pelos jesuítas no Brasil Colônia.

No entanto, nas sociedades tribais ou grupos sociais menos desenvolvidos encontramos muito pouco de adestramento formal, porém encontramos vivências de ritos de passagem, nos quais os mitos são fortes ferramentas dessa educação que considero também formal, porém não seriada e programada.

Como ferramenta dessa educação imposta aos indígenas, os jesuítas foram de uma felicidade sem par ao utilizarem a língua indígena, a “Língua Geral” de Anchieta e seus autos teatrais como forma de transmitir os conceitos de sua cultura e de demonizar os conceitos da cultura indígena.

Novamente afirmo ter clara a interpenetração de valores e as traduções desses valores em ganho e perda para ambos os lados, no entanto, tento mostrar aqui a habilidade de Anchieta em utilizar a língua indígena como ferramenta de catequese, como uma forma de acesso e penetração na educação indígena e da possibilidade com isso, da imposição de conceitos da Europa seiscentista.

Habilidade houve também por parte desse jesuíta quando criou através dos autos, a experiência vivida pelo indígena durante os espetáculos teatrais substituindo até mesmo a língua falada, por idéias contidas na gestualidade conforme nos mostra os parâmetros do teatro greco-romano<sup>3</sup>, base dos autos de Anchieta. O corar, o sorrir, franzir o cenho, os “movimentos expressivos” é que

---

<sup>3</sup> Pelo teatro greco-romano, (CALLOIS, 1985) a influência aplicada à platéia é a seguinte: **Morphos**: É a relação do ator com o espaço cênico e com a platéia, pois Morphos é a regra, é a forma e o teatro, é o jogo de transformar. **Mimésis**: É a relação do ator e da personagem com o prover a si mesmo, pois Mimésis é a mímica, a representação. Define a bandeira, o lado pelo qual se defende ou ataca, personagem versus platéia, ator versus ator, personagem versus personagem, ator versus platéia e personagem versus platéia. **Agon**: É a relação da personagem com a agressividade, pois é o Agon o diálogo, a luta, o estranhamento entre dois lados, novamente, personagem versus personagem, personagem versus platéia, platéia versus personagem. **Lusus**: É a relação da personagem com o que alimenta, pois Lusus é a ilusão, é o sonho. É onde se tem a idéia de que quando o "meu lado" ganha ou perde, quem ganha ou perde sou eu. **Ilinx**: É a relação da personagem com a loucura, onde Ilinx é a vertigem, o risco, o perigo de se ganhar ou perder na conta de personagem versus personagem ou personagem versus platéia, etc. **Aléa**: É a relação da personagem com o material, com o físico, com os resultados, na qual o Aléa, o aleatório, o randômico, é o que não nos permite saber quem vai ganhar ou perder a contenda. Platéia versus personagem, personagem versus platéia, ou personagem versus personagem, etc.

realmente comunicavam as idéias a serem transmitidas, incluindo-se a formação espiritual profunda, onde o mito e crenças cristãs tiveram uma grande participação na formação e definição do rol de atividades da comunidade que se formava a partir daí.

Devo considerar que a comunidade, o meio social se envolve com o meio ambiente e digo que educar é de certa forma um ato ecológico, pois força os laços de sangue a perpetuarem os comportamentos que “deram certo”. Quem deu certo na relação brasis e portugueses? Seria ecologicamente correto seguir os costumes da Santa Fé Católica, afinal, era tudo uma questão de sobrevivência para o indígena, mesmo com interesses diferenciados daqueles eleitos pelos colonizadores.

Não poderia considerar essa falta de interesse dos indígenas pelas coisas de Deus ou da Coroa, como incapacidade para entender o que era Lei, Fé ou Rei, mas como uma imaturidade, como uma capacidade a ser desenvolvida.

Sendo a educação vinda da cultura portuguesa, originária de um “*depositum*” fechado e definido como correto o seu saber, é necessário realmente que o indivíduo que aprende seja um recipiente dependente e plástico, pois aos moldes da Filosofia escolástica, “tudo o que se recebe, se recebe aos moldes do recipiente”. Os indígenas eram esse recipiente.

No entanto, os indígenas não eram essa argila mole, ao menos não todos, pois muitos tensionamentos ocorreram antes da aceitação dos novos costumes impostos. O homem se acostuma a qualquer situação e se adapta a qualquer meio ambiente, mas muitas vezes, antes que isso ocorra, o desconforto

e a resistência, a aceitação pura e simples, ficam evidentes. Essas resistências ficarão mais claras no capítulo mais adiante em que mostro como os indígenas teriam recebido a pregação cristã.

Outro ponto importante a ser mostrado é quanto aos aldeamentos jesuítcos, onde o índio foi obrigado a uma “adaptação”, a essa citada aceitação de costumes. Os jesuítcos concebiam que aquela sociedade deveria ser *una* pela concepção de bons propósitos, fidelidade de interesses e reciprocidade de simpatia, mas o que ocorria na verdade era a necessidade de sobrevivência daqueles que já não eram mais índios e não conseguiram, pela aculturação imposta, serem também brancos e portugueses, onde a homogeneidade cultural não existiu e não existe até hoje nas tribos de nossa atualidade.

Como afirma Dewey, (1936: p.132), *uma sociedade indesejável é a que interna e externamente cria barreiras para o livre intercâmbio e comunicação da experiência*. A comunidade dos aldeamentos criava barreiras para a comunicação da experiência, isto é, o poder de poucos sobre o conhecimento posto sobre as coisas e a manutenção desse poder a qualquer custo.

Há que se entender que enquanto o português do século XVI trazia a verdade revelada recebida através de leis instáveis, isto é, aquelas que podem ser mudadas conforme a decisão do grupo social que as criou, os “gentios” seguiam as leis estáveis, as lei naturais, que os fazia pensar o conhecimento de forma distinta de seus “protetores”. A filosofia explica o mundo para o filósofo que a pensa, respondendo às suas próprias perguntas. As respostas às perguntas do filósofo atendem aos anseios do grupo e da época em que ele vive, pois é a

resposta às perguntas de uma sociedade, de uma cultura, e, se o conceito persiste, é porque persistem as perguntas na consciência dessa sociedade.

A verdade revelada era imposta, pois era através de um novo mito que se dava o novo conhecimento ao “gentio”. “O *mito não é um mito, e sim a própria verdade*”<sup>4</sup>. Essa era a nova experiência em que o indígena do século XVI se encontrava, experiência essa que para ter valor real, deveria fazer os *brasis* se afastarem da dor ou se aproximarem do prazer. Só essas duas coisas movem um indivíduo no Universo a que pertence.

Para estruturar seu conhecimento sobre si mesmo e sobre a natureza a que pertencia em relação à nova natureza apresentada, foi necessário ao indígena criar uma linguagem que pudesse dar conta de transcrever sua realidade, afinada com seu próprio conhecimento de mundo. Um novo mito em que ele deveria chamar o padre de pai e de salvador. Não havia para o indígena, a divisão entre o mundo real e o mundo mítico, e sim um único olhar que se espalha em todas as direções de sua existência, através de sua vida vivida e possível.

Assim viviam suas vidas, da forma que lhes foi possível, entre um arremedo de branco e uma caricatura de índio.

No homem o possível se imprime sobre o real.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> GUSDORF, 1959: p.13

<sup>5</sup> GUSDORF, 1959: p.15

Não parece que esses homens chamados “gentios” tivessem o interesse de descobrir o “como” do mundo real e sim usar dessa forma estética para trabalhar com suas fantasias e esperanças subjetivas, isto é experienciar.

O homem moderno, através de seu racionalismo, sentiu aos poucos o esfriamento de sua psique primitiva e, por conseqüência, perdeu muitas de suas ilusões, pois não mais entra em contato com suas experiências que são o conjunto e de conhecimentos, individuais ou coletivos, específicos ou não, e que constituem aquisições vantajosas, que foram acumuladas historicamente por toda a humanidade, sejam elas míticas ou racionais.

Jung nos ensina em suas obras, que estamos envolvidos, por exemplo, com a experiência de Deus de uma forma tão profunda e universal, que por mais que venhamos a questionar esse mito ou essa crença, temos a imagem dessa experiência dentro de nós e por isso, não temos como acreditar ou deixar de crer nessas imagens. O mesmo acontecia com o Cristão português quinhentista, mas é claro e óbvio, que essa experiência era distinta para os indígenas dessa época. Por mais que se quisesse impor uma estética cultural, deveríamos perguntar: Tupã era um deus diferente de Deus ou a experiência era a mesma?

Mas o português do Século XVI que trazia em suas caravelas e bagagens, todos os conceitos culturais, mitos e crenças, impõem aos *brasis*, parâmetros novos de vida, cumprindo a qualquer custo uma missão heróica de semear a palavra de Deus pela Terra, fazendo cumprir uma profecia, dentro de concepções mentais rígidas, inflexíveis, racionais e complexas.

Virá o tempo, em um futuro longínquo, em que o mar Oceano quebrará as suas correntes; e uma vasta terra será revelada aos homens quando um marinheiro audacioso como aquele que se chamava Tifis, e que foi o guia de Jasão, descobrir um novo mundo; então Thule (a Islândia) não será a última das terras.

LUCIUS ANNAEUS SÊNECA, Medéia, Século I da era cristã<sup>6</sup>.

As grandes descobertas trouxeram aos novos mundos anseios e frustrações sobre o imaginário português e espanhol dos séculos XV e XVI, mas também a possibilidade de encontrarem o local onde Deus plantou o Paraíso Terrestre,

...o lugar onde a Divina Providência havia “plantado” o Paraíso Terrestre, mito essencial e fundamento doutrinário dos mundos judaico-cristão e mulçumano, lugar inicial onde o Criador havia decidido criar a espécie humana.<sup>7</sup>

A façanha dessas descobertas, tanto técnica como humana, carregava dentro das caravelas, a crença de que os atores sociais dos descobrimentos haviam encontrado o país das lendas, o Paraíso Terrestre, o reino das Amazonas, as minas do Rei Salomão, as hordas impuras de Gog e Magog<sup>8</sup> e o fabuloso palácio com telhados de ouro de Cipango<sup>9</sup>.

---

<sup>6</sup> Magasich-Airola & Beer, 2000, p.15

<sup>7</sup> idem p.34

<sup>8</sup> O vocábulo Armagedon é composto de duas palavras: “Ar” em hebraico significa Planície e “Megiddo” é uma localidade ao Norte da Terra Santa, próxima ao monte Carmel onde, antigamente Barrack derrotou os exércitos comandados por Sisara e o profeta Elias e executou mais de quinhentos sacerdotes de Baal. (Apo. 16:16, 17:14; Juizes 4:2-16; 1 Reis 18:40). A luz destes eventos bíblicos, Armagedon simboliza a derrota das forças anti-religiosas por Cristo. Os nomes Gog e Magog no capítulo 20, lembram as profecias de Ezequiel a respeito da invasão de Jerusalém por um número indeterminado de regimentos sob o comando de Gog das



Acreditava-se entre os portugueses e espanhóis que os mitos dessas terras se encontravam agora, à mão de quem navegasse, de quem ousasse terras longínquas e enigmáticas, desvelar seus mistérios e atravessar o “*mare oceano innavigabile*”. Dessa forma muitas das histórias fantasiosas que povoavam a mente do europeu quatrocentista e quinhentista foram transferidas para as terras a serem conquistadas e vieram, juntamente com o mito cristão, com o Diabo, dentro das caravelas, misturadas ao desejo de expansão do comércio e da busca de riquezas, povoando as “sombras” desses conquistadores.

Apenas como lembrança, os mitos agem sobre a mente humana de forma a incitar ações e desencadear moldes de conduta, de pensamento e de sensibilidade. Foi dessa forma, portanto que os conquistadores partiram para suas buscas. Uma busca baseada no comércio e expansão, sim, mas de forma latente, na busca de seus mitos.

Assim, cada terra descoberta, cada povo encontrado, cada riqueza desvelada, era considerado de propriedade da natureza e por isso, era de quem encontrasse, quer por pirataria, quer por ordem de um reino, quer passando a ser propriedade de um rei como descendente direto do divino, quer *ad majorem Dei gloriam*, mesmo que isso significasse um etnocídio de números altíssimos durante

---

terras de Magog (sul do mar Cáspio; Ezeq. cap. 38 e 39; Apo. 20:7-8). Ezequiel atribui esta profecia aos tempos do Messias. No Apocalipse, o cerco dos regimentos de Gog e Magog ao “local dos santos e da cidade eleita (i.e, da Igreja)” e a destruição destes regimentos pelo fogo Celestial, deve ser entendida pela derrota total das forças contrárias a Deus, humanas e demoníacas, pela segunda vinda de Cristo. (Obtida em <http://2112hp.yoll.net/apocalipse2.htm> em 25/04/05)

<sup>9</sup> antigo nome da ilha do Japão, antes de conhecido pela Europa cristã

todo os anos quinhentistas, conforme já pude demonstrar em *A destribalização da Alma Indígena – Brasil Século XVI – uma visão junguiana*.<sup>10</sup>

Obviamente, essas façanhas dos descobrimentos, trouxeram ao *Orbis Christianus* grande avanço tecnológico no ramo dos transportes, da navegação e do comércio, mas principalmente trouxeram o mais preciso conhecimento geográfico e cartográfico do planeta de então, cujos mapas, por mais atualizados que estivessem, baseavam-se tão somente na geografia bíblica da Idade Média.

Era o Velho Mundo, nos séculos XV e XVI, ávido de modernidade, mas persistia na mente dos portugueses e espanhóis, a impregnação de mitos. Existia como produto social, uma turva fronteira entre o real e o imaginário, causada pela verdade revelada das Escrituras. Há que se entender, que aqueles autores primeiros, que escreveram os primeiros livros sagrados estavam cercados de desertos e de áreas inóspitas e tiveram a visão de um local edênico como sendo de férteis terras, de águas abundantes, onde tudo nascia e crescia sob a mão de um jardineiro celestial:

Então plantou o Senhor Deus um jardim, da banda do oriente, no Éden; e pôs ali o homem que tinha formado. E o Senhor Deus fez brotar da terra toda qualidade de árvores agradáveis à vista e boas para comida, bem como a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal.

E saía um rio do Éden para regar o jardim; e dali se dividia e se tornava em quatro braços. O nome do primeiro é Pisom: este é o que rodeia toda a terra de Havilá, onde há ouro; e o ouro dessa terra é bom: ali há o bdélio, e a pedra de berilo. O nome do segundo rio é

---

<sup>10</sup> CARNOT, 2005

Giom: este é o que rodeia toda a terra de Cuche. E o nome do terceiro rio é Tigre: este é o que corre pelo oriente da Assíria. E o quarto rio é o Eufrates.<sup>11</sup>.

Mas também proibiu, após a expulsão de Adão, o homem de encontrar esse Jardim edênico:

O Senhor Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden para lavrar a terra, de que fora tomado. E havendo lançado fora o homem, pôs ao oriente do jardim do Éden os querubins, e uma espada flamejante que se volvia por todos os lados, para guardar o caminho da árvore da vida.<sup>12</sup>.

Encontraram? Vejamos um relato de Cristóvão Colombo:

...São esses grandes indícios do paraíso terrestre, porque o lugar é conforme ao que pensam os santos e os sagrados teólogos. E os sinais são igualmente muito conformes, pois jamais li ou ouvi dizer que tamanha quantidade de água doce pudesse estar no meio da água salgada ou na sua vizinhança; vem ainda em apoio a tudo isso a temperatura extremamente agradável. E se essa água não vem do Paraíso, seria ainda maior maravilha, porque não creio que se conheça no mundo rio tão grande e tão profundo.<sup>13</sup>.

Chegaram a um local adâmico sim, com vegetação abundante, com águas cristalinas e principalmente com um povo diferente daquele que o europeu

---

<sup>11</sup> (Gênesis, 2, 8-14)

<sup>12</sup> (Gênesis, 3, 23-24)

<sup>13</sup> Magasich-Airola & Beer, 2000, p.57

conhecia. Talvez um arremedo do Jardim, mas enfim, um jardim, bom para a exploração, e bom para aumentar as almas do Tesouro de Cristo.

Corpos diferentes e muitas vezes nus, exuberantes como os indígenas da Ilha de Vera Cruz, com místicos costumes, com lendas fabulosas, porém distintas daquelas que o imaginário cristão pudesse relatar. Nem cinocéfalos<sup>14</sup>, nem hordas malditas, mas guerreiros aguerridos, em parte dóceis e prontos para serem convertidos em ovelhas do Senhor, em parte bravios e indispostos a serem conquistados.

Não se pode numerar nem compreender a multidão de bárbaro gentio que semeou a natureza por toda esta terra do Brasil; porque ninguém pode pelo sertão dentro caminhar seguro, nem passar por terra onde não ache povoações de índios armados contra todas as nações humanas, e assim como são muitos permitiu Deus que fossem contrários uns dos outros, e que houvesse entre eles grandes ódios e discórdias, porque se assim não fosse os portugueses não poderiam viver na terra nem seria possível conquistar tamanho poder de gente.<sup>15</sup>

*Ou ainda:*

E são muito inclinados a pelejar, e muito valentes e esforçados contra seus adversários, e assim parece coisa entranha ver dois, três mil homens nus de uma parte e de outra com grandes assobios e grita frechando uns aos outros; e enquanto dura esta

---

<sup>14</sup> Homens com cabeça de cão, seguidores dos guerreiros Gog e Magog que viriam no apocalipse acompanhando o Anticristo, (citados em Apocalipse, 20, 7-8)

<sup>15</sup> GÂNDAVO,1980;p.12)

peleja nunca estão com os corpos quedos meneando-se de uma parte para outra com muita ligeireza para que não possam apontar nem fazer tiro em pessoa certa; algumas velhas costumam apanhar-lhes as frechas pelo chão e servi-los enquanto pelejam. Gente é esta muito atrevida e que teme muito pouco a morte, e quando vão à guerra sempre lhes parece que têm certa a vitória e que nenhum de sua companhia há de morrer. E quando partem dizem, vamos matar: sem mais consideração, e não cuidam que também podem ser vencidos.<sup>16</sup>

Era muito comum, porém que o conquistador tivesse a visão de que os povos dessas terras recém descobertas os vissem como sendo de origem divina.

Colombo, assim contava:

Disseram-se muitas outras coisas que não pude compreender, mas pude ver que estava maravilhado com tudo...(diário, 18.12.1492)... são crédulos, sabem que há um Deus no céu, e estão convencidos de que viemos de lá ... (diário, 12.11.1492)... achavam que todos os cristãos vinham do céu, e que o Reino de Castela ali se encontrava, e não neste mundo...(diário, 16.12.1492)<sup>17</sup>.

Ou como escrevia Nóbrega em suas cartas:

Todos querem e desejam ser Cristãos; mas deixar seus costumes lhes parece áspero. Vão, contudo pouco a pouco caindo na verdade.<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> idem, p.13

<sup>17</sup> TODOROV, 2003, P.57

<sup>18</sup> NÓBREGA, 1988: p. 114 – Carta aos Padres e Irmãos - 1551

Os Gentios aqui vêm de muito longe a ver-nos pela fama, e todos mostram grandes desejos. É muito para folgar de os ver na doutrina, e, não contentes com a geral, sempre nos estão pedindo em casa que os ensinemos, e muitos deles com lagrimas nos olhos.<sup>19</sup>

Estão espantados de ver a majestade com que entramos e estamos, e temem-nos muito, o que também ajuda.<sup>20</sup>

Falamos do europeu, do português e do espanhol, porém nosso foco, deve e está voltado para o cristão português.

Esse português que no século XVI tinha essa imaginação fervilhante, cheia de conteúdos míticos, que possuía um falar livre sem os rebuços dos letrados, enfim, o povo português quinhentista, que seguia leis severas de um reino corporativo, onde como nos diz Capistrano de Abreu (1907), *“As cominações penais não conheciam piedade. A morte expiava crimes tais como o furto do valor de um marco de prata. Ao falsificador de moeda infligia-se a morte pelo fogo, e o confisco de todos os bens”*<sup>21</sup>

Toda a cultura da sociedade portuguesa quinhentista era estruturada com referência ao sagrado e aos preceitos da Santa Fé Católica, onde a presença ou onipresença divina acontecia em toda e qualquer circunstância, em qualquer situação.

---

<sup>19</sup> NÓBREGA, 1988 : p. 115-116 Carta aos Padres e Irmãos - 1551

<sup>20</sup> NÓBREGA, 1988: p. 75 – carta ao Padre Mestre Simão Rodrigues de Azevedo

<sup>21</sup> ABREU, 1907-2004:p.46)

Essa organização cultural se dava sob a forma de um corpo social definido como o Reino, que se entrelaçava com outro corpo formado pela Igreja, onde qualquer mediação seria feita por esses corpos sociais e em última instância, Deus era a referência. Paiva<sup>22</sup> nos coloca que essa constituição social se dava como *um corpo, em graus superpostos: o corpo social, o corpo místico de Cristo, o universo*.

Culturalmente, a sociedade portuguesa do século XVI se caracterizava pela cimentação religiosa de todo o seu fazer. A última explicação do por que as coisas eram tais quais eram estava na religião, ou seja, na sua referência ao sagrado. O poder do rei, a organização da sociedade, as instituições, os valores, os costumes, as expressões, tudo enfim tinha sua razão de ser na sacralidade, tudo tinha um caráter religioso.<sup>23</sup>

Nada era questionado quanto a essa cultura religiosa, pois tudo, absolutamente tudo, o comércio, os estudos, as conquistas, todos ordenavam seus esquemas através da dogmática e da apologética religiosa, onde se chamava de Ciência, rainha de todas as rainhas, a Teologia.

Os valores, os costumes, a compreensão de vida estava imersa no mito cristão, onde a última realização se dá em Deus<sup>24</sup>, mito que ao longo da Idade Média europeia se elaborou, fundado na compreensão de uma ordem única que se funda em Deus, do qual todas as instâncias, subordinadamente, se plenificam,

---

<sup>22</sup> Religiosidade e Cultura : Brasil, Século XVI, uma chave de leitura

<sup>23</sup> PAIVA, 2002: p. 3

<sup>24</sup> Religiosidade e Cultura : Brasil, Século XVI, uma chave de leitura

assim se pondo<sup>25</sup>, garantindo ao Rei o direito a proeminência e conquista e sujeição de qualquer povo de qualquer terra conquistada.

Ficava assim mais fácil se compreender o Poder, pois ele estaria concebido fundado na Vontade de Deus e por consequência na do Rei.

O Rei era antes de tudo era aquele que dizia a justiça e o rei perfeito era o juiz perfeito. Que todo julgamento era pela vontade divina e que a boa dinastia nunca gerava um mau rei e, portanto um bom representante de Deus na Terra.

Porém, a necessidade de um bom reinado se fazia presente todo o tempo, dando até mesmo possibilidades de trocas de reis por não se cumprir um bom reinado. Era a forma de garantirem a permanência no reinado ou a legitimidade do golpe para assumir o reinado de outro, principalmente se o anterior regia sem competência, com tirania ou descaso. Ao levantar essa situação de troca de rei, ou de afirmar-se no reinado, invocavam “o *Direito das Gentes*”<sup>26</sup>. Dessa forma, o direito também sujeitava o Rei às leis, leis essas que na verdade ao receber a coroa, jurou defender, como nas Ordenações Afonsinas, por exemplo:

Quando Nosso Senhor Deos fez as criaturas assim razoaveis, como aquellas, que carecem de razom, non quis que fossem iguaes, mas estabeleceo, e hordenou cada hua sua virtude, e poderio de partidos, segundo o grao em que as pôs; bem assy os

---

<sup>25</sup> idem

<sup>26</sup> XAVIER & HESPANHA, 1992, p.128



Reys que em logo de Deos na Terra som postos para reger, e governar o povo nas obras que ham de fazer, assy de Justiça, como de graça, ou mercees devem seguir o exemplo daquello, que ele fez, e hordenou, dando, e distribuindo non a todos por hua guisa, mais a cada huu apartadamente, segundo o grão e condiçon, e estado de que for.<sup>27</sup>

Essas mesmas Ordenações dividiam a sociedade em estratos: os defensores, os que defendem o povo; os que rogam pelo povo, os oradores; dividindo ainda em “*estados limpos (letrados, lavradores e militares) e estados vis (oficiais mecânicos, ou artesãos) e dos privilegiados (que pela milícia ou pela Arte se livraram das profissões sórdidas)*”<sup>28</sup>.

Em todo esse universo religioso é que estavam os fatos gerados por seus atores sociais, seus costumes, seus ritos e símbolos, suas vestimentas e linguagem, tudo fazendo a cultura do português cristão quinhentista.

O pensamento social, político medieval é dominado pela idéia da existência de uma ordem universal (cosmos), abrangendo os homens e as coisas, que orientava todas as criaturas para um objetivo último, que o pensamento cristão identificava como o próprio Criador<sup>29</sup>.

A sociedade portuguesa, para a glória e satisfação de um imaginário eminentemente cristão, estaria no mundo para realizar os planos do Criador, portanto, tudo e todos que não pudessem caber na inquestionável obediência e

---

<sup>27</sup> XAVIER & HESPANHA, 1992, p.128

<sup>28</sup> idem, p.132

<sup>29</sup> idem, p.122

pertença ao cristianismo, somente poderiam ser avaliados como inferiores, como infiéis e hereges, tal qual as bruxas, os árabes, os judeus, tão mancomunados com o Diabo.

Chega então esse Portugal às Terras Brasileiras, com o espírito avivado com relação aos sentimentos de cumprir a missão de propagar a fé cristã, com um intuito exorcista de eliminar os demônios e fantasmas que, através de milênios teriam povoado estes mundos remotos, onde a força de Deus se batia com as artimanhas do Diabo e ocupada por seres infiéis e de práticas pagãs, mas ligado ao racionalismo português que se desenvolvia, prometia ainda essa terra, o fornecimento de material para exploração e o comércio.

A convivência do europeu com os nativos da África, Ásia e América significou, para esses povos, castração e imposição cultural, tal o etnocentrismo que a caracterizava, tal a racionalidade que conduzia sua política, tal sua força militar.<sup>30</sup>

Chegam então esses portugueses, *fedentos e escalavrados de feridas de escorbuto*<sup>31</sup> com a intenção de transformarem *indígenas esplendidos de vigor e beleza*<sup>32</sup> em querubins, caciques em “Guaixará” e jovens adolescentes em “outros tantos diabos”, pois que se defrontam com formas diferentes de amor, de mundo, de vida e morte e, acreditavam piamente que essa era uma forma diabólica de

---

<sup>30</sup> PAIVA, 2002: p. 46

<sup>31</sup> RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro – A Formação e o Sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<sup>32</sup> idem

viver, *uma ofensa à obra de Deus na terra, por isso não podia deixar de ser banida e extirpada como um tumor que ameaçava a Glória do Senhor*<sup>33</sup>.

---

<sup>33</sup> CARNOT, 2005, p.120

## **CAPÍTULO 1 - A EDUCAÇÃO COMO TRANSMISSÃO DE CULTURA, QUE ENSINA E ALTERA COSTUMES.**

Durante o tempo de estudos e pesquisas desde os tempos de mestrado, por ter vindo de uma área de investigação como a Psicologia, parto do princípio que a conversão e na educação transmitida aos indígenas houve diversas falhas, como já pude mostrar em a Destribalização da Alma Indígena, falhas essas que existiram pelas vivências dos atores sociais em seu tempo e em resposta a suas ansiedades. Tenho constantemente pensado que entre essas falhas, qual a mais importante na educação, na conversão e na catequese.

Seria um “erro” didático? Seria um “erro” baseado no “*depositum*” da verdade revelada onde o jesuíta “professava” suas concepções e conceitos?

Será que esse “erro” se encontra no indígena, no receptáculo desse “*depositum*” que talvez não estivesse apto a recebê-lo?

Gostaria de entender o ser humano como um portador de um vácuo. Não como uma tabula rasa, mas como um vácuo disponível a descobertas, a formas e cores, a necessidades, a curiosidades. Seriam a curiosidade e a necessidade, o próprio vácuo?

Parto desse ponto para afirmar que os vácuos pré-existem, para que as formas e conteúdos possam vir a existir. O vácuo é a Idéia, a Concepção Primeira, a Fecundação Cósmica, assim como “Primeiro foi o Verbo”.

C.G. Jung nos diz que o inconsciente possui todos os materiais psíquicos que existem na consciência de um indivíduo, inclusive as percepções sublimais<sup>34</sup> e, principalmente, aqueles materiais que não alcançaram o limiar da consciência, mas que servirão para que o indivíduo receba tudo aquilo que poderá advir com a aculturação que virá a acumular em sua vida.

A educação seja ela a de transmissão de cultura ou a educação formal, escolar, com a função de nos colocar em “fôrmas”, nos dá preenchimento desse vácuo, sem que faça entender a necessidade ou que nos permita buscar a curiosidade de desvelar o véu que cobre o universo das coisas, as essências. O homem somente aprende algo que sirva para atender sua curiosidade ou uma necessidade.

Assim é a educação, nos oferece importantes informações e conceitos, sem que nos provoque a busca.

Em “Les secrets de la maturité, Hans Carossa (Apud Bachelard-1990, p.7) diz: *“o homem é a única criatura da terra que tem vontade de olhar para o interior*

---

<sup>34</sup> sublimais – origem sublimação = lat. *sublimatio,ónis* 'ação de elevar, exaltar', pelo fr. *sublimation* (1274) 'elevação, exaltação', (1856) 'ação de purificar', (1904) - modificação da orientação originalmente sexual de um impulso ou de sua energia, de maneira a levar a um outro ato aceito e valorizado pela sociedade; transformação de um motivo primitivo e sua colocação a serviço de fins considerados mais elevados [A atividade religiosa, artística e intelectual são exemplos típicos de sublimação.

*de outra*". A palavra vontade usada por Carossa, me faz buscar outros conceitos como desejo, curiosidade, afã, tesão, necessidade. É essa vontade de olhar para o interior das coisas que torna a visão aguçada, penetrante, pronta para descobrir uma intenção, uma utilidade, uma função. É o violar o segredo, tal qual uma criança que abre seu brinquedo para ver o que há dentro. Nós adultos, por falta de memória de nossa infância, queremos atribuir esse abrir o brinquedo como uma intenção destrutiva. Mas a criança, o humano em nós, *"busca ver além, ver por dentro, em suma, escapar a passividade da visão"*<sup>35</sup>.

O homem aculturado, "educado", olha para essa estrutura externa e não vê a profundidade do brinquedo, mas a criança, possuidora de um vácuo ainda não preenchido pela história, faz com o brinquedo o que a educação não sabe fazer e a imaginação realiza magistralmente, seja como for, descobre sua profundidade, sua substância, seu oculto.

Capta a criança, imagens tão numerosas, tão variáveis e tão confusas que despertam cada vez mais as nuances sentimentais de sua curiosidade. *"Toda doutrina da imagem é acompanhada, em espelho, por uma psicologia do imaginante"*<sup>36</sup>.

Assim, encontro um dos enganos da educação, o não preencher o vácuo humano com o desejo, com a vontade e sim com o que as concepções adultas pensam ser importantes.

---

<sup>35</sup> BACHELARD, 1990,p.8

<sup>36</sup> idem

Mas, se procurarmos outras falhas com relação ao ensinar e ao aprender, esbarramos na filosofia que muitas vezes trabalha com essa busca da profundidade das coisas de forma dogmática, *“que tolhe brutalmente toda curiosidade voltada para o interior das coisas”*<sup>37</sup>. Para esses filósofos da educação que assim pensam, a profundidade das coisas é ilusão, que a criança pergunta, mas que não deseja realmente saber e que, se lhe explicarem superficialmente, satisfarão sua necessidade.

Em verdade, essas questões não perturbam esses filósofos. Nessas questões que a *“a educação não sabe fazer amadurecer, a filosofia condena o homem a permanecer, como ele diz, ‘no plano dos fenômenos’”*.<sup>38</sup> Tudo não passa de aparência. Inútil ir ver, mais inútil ainda imaginar, mas se esquece que a natureza “esconde” como função primária da vida, protege, abriga, guarda, reserva e, esse interior tem funções de trevas, de guardar aquilo que a curiosidade ou a necessidade necessitam iluminar.

Magie, uma personagem de Henri Michaux<sup>39</sup>, em um de seus conselhos diz: *“ponho uma maçã sobre a mesa. Depois ponho-me dentro dessa maçã. Que tranqüilidade”*. Flaubert<sup>40</sup> dizia a mesma coisa: *“a força de olhar um seixo, um animal, um quadro, senti que eu estava neles”*.

Somente o poeta e seus personagens sabem do interior das coisas.

Não poderia ser a educação uma poesia?

---

<sup>37</sup> idem, p.9

<sup>38</sup> idem, p.9

<sup>39</sup> BACHELARD, 1990 apud, p.11

<sup>40</sup> BACHELARD, 1990 apud, p.11

Francis Ponge<sup>41</sup> busca o entender das coisas da seguinte forma; *“Proponho a todos a abertura dos alçapões interiores, uma viagem na espessura das coisas, uma invasão de qualidades, uma revolução, ou uma subversão comparável àquela operada pela charrua ou pela pá, quando, de repente e pela primeira vez, são trazidos à luz milhões de fragmentos, lamelas, raízes, vermes e bichinhos até então enterrados”*.

A educação é e sempre foi um caleidoscópio, que mostra os mais diversos e belos desenhos e formas, mas não me conta que por mais que mude, as peças que são sempre as mesmas, estão presas numa caixa. A mim, agrada mais o microscópio ou a luneta, que são instrumentos da curiosidade.

A educação conserva em si a manutenção da verdade revelada da Idade Média, onde não se podia buscar o cerne das coisas, acredita ainda hoje que *“o cisne de esplendorosa brancura é todo negrume no interior”* ... Essa “verdade” medieval, que permanece nos conceitos da escola, do ensinar, do aprender, teria sido quebrada através de um pequeno e simples exame, para saber que *“... o cisne não é muito diferente, em suas cores, do interior do corvo. Se apesar dos fatos, a afirmação do negrume intenso do cisne é tão amiúde repetida, é por satisfazer a uma lei da imaginação dialética. As imagens que são forças psíquicas primárias são mais fortes que as idéias, mais fortes que as experiências reais”*.<sup>42</sup>

---

<sup>41</sup> BACHELARD, 1990 apud, p.10

<sup>42</sup> BACHELARD, 1990 p.17



Como disse Jean Paul Sartre, é preciso inventar o âmago das coisas, se quisermos um dia descobri-lo.

Não sei se estou conseguindo passar ao leitor a total significância da idéia do preenchimento do vácuo através de uma educação que olhe para dentro das coisas. Quando falo de “dentro das coisas” não estou com isso falando de interior tão somente, mas da essência, do âmago. Veja este exemplo: certa vez, caminhando com meu filho, que tinha então quatro anos, pelas ruas do bairro onde resido, ruas com terrenos vazios e onde se pode ter contato bastante grande com a natureza, pude brincar de “investigar”.

Andávamos por uma dessas ruas, quando eu encontrei pegadas de um cavalo. Conhecendo esse espírito de investigação e da curiosidade que emana do meu filho, mostrei a ele as pegadas. Imediatamente ele disse: “que legal... você descobriu essas pegadas do cavalo branco...”. Perguntei como ele poderia saber a cor do cavalo que havia passado por ali. Sua resposta foi simples: “vamos seguir as pegadas e a gente pode saber e eu estou certo...” Aceitei a proposta e saímos seguindo as pegadas. Em alguns pontos onde a terra estava mais firme, as pegadas sumiam, mas ele como toda sua curiosidade, buscava novas evidências e encontrava as pegadas seguintes. Andamos lentamente e olhando para o chão das ruas de terra por mais ou menos duas horas, sem que ele desistisse ou mostrasse sinais que não mais se importava com a brincadeira. Andamos precisamente quatro quilômetros até chegarmos a um local onde se localizam algumas baias e lá estavam alguns cavalos. Havia um branco e ele se convenceu e, quase me convenceu também, de que estava certo.

Esse vácuo da curiosidade foi preenchido, a perspectiva de intimidade da coisa, do evento, mostrou um interior maravilhoso, um interior esculpido de fantasias, da mesma forma que se abrisse um geodo e um mundo cristalino houvesse sido revelado.

É dessa qualidade de vácuo que falo e que a educação não é capaz de preencher, não por falta de conteúdo ou de forma, mas da maneira de trabalhar a curiosidade e a necessidade. Não basta a natureza conter formas incríveis na molécula da água ou no floco de neve, conter eflorescências, arborescências e luminescências se não for possível dar o desejo dessas descobertas. Repito, a educação não sabe fazer isso, mas a imaginação faz com perfeição a alquimia das descobertas.

Jung fala da alquimia em seus estudos ligando o sonho da profundidade das substâncias<sup>43</sup> à busca do *self* através do mergulho no inconsciente. *“Se o alquimista fala do mercúrio, ele pensa” exteriormente “no argento vivo, mas ao mesmo tempo acredita estar diante de um espírito escondido ou prisioneiro da matéria”*<sup>44</sup>.

A curiosidade é como um sonho de descoberta das virtudes secretas das substâncias, ao tentar descobrir pela curiosidade ou pela necessidade, a essência das coisas, é como sonhar como o secreto em nós. *“Os maiores*

---

43 No *aristotelismo* e na *escolástica*, realidade que se mantém permanente sob os acidentes múltiplos e mutáveis, servindo-lhes de suporte e sustentáculo; aquilo que subsiste por si, com autonomia e independência em relação às suas qualificações e estados . Algo que está além, sob as aparências.

<sup>44</sup> cf. Jung. **Psychologie und Alchemie**, p.399 . apud Bachelard, p. 39

*segredos de nosso ser estão escondidos de nós mesmos, estão no segredo de nossas profundezas”* <sup>45</sup>.

É exatamente a partir da curiosidade sobre essas essências, sobre essa alquimia, que pesquisei meu trabalho em Educação, História e Cultura. Minha tese, vem responder a esse meu anseio, entender o mito que fazia com que homens saíssem do conforto de seus lares ou mosteiros para conquistarem terras novas e imporem seus dogmas a povos cuja explicação da vida estavam baseadas em outros mitos.

Vejo o mito como um sistema de conhecimento, velado, porém, mesmo assim, exaustivo, do inefável e do divino. É o mito a curiosidade aliada à necessidade da explicação de si e sua relação individual com o Universo.

Acontece, porém, que a catequese, a imposição de cultura, a educação, negam a individualidade do homem, negam seus vácuos e seus mitos, gerando vácuos novos e que não podem ser preenchidos com aquilo que existe na verdade daquele que foi conquistado. *“O mito não é um mito, e sim a própria verdade”* <sup>46</sup>.

Negar essa individualidade é um absurdo e a criança sabe disso. O homem por mais que não queira aceitar, pois tenta se proteger de sua incapacidade de buscar as essências tem pleno conhecimento que a consciência é individual, que a busca é individual, que a curiosidade é individual e que ela faz parte da substância e da “coisa em si”.

---

<sup>45</sup> Bachelard, p.39

<sup>46</sup> GUSDORF, 1959, p.13

Mas para o homem quando despido de suas aculturações e carapaças de defesas contra suas emoções, “a coisa em si” precisa ser explicada. O que lhe resta então é estruturar essa explicação sob a forma de representação. Para representar colhe do externo e divino e interioriza tal representação em sua essência. Novamente o mito é criado.

Em todo o tempo de bancos escolares, infelizmente não tive a atenção que poderia ter em relação à mitologia. Tive uma idéia precária de tal assunto, que não me mostrou quanto essa força criadora que norteou o rejuvenescimento constante dos mitos na esfera grega, assíria, egípcia e como essa atividade do espírito antigo agia de modo essencialmente poético e artístico, da mesma forma que para o homem moderno, tem a ciência contribuído para nossa evolução.

Assim, novamente digo que a questão a ser respondida com esta pesquisa é de como vivia o povo indígena com essa experiência que chamo “o mito de Deus”, quer fosse o Deus Cristão, quer fosse o deus ñande ru Pa-Pa Tenodé<sup>47</sup>

Por isso, o objeto a ser trabalhado nesta tese é o mito como instrumento educacional de transmissão de cultura, fazendo uma análise de como o mito cristão era entendido pelos portugueses e jesuítas no século XVI e imposto violentamente aos indígenas desse mesmo tempo.

A pesquisa desta temática buscará a relação do mito cristão em união com mitos e lendas do povo árabe, invasor da península ibérica, além dos mitos e

---

<sup>47</sup> Em língua ancestral Tupi, o abañeenga, significa “nosso Pai Primeiro”

lendas oriundas do “*oceanus inavigabile*” por ocasião dos descobrimentos, quando marinheiros narravam histórias fantásticas de Homens-cavalo, homens gigantes de um único pé, ciclopes e amazonas, e, outros mitos do *mirabilis* no mundo conhecido do século XVI, de encontrar as diferenças e semelhanças com os mitos europeus.

Pesquisar ainda o mito como instrumento educacional de transmissão de cultura, através da narrativa, da educação falada e contada, amplamente utilizada pela pedagogia jesuítica que utilizou todos os conceitos, tanto de mitos como de pecados e tabus, para catequizar e converter os indígenas à Santa Fé Católica.

Essa é minha busca através da curiosidade, mostrar que a educação só poderá ser eficaz no momento em que trabalhar com os mitos, os mitos do descobrir, os mitos de desvelar, o mito do vácuo.

## CAPÍTULO 2 - O MITO

No atual quadro do desenvolvimento científico, é cada mais comum se falar em “interdisciplinariedade”, conceito que traduz um modo novo de lidar com os objetos de estudo, com os planos teórico e metodológico da pesquisa, e, especialmente, com o papel do cientista diante do universo que busca compreender e/ou explicar.

Tendo como coadjuvantes conhecimentos que vão da Psicanálise à Antropologia e à Arte, da Sociologia à Filosofia e à História, os estudos em Educação fazem um percurso que recoloca a questão epistemológica do próprio estatuto da ciência de transmissão de cultura.

Onde buscar respostas?

Como opção de caminho, busquei as respostas na ontologia clássica e no mito como bases, como alicerces do que pretendo construir no que tange à Educação como transmissão de cultura.

O mito foi quase sempre considerado o produto de uma forma de conhecimento do mundo, dos fatos de conhecimento do mundo, dos fatos naturais e sobrenaturais, organizada de modo alegórico, a ponto de mostrar poeticamente a relação entre homem e universo; ou um modelo, um arquétipo, que, mesmo

mudando de vez em quando de acordo com conteúdos históricos e geográficos peculiares, tem sempre a mesma estrutura formal, ligada ao mecanismo de funcionamento da psique humana; ou, enfim, um método religioso de aproximação da concepção sagrada da existência em que o mito é tido como um sistema de conhecimento, velado, porém, mesmo assim, exaustivo, do inefável e do divino.

Não importa se o mito define o início do mundo ou o mundo define o início do mito, O que importa enfim é que o mito nasce com o humano, pois tudo o que existe no mundo é visto sob o olhar do humano.

Tendo esse homem um pecado original como faz parte da nossa cultura ou uma forma original de ter vindo ao mundo como a partir do caos, ou da escuridão, todos os humanos reconhecem sua identidade através da natureza e das coisas humanas.

Durante toda sua vida, os homens que são igualmente homens, nascem de uma mesma forma e morrem de uma mesma forma, no entanto, não só com características físicas diferentes, não só com valores diferentes, com definições espirituais diferentes, com mitos diferentes, mas todos explicam essas igualdades e diferenças através do mito.

A função dos mitos não é denotar uma idéia herdada, mas sim, um modo herdado de funcionamento, que corresponde à maneira inata pela qual o homem nasce e se relaciona em sua vida vivida.

O ser humano não nasce com papéis em branco como uma *tabula rasa*, ao contrário, estava preparado para as experiências da vida humana, do mesmo

modo que os pássaros estavam, de maneira inata, prontos para construir ninhos ou a fêmea da tartaruga marinha estava preparada para retornar ao local onde nasceu para lá botar os próprios ovos. Mas algumas muitas das situações típicas do homem, relativas à condição humana são representadas pelos mitos apreendidos e esses mitos dão ao homem a predisposição para experimentar os conceitos de mãe, pai, filho, Deus, Grande Mãe, velho sábio, nascimento, morte, renascimento, separações, rituais de cortejo, casamento, e assim por diante.

O mito se forma sob as características de imagens primordiais, de fatores e motivos que coordenam os elementos psíquicos do homem, que só podem ser reconhecidos como formadores do mito após terem efeito na vida do homem.

Dessa forma, os conteúdos míticos pertencem à estrutura psíquica dos indivíduos enquanto “... *possibilidades latentes, tanto como fatores biológicos como históricos...*”<sup>48</sup>

Os *mitos* não se difundem apenas pela tradição, linguagem ou migração. Eles podem surgir de forma espontânea em qualquer tempo ou lugar sem serem influenciados por transmissão externa. Pode-se considerar, portanto, que em cada psique existem verdadeiras prontidões vivas ativas, que embora inconscientes, influenciam o sentir, o pensar e o atuar do homem mítico. Essas imagens de prontidão são imagens arquetípicas que na mente consciente, desenvolvem um jogo entre as realidades interna e externa do homem que sofre pressão pessoal e cultural do tempo e do lugar em que estão inseridas.

---

<sup>48</sup> JACOBI, 1991, pág.39.



Por esse motivo, o mito é normalmente milenar e universal ao grupo social em que atua, é parte do inconsciente coletivo, pois são disposições herdadas pela humanidade. Manifesta-se ou produz imagens e pensamentos. Os conteúdos do inconsciente pessoal são aquisições da existência individual, ao passo que os conteúdos do inconsciente coletivo, são *arquétipos* que existem sempre e *a priori*.

A definição de mito é, basicamente, a concepção de homem plenamente relacionado com tudo o que existe em seu contorno. O homem é o todo de suas relações, pois recebe as mesmas influências arquetípicas que todos os homens de seu grupo social recebem, mesmo sendo individual e possuindo características únicas.

Essa é a relação mágica do mito. O homem crê que vai chover para molhar sua plantação e realmente chove. Chove por condições climáticas, mas para o homem envolvido no mito, chove porque os deuses assim o permitiram, não só para ele, mas para aqueles que juntamente com ele vivem o mito. Dentro do mito, o homem opera sobre o existente e sobre sua consciência de mundo. No mito o homem vive dentro e fazendo parte do todo, não como uma soma de partes, mas como uma parte representando o todo.

Ontologicamente, o mito traz consigo a missão de mostrar em termos gerais a existência do ser, não deste ou daquele ser concreto, mas do ser em geral, pois o homem sempre buscou e buscará as respostas de quem é, de onde vem, para onde vai, se é que vai para algum lugar ou condição.

Para estruturar seu conhecimento sobre si mesmo e sobre a natureza a que pertence, foi necessário ao homem, criar uma linguagem que pudesse dar conta de transcrever sua realidade, afinada com seu próprio conhecimento de mundo.

No entanto, sempre foi tarefa impossível, tanto ao homem primitivo como ao homem da modernidade, definir o que é o homem, o que é o ser, ou mesmo quem ele é.

Cada vez que tentamos definir o homem como um ser, deparamos com outros conceitos a serem elaborados, pois a cada qualidade de homem, a cada origem cultural ou geográfica, de cada época, os conceitos se modificam, as definições se tornam mais errôneas, caso se tente colocar o homem dentro de um só conceito.

Claro que sabemos o que é o homem, claro que o homem conhece a si mesmo, porém, ao perceber-se diante do outro, diante de desejos e anseios tão diferentes entre si, associados a “coisas” tão distintas, se obriga novamente a uma análise de si e do todo.

É nesse anseio que o homem se pergunta quem é, não deixando de perguntar quem é o outro na relação de troca, de parceria, de mutualidade.

O mito do homem necessita demonstrar essa origem e esse fim escatológico<sup>49</sup>.

---

<sup>49</sup> Da escatologia, doutrina que trata do destino final do homem e do mundo; pode apresentar-se em discurso profético ou em contexto apocalíptico.

Necessita o homem agregar valor às definições, quer com objetos que se agregam dando qualidade às coisas, quer transformando os objetos ideais em personificações.

A fortaleza do deus sol era construída sobre esplêndidas colunas, e brilhava coberta de reluzente ouro e rubis flamejantes. O frontão superior era emoldurado por marfim alvo e brilhante, e os portões duplos eram de prata, ornamentados com impressionantes relevos esculpidos por Hefáistos, representando a terra, o mar e o céu com seus habitantes.<sup>50</sup>

Hélio, vestido com um manto de púrpura, estava sentado sobre o seu trono, ornamentado com esmeraldas. À sua direita e à sua esquerda estava o seu séqüito, o Dia, o Mês, o Ano, o Século e as Horas. Do outro lado a Primavera, com sua coroa de flores, o Verão com suas espigas de cereais, o Outono com uma cornucópia cheia de uvas e o Inverno com seus cabelos brancos como a neve.<sup>51</sup>

Sem que se fique preso a definições religiosas de uma ou outra crença, necessita ainda o homem buscar respostas através dos mitos, que possam confirmar sua percepção de mundo. “Eu existo, o mundo existe, os deuses existem e as coisas existem”. Mas existem sem mim? Existem independentes de minhas representações? Ao perceber-se distinto ao olhar o outro, ao reconhecer-se em outro, o homem mítico percebe existirem definições diferentes para o “ser

---

<sup>50</sup> Mito de Faetonte – Ovídio – <http://www.victor.hpg.ig.com.br/mitologia/mitologia.htm> - nov2005

<sup>51</sup> idem

em si mesmo” e o “ser o outro”, o que sugere as relações e o obriga a entrar em contato com o real e suas representações de mundo, e suas explicações para esse mundo.

Esses dois significados equivalem a estes outros dois: a existência e a consistência. A palavra “ser”, significa também consistir, ser isto, ser aquilo. Quando perguntamos: que é o homem? Que é a água? Que é a luz? Não queremos perguntar se existe ou não existe o homem, se existe ou não existe a água ou a luz. Queremos dizer: qual é a sua essência? Em que consiste o homem? Em que consiste a água? Em que consiste a luz... <sup>52</sup>

Dessa forma, para que uma estrutura mental possa ser montada, o homem tentará buscar no mito a essência de sua vida, do porquê do sol e de como surgiu, do porquê das chuvas da boa e da má colheita, da boa e má sorte na caça, do existir do dia e da noite e, mesmo depois de cientificamente ter certezas de suas definições, guarda dentro de si sob a forma do pensamento da criança, o homem primitivo que crê e vive o mito. O mito da essência, da origem no divino e da busca de sua existência.

Honrado pai, na terra todos me ridicularizam e respondem minha mãe Clímene. Afirmam ser falsa a minha origem divina, dizendo que sou filho bastardo, de um pai desconhecido. É por isso

---

<sup>52</sup> MORENTE, 1930: 62.

que estou aqui, para pedir-lhe um sinal que prove a todos na terra que sou seu filho.<sup>53</sup>

Cria então, o homem, um mito para mostrar sua existência, pois o mito é a própria representação do real, não estando fora da realidade e sim formulando “*um conjunto de regras precisas para o pensamento e para a ação*”.<sup>54</sup> Não se pode encarar o mito como constituído de um puro e simples pensar de forma fabulosa, análoga ao sonho, ao devaneio ou à poesia.

A consciência mítica desenha a configuração do primeiro universo<sup>55</sup>

A imagem do mundo desenhada por essa consciência mítica, pela consciência da essência do ser e sua existência, se afirma e se reafirma através de uma paisagem do grupo social, paisagem esta que não se prende somente a uma configuração geográfica ou mesmo física, mas envolvida por uma visão moral e espiritual do povo.

A filosofia, ao descobrir no caminhar das estrelas a mesma exigência do bater do coração do homem, reconhece nos milênios da evolução social e humana, o primeiro desenho dos universos feito pelo homem primitivo, sem saber,

---

<sup>53</sup> Mito de Faetonte – Ovídio – <http://www.victer.hpg.ig.com.br/mitologia/mitologia.htm> - nov2005

<sup>54</sup> GUSDORF, 1960: 22.

<sup>55</sup> GUSDORF, 1960: 51.

que em verdade já sabia a diferença entre a física e a metafísica. *“É próprio do mito, pois, dar sentido ao universo”*.<sup>56</sup>

Porém, o homem mítico se depara com outra pergunta: por que somos tão distintos? Porque os seres possuem qualidades diferentes, que os transforma em outros? Se todos têm a mesma origem no divino e se os deuses são como são, por que criaram nos seres tantas diferenças?

Entende o homem, que independente de sua percepção de universo e as explicações que pode dar sobre deuses, sobre as horas e sobre os tempos e as colheitas, ainda havia que tentar evidenciar as diferenças e as qualidades das coisas chamadas por ele de seres.

A carruagem descia cada vez mais e, passado um instante, já estava perto de uma montanha. O solo então se abriu por causa do calor e, como todos os líquidos secassem subitamente, começou a arder. As pastagens ficaram amarelas e murchas, as copas das árvores das florestas incendiaram-se, logo o fervor chegou à planície, queimando as colheitas, incendiando cidades, países inteiros ardiavam com sua população. Picos, florestas e montanhas estavam em chamas, e foi então que os povos da Etiópia ficaram negros. A Líbia tornou-se um deserto.<sup>57</sup>

Os seres possuem qualidades que agregam valores a esses seres. Definem as diferenças de hábitos, de raças, de culturas, de deuses a serem adorados e demônios a serem rechaçados, de bem e mal, de batalhas, de povos a

---

<sup>56</sup> GUSDORF, 1960:52.

<sup>57</sup> Mito de Faetonte – Ovídio – <http://www.victer.hpg.ig.com.br/mitologia/mitologia.htm> - nov2005

serem dominados ou convertidos, de deuses de conquistadores que se transformam em demônios para os povos conquistados. Que fazem ricos imperadores serem deuses e pobres escravos mortais.

Onde estarão essas explicações? No *topos ouranōs*<sup>58</sup> ? Nos mundos “sensível e inteligível” definidos por Parmênides? Por Sócrates, por Platão ou Aristóteles?

O homem mítico necessita mostrar *“que os sentidos, o espetáculo heterogêneo do mundo com seus variados matizes não é o verdadeiro ser, mas antes é um ser posto em interrogação, é um ser problemático que necessita explicação”*,<sup>59</sup> explicação sobre as coisas sensíveis e por trás delas o intemporal e o eterno.

O mito poderia ser considerado como a arquitetura do universo desenhado pelo homem. Tudo está diante de nós, todas as coisas estão exposta e nós também fazemos parte dessa multiplicidade de coisas que compõe e constituem o real.

O que se pode afirmar, no entanto é que através do mito o homem se relaciona com o outro, pensa os deuses, vive e conhece as relações da comunidade que habita. Define tarefas coletivas e individuais, na defesa e na guarda da comunidade, na coleta, na caça e na colheita, dando a tudo isso a forma estruturada do partilhar vivências e para vivenciar a mutualidade.

---

<sup>58</sup> O mundo dos deuses. Também chamado de *topos noetōs* o mundo das idéias

<sup>59</sup> MORENTE, 1930: 97.

A relação com o coletivo serve às necessidades biológicas de alimento de si e da prole, da procriação e da guarda do patrimônio genético, mas serve também para atender, com base numa estrutura psíquica, ao espírito em suas necessidades de viver ou estruturar a experiência tribal. Para Hollis (1998), “*Quem a pessoa é, define-se em parte por ‘de quem’ ela é – a quem ou com qual propósito está comprometida*”.

Nas sociedades em que possa haver um colapso de um mito central, se esvai a essência psicológica preciosa. O homem perde o sentido de seus conteúdos míticos e se reativam seus conteúdos primitivos, onde os valores diferenciados são substituídos pelos elementos de poder e prazer em uma minoria e expondo as outras camadas ao vazio e ao desespero.

O mito central é de tão vital importância que sua perda acarreta uma situação apocalíptica, quebrando-se o círculo mágico em que o homem está inserido, rompendo-se a relação do ego com seu criador, tendo esse indivíduo que perguntar novamente e seriamente: “qual o sentido da vida?” Não há sentido na vida, pois a vida deve ser vivida e não sentida, no entanto, isso só pode ocorrer e as perguntas serem feitas, se o círculo mítico estiver circundando a existência do homem.

É a perda de nosso mito continente que está na raiz de nossa angústia individual e social, e nada, a não ser a descoberta de um novo mito central, vai resolver o problema para o indivíduo e para a sociedade.<sup>60</sup>

---

<sup>60</sup> EDINGER, 1999: p.11.



Se o mito não é a própria ontologia, a própria metafísica<sup>61</sup>, é, com certeza a saga do herói chamado ser humano em sua luta ontogônica<sup>62</sup>. Esse herói mítico usa suas armas para viver a vida a ser vivida. Usa suas quatro armas, o saber, o ousar, o querer e o calar, para tal qual Faetonte, obter a resposta do deus criador, mesmo que tombe em combate na luta contra a finitude humana.

Faetonte, com os cabelos em chamas caiu como uma estrela cadente. E o rio Pó recebeu sua carcaça carbonizada, ante o olhar estupefato de seu pai. As náiades daquela terra depositaram seu corpo num túmulo e nele gravaram o seguinte epitáfio:

"Aqui jaz Faetonte: Na carruagem de Hélio ele correu; E, se muito fracassou, muito mais se atreveu".

A finitude humana vem da mesma origem da idéia de universo, uma noção adquirida, recebida como herança cultural através de sucessivas descobertas, determinações e invenções promovidas pelo homem, tal qual sua noção de espaço e de tempo.

O homem primitivo não vê o espaço como algo simplesmente continente, mas como um lugar absoluto. Não é o espaço ou o tempo tidos como

---

<sup>61</sup> *metà tà physiká* – metafísica – além das coisas físicas - estudo do ser enquanto ser e especulação em torno dos primeiros princípios e das causas primeiras do ser.

<sup>62</sup> *Óntos*: ente - *Ontogonia*: História da produção dos seres (entes) organizados sobre a Terra.

racionais ou funcionais, mas como partes estruturais de uma realidade, criando a definição de um acontecimento, de um âmbito.<sup>63</sup>

Esse contato com o universo, com a finitude e com o espaço mítico é o próprio princípio da experiência, o sentido de realidade envolvida e revestida com símbolos, figuras, intenções humanas, sejam agradáveis ou desagradáveis, gentis ou aversivas, com o sagrado ou o profano, enfim a própria experiência da realidade humana.

Porém, o espaço mítico primitivo ou mesmo das sociedades clássicas, tinham seu espaço vital como o altar, o espaço do sagrado, onde esse espaço mítico é o *“o verdadeiro ponto de apoio de seu pensamento porque é o ponto de apoio do mundo social e do mundo espacial”*<sup>64</sup>. Por esse motivo o homem mítico organiza seu espaço vital em torno, ao redor do espaço sagrado, espaço esse, não um marco de uma existência possível, mas sim como um lugar de uma existência real e que lhe dá sentido, pois ali moram seus deuses, moram seus mortos, seus pensamentos e desejos.

É nesse espaço mítico, o espaço sagrado, que o homem realiza seus rituais para uma boa marcha pelo mundo, é a aí que faz suas súplicas, realiza seus sacrifícios e sua magia propiciatória, onde suas forças vitais se encontram e se concentram.

Dessa forma, o homem mítico tem, deve e precisa estar sempre em contato com seu espaço, tempo e âmbito, onde se encontra o outro e com ele vive

---

<sup>63</sup> GUSDORF 1959

<sup>64</sup> GUSDORF ,1959: p.55

o grupo social, pois fora dessa relação tecida com o grupo social, o homem reduzido a si mesmo, está aniquilado, “*pois perdeu seu lugar ontológico e as referências que lhe outorgavam figura e equilíbrio*”<sup>65</sup>. E assim, encontra a morte, mesmo que no sentido figurado, pois morrer miticamente é a cessação das relações com o grupo social. O morto, o defunto, é *aquele que se livrou de suas obrigações frente à comunidade*”<sup>66</sup>, que não possui mais funções perante a vida (*defuncto*).

Vejamos o pensamento de Jung<sup>67</sup>:

Mal terminei o manuscrito, quando me dei conta do que significa viver com um mito e o que significa viver sem ele... [O homem] que pensa que pode viver sem mito, ou fora dele, como alguém sem raízes, não tem nenhum vínculo verdadeiro nem com o passado, ou com a vida ancestral que continua dentro dele, nem com a sociedade humana contemporânea. Esse seu brinquedo racional nunca capta o lado vital.

Nesse espaço mítico é que se encontra o sagrado e esse sagrado é tudo aquilo que se encontra sob os olhos do homem.

Diz Gusdorf:

---

<sup>65</sup> Gusdorf, 1959:p.92

<sup>66</sup> Gusdorf, 1959:p.92

<sup>67</sup> apud Rollo May, 1992:p.47

Porque a natureza, junto com a sobrenatureza, desvela ao ser toda sua totalidade. Consagra o estabelecimento ontológico da comunidade, pelo vínculo da participação fundamental entre o homem vivente, a terra, as coisas, os seres e ainda os mortos, que continuam freqüentando a morada de sua vida<sup>68</sup>

Viver no espaço mítico é viver no sagrado, pois o lugar, não é mais um lugar, e sim onde a vida acontece. Ali estão seus deuses, suas forças espirituais, os antepassados, a vida, o alimento, etc.

Os portugueses do Século XVI ao virem para o Brasil, trouxeram consigo seu espaço mítico e necessitaram sacralizar o novo território, construindo imediatamente após sua chegada, capelas, casas ao seu estilo, locais de reuniões, além de cristianizar o espaço em que viveriam. O espaço é uma das expressões da concepção de vida do homem, da cultura do homem, das relações sociais. Gostaria de afirmar que todos os povos, desde o início dos tempos, têm seu espaço sagrado, quando não todo ele.

No mundo mítico, tudo é mítico não só o homem, a natureza é mítica, as pessoas, a floresta, a chuva, o mar e as marés, os astros, cada qual com sua função, cada qual com sua participação, mas tudo fazendo parte do universo do homem mítico. Se desejarmos por esse motivo, ver através da razão, a lógica disso, não conseguiremos, pois o sentido do mito ou da vida, não existem, pois a vida como nos diz Campbell, não tem sentido, pois vida não é para ser sentida e

---

<sup>68</sup> GUSDORF.1959: p.55-56

sim para ser vivida, assim como não é justa, não é certa, pois é só vida e não justiça ou certezas.

O mundo é um processo daquilo que creio, diz o homem mítico. Pedir ao homem mítico que explique o mundo, é o mesmo que pedir ao peixe para explicar a água em que nada. O ser mítico talvez tenha uma compreensão mais profunda da vida, sem permitir o questionamento da racionalidade, pois explicar o mítico é saber que tudo é uma presença real.

O homem racional atende suas necessidades através de possibilidades conhecidas. O homem mítico reconhece que o mundo é feito de possibilidades e busca por elas, mesmo não as conhecendo, as observa, as testa e após tomar consciência delas, as utiliza.

O homem mítico sabe que não está sozinho, pois está conectado a tudo que o cerca. Ele é um criador efetivo do mundo, infiltrando esse mundo, de idéias e pensamentos. Vejamos por exemplo que a Terra é um planeta totalmente dominado por religiões. Deus é uma forma de explicarmos as experiências que temos no mundo que de alguma forma, são sublimes e transcendentais. Ele é a superposição dos espíritos de todas as idéias. Amamos aos deuses pois temos que amar o abstrato da mesma forma que amamos nossa vida.

Do ponto de vista antropológico-cultural, passou-se, de uma visão do mito como a modalidade mais primitiva que possa ser atribuída às cadeias de eventos quotidianos (exemplos: mito solar, mitos da fecundidade da terra), para uma visão do mito como atividade fundamentalmente criativa do indivíduo humano, tendo por objetivo a interpretação das realidades que, como as religiosas

ou as éticas e de valores, não são passíveis de serem circunscritas nem expressas em termos de pura racionalidade.

O mito exprime valores e aspirações que caracterizam a vivência de certo grupo sócio-cultural e, de qualquer maneira, polarizam as suas energias. Assim, por exemplo, no âmbito do judaísmo, o mito da justiça de Deus concentrava todas as tensões éticas e religiosas dos crentes.

Essas concepções levaram em conta dois fatos psicológicos: a hipótese de estruturas inconscientes específicas, os arquétipos, com a finalidade de captar realidades não racionais, mas emocional e vitalmente importantes, e a observação de que alguns grandes temas foram vividos e transmitidos sob a forma de mitos de maneira repetitiva nas várias culturas e épocas históricas.

Dentro da antropologia cultural e da psicologia do fenômeno religioso, o mito é visto como sendo a resultante de energias inconscientes que são ativadas por experiências históricas e que têm como finalidade, a realização de um “si-mesmo” individual ou de grupo, de certo modo imanente: a psique. A origem da ativação dessas forças pode estar ligada ou ser estimulada por eventos naturais, mas é depois atraída por personagens simbólicas não históricas (por exemplo: as várias deidades femininas que presidem os mitos da colheita dos frutos, da fecundidade, etc.) e que são o resultado, justamente, das projeções inconscientes individuais e coletivas.

Podemos considerar o mito como sendo a pré-história da filosofia, onde a consciência humana se estrutura nas origens do conhecimento.

A filosofia, busca entender o Estado, a Lei, o Direito, a Ciência, a Tecnologia e tantos outros conhecimentos, mas a filosofia, quando nasce, quer resgatar o saber do mito que se esvaia na cultura grega.

Conforme nos explica Joseph Campbell<sup>69</sup>, o mito vem para servir às necessidades humanas no sentido de conhecer o cosmo, a natureza, o outro e a si próprio.

Em primeiro lugar, no que se refere à questão cosmológica, serve o mito para abordar as questões teológicas, o plano da gênese e da escatologia.<sup>70</sup>

...diz respeito a se a pessoa entende como caos, ou um absurdo, o desenrolar de uma lei natural, ou percebe a presença de uma inteligência orientadora e a existência de um plano compreensível por trás do universo<sup>71</sup>

É o mito, a necessidade do homem de explicar com sua própria visão de uma paisagem completa, o início de tudo, das divindades e deidades benévolas ou malévolas e dos mistérios insondáveis que dão sentido ao cosmo. Onde o homem se relaciona com seus temores e sorve suas belezas.

Para o homem mítico, a vida não tem sentido algum, pois a vida é a própria experiência de estar vivo “*de modo de nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior do nosso ser e da nossa*

---

<sup>69</sup> apud James Hollis, 1998

<sup>70</sup> Principalmente no tocante ao tratado sobre os fins últimos do homem

<sup>71</sup> HOLLIS, 1998: 18.

*realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos*<sup>72</sup>

Em segundo lugar, continuando o mito a servir às necessidades humanas, surge o sentido metafísico, no esforço de apresentar a natureza do mundo à nossa volta. *"Qual é a nossa relação com o que é arquetipicamente chamado de 'A Grande Mãe', de cujo ventre viemos e para cujo seio retornaremos?"*<sup>73</sup>. A resposta a essa pergunta é a própria formação do mito, tão numinoso <sup>74</sup> quanto os deuses, tão luminoso quanto os astros sobre a cabeça do homem e tão fulgurante quanto os fenômenos naturais.

Outra alegoria mítica é a do bosque da vida para mostrar o ventre da grande mãe do qual nascemos e muitas vezes lá ficamos aprisionados, assim nos mostra Jung :

Outro símbolo materno igualmente comum é o bosque da vida... ou a árvore da vida. Primeiramente a árvore da vida pode ter sido uma árvore genealógica produtora de frutos, conseqüentemente, uma espécie de mãe tribal. Inúmeros mitos dizem que seres humanos nasceram de árvores, e muitos relatam como o herói havia sido aprisionado no tronco de uma árvore materna, como Osíris morto dentro de um cedro, Adônis dentro do mirto etc. Numerosas divindades femininas eram adoradas sob a forma de árvores, vindo daí o culto de árvores e bosques sagrados. Assim, quando Átis castrasse sob um pinheiro, ele o faz porque a árvore tem um significado

---

<sup>72</sup> CAMPBELL, 1990: p. 3

<sup>73</sup> HOLLIS, 1998:p.20

<sup>74</sup> do latim *numem* = mágico, enfeitiçante, um efeito dinâmico ou a existência que domina o ser humano independente de sua vontade.



materno. A Juno de Téspia era representada por um galho, a de Samos por um prancha, a de Argos por um pilar, a Diana de Cária por um bloco de madeira bruta, a Atena de Lindos era uma coluna polida. Tertuliano chamava a Ceres de Paros de `rudis palus et informe lignum sine efigie' (um tronco rude, um pau informe sem rosto). Ateneo informa que a Latona de Delos era `...um pedaço informe de madeira'. Tertuliano também descreve uma Palas ática como `crucis stipes' (estaca de uma cruz). Uma viga nua de pau, como o próprio termo indica, é fálica" (JUNG, 1988: § 321)

Em terceiro lugar, o mito serve ao homem mítico na relação com o outro, para o conhecimento das relações da comunidade, da divisão de tarefas e na defesa da coletividade, na coleta, na caça e na colheita, dando a tudo isso a forma estruturada do partilhar vivências e para vivenciar a mutualidade.

No entanto, esse viver de forma mútua também vem transgredir a lei natural. Assim, novamente surge o mito, a forma narrada <sup>75</sup>, desajustada com a realidade vivida, mas que explica, orienta e normatiza as relações, que dá uma forma ao pensamento, ou ainda, uma forma de viver.

Por fim, em quarto lugar, Hollis (1998), nos falando do pensamento de Campbell, traz ao homem mítico o sentido psicológico do mito, o entendimento do si-mesmo, do quem é, do de onde vem, de qual seu lugar no mundo e de como encontrar a pessoa para formar um par.

---

<sup>75</sup> Do grego *mythus* = conto, palavra

A cultura que tiver perdido seu cerne mítico, ou cujas mitologias sejam muito fragmentadas e diversas, cria pessoas perdidas e assustadas que mudam de culto para culto, de ideologia para ideologia <sup>76</sup>.

Dessa forma, necessita psicologicamente o homem mítico, de uma visão de unidade que impõe a forma humana à totalidade do universo, criando deuses à sua imagem e semelhança, que criam homens à sua imagem e semelhança.

Na visão junguiana, tanto a história quanto a antropologia nos ensinam que psicologicamente a sociedade humana não poderia ter sobrevivido por muito tempo, a não ser que as pessoas estivessem contidas, na relação psicológica, dentro de um mito central e vivo.

Pode ser percebido que os membros mais competentes da sociedade, mais desenvolvidos e perspicazes, possuem respostas míticas que satisfazem suas perguntas existenciais.

Essa minoria criativa, intelectual e dominante, vive em intensa harmonia com o mito predominante. Já as outras camadas da sociedade seguem a direta liderança dessa minoria, chegando a evitar o confronto com as questões míticas, poupando-se da discussão e seguindo diretamente a questão fatídica do sentido da vida.

---

<sup>76</sup> HOLLIS, 1998: 24

Com a perda da consciência de uma realidade transpessoal (Deus), as anarquias interna e externa dos desejos pessoais rivais assumem o poder <sup>77</sup>

Jung nos formula a questão como sendo o problema do homem moderno o estado de carência de mitos.

Em seus estudos, teve um momento em Memórias, sonhos e reflexões<sup>78</sup>, em que coloca a si mesmo como tendo perdido o círculo mágico do mito:

“Agora você tem a chave para a mitologia e está livre para abrir todos os portões da psique inconsciente”. Alguma coisa em mim então sussurrou: Porque abrir os portões? E logo me surgiu a pergunta sobre o que, afinal, eu havia realizado. Eu tinha explicado os mitos das pessoas do passado; havia escrito um livro sobre o herói, o mito em que o homem sempre viveu. Mas em que mito vive o homem hoje em dia? No mito cristão, poderia ser a resposta. ‘Você vive nele?’ Perguntei a mim mesmo. Para ser honesto, a resposta foi não. Para mim, não é pautado nele que vivo. ‘Então não temos mais nenhum mito?’. ‘Não, é evidente que não temos mais nenhum mito’. ‘Mas então, qual é o seu mito, o mito em que você efetivamente vive?’ Nesse ponto, o diálogo comigo mesmo ficou desconfortável e parei de pensar. Eu chegara a um beco sem saída.<sup>79</sup>

---

<sup>77</sup> EDINGER, 1999: 10

<sup>78</sup> JUNG, 1975

<sup>79</sup> JUNG, 1975: 171

Disse ainda Jung que o mito leva o homem, em uma tendência *a priori* ingênua, a acreditar e levar a sério todas as manifestações míticas do inconsciente e de acreditar que a natureza do próprio mundo, isto é, as verdades definitivas estejam encerradas no mito. Essa concepção não é de todo destituída de fundamento, visto que as manifestações espontâneas do inconsciente exprimem uma psique que nem sempre se identifica com a consciência, e muitas vezes se distancia dela, tratando-se de uma atividade psíquica natural e não aprendida, que independe de nosso livre arbítrio.

As formas arquetípicas que surgem da raiz do pensamento humano são necessárias para que o homem possa determinar a existência do mundo e conhecê-lo. É a psique primitiva essa raiz, que se pode afirmar não conhecia a si mesma. Essa consciência só pode ser formada a partir da evolução do homem, desde sua origem até os tempos históricos.

Ainda hoje conhecemos certas tribos primitivas cuja consciência se distancia muito pouco do lado tenebroso da psique primígena, e mesmo entre os homens civilizados podemos encontrar resquícios do estado primordial<sup>80</sup>.

ABRAHAM em *Traum und mytus* (apud JUNG, 1989: 21) disse entender ser o mito “uma parte superada da vida espiritual infantil do povo... Assim o mito é uma parte preservada da vida espiritual infantil do povo, e o sonho, o mito

---

<sup>80</sup> JUNG, 1988: 89

do indivíduo”. Essa citação se prende ao fato de que muitos teóricos acreditam ser esta a real concepção psicológica de mito. Realmente podemos ver nas crianças que a tendência na formação de mitos corre ao lado de suas fantasias transformadas em realidade, fantasias essas revestidas de histórias. No entanto, afirmar que o mito procede da vida espiritual “infantil” do povo chega a parecer absurdo, pois na verdade é o mito a produção mais adulta da humanidade primitiva. O homem que pensava e vivia nas cavernas, que vivia no mito era uma realidade adulta, pois “o mito não é uma fantasia pueril, mas um dos requisitos mais importantes da vida primitiva”<sup>81</sup>.

O mito é a cultura, profana ou sagrada, é cultura, cultura por outro lado é educação, assim, a função dos mitos pode ser vista como uma forma estruturada de culturalmente se falar dos seres sobrenaturais perante a história do homem, essa história, como se trata da realidade do homem mítico, se constitui como absoluta verdade, pois se referem às realidades sagradas desse homem. O mito cria o mundo, estabelece como se iniciou e como terminará, contanto narrativamente, escrita ou através da tradição oral, como algo surgiu na vida do homem mítico.

O mito revela, e revelando nos dá a oportunidade da realização misteriosa de controlar a realidade através do rito, o qual promove o contato com a divindade. Todos estamos contidos e contemos o mito, pois em momentos de extrema dor ou prazer, sacralizamos o que sentimos e, por mais céticos que

---

<sup>81</sup> JUNG, 1989. p.21

possamos ser, sentimos a presença do mito e vivenciamos em nossa psique os resultados do poder criador do mito.

Sendo ainda cultura, o mito pode ter como poder criador, associado ao tempo, a época, ao produto social de um grupo, as vivências que se alteram e se propagam no inconsciente coletivo, determinando as forças que mantêm o mito vivo, gerando comportamentos religiosos, morais, sociais e políticos, desde a coleta, da caça, da construção de um barco, de uma habitação até a postura preponderante de um chefe de estado perante a nação que governa. É algo maior que a racional inteligência do homem de nosso século, em detrimento das especulações metafísicas ou teológicas.

Toda e qualquer tentativa de explicar um mito, faz com que uma barreira inexplicável surja, pois a própria explicação do mito “vive” dentro do mito, pois partes de um mito não podem ser explicadas, pois ele, em si é todo.

A tentativa de explicar um mito é feita com base em leis mutáveis das ciências, enquanto ele é baseado em leis estáveis da natureza. O animal reconhece seu cio sem que se necessite ensiná-lo, desloca-se para copular sem que necessite de mapas, luta por seu patrimônio genético sem aulas de biodiversidade, e as estrelas, essas se encontram lá, para o homem mítico, sem que ninguém possa explicar como lá chegaram.

Por fim, o mito é o homem e o homem é o mito, não como parte um do outro, mas ontologicamente na relação do vir-a-ser, “*Não porque nada vem-a-ser*

*senão o que pode ser, mas o vir-a-ser depende de modelos ou formas garantidos pelo Ser e por sua manifestação*<sup>82</sup>, e o mito é a manifestação desse Ser.

---

<sup>82</sup> CRIPPA, 1975, p. 183

### CAPÍTULO 3 - O MITO CRISTÃO

Para que o leitor tenha uma visão mais profunda sobre o embate de mitos que ocorreu no século XVI com a chegada dos portugueses ao Brasil e especificamente com a catequese jesuítica, vejo como de suma importância que seja dedicado ao capítulo deste trabalho exclusivamente ao mito cristão.

Falei direta e especificamente das visões filosóficas, antropológicas e psicológicas sobre o conceito de mito.

Como não tratar então o mito que deu origem ao estudo do objeto desta pesquisa que se trata do embate de mitos durante o período quinhentista?

Quem é o português que chega ao Brasil daquele período, que mitos abriga em sua alma, quais os caminhos direcionados ao mito da divindade, como explica suas impotências, suas crenças, seus valores religiosos, pois são esses valores, trazidos da Santa Fé Católica, que vão ser impostos aos *brasis* desde a chegada de Cabral.

Para tal, para que possa responder perguntas que são minhas e acredito, sejam do leitor, entrei em um campo muito profundo, quer no sentido psicológico da análise desse mito, quer em levantar polêmicas sobre os símbolos de transformação cultural que o mito cristão tem gerado desde os mais remotos tempos.



Assim, fui muitas vezes pesquisar na Bíblia e nos conceitos junguianos, como esse mito participou e participa da vida daqueles que seguem como mito, como arquétipo principal de suas vidas, a vida de Cristo.

Em primeiro lugar, busquei entender um pouco desse homem anunciado pelo Anjo do Senhor e que no caminho de sua individuação morre crucificado após a aceitação de seu destino em relação a Deus.<sup>83</sup>

Em seguida, mais perguntas surgiram. Ao falar do Homem, ao falar do Filho, minha busca vai em direção ao Pai e por consequência ao Espírito Santo, onde tento entender e interpretar o mito da Trindade.<sup>84</sup>

Mas o Filho de Deus fez coisas na terra, entre elas fazer gerar uma Igreja e uma Santa Fé, onde seu símbolo mais forte é a Santa Ceia que deu origem à missa. Busco aí outros símbolos cristãos, outros mitos, outros elementos que foram gerados por uma cultura de uma época e que foram transformados em Lei.<sup>85</sup>

Busco ainda a concepção não maniqueísta de Bem e Mal na visão do mito cristão e, condensando esses conhecimentos, consigo então falar do cristão português, daquele que leva esses mitos, esses arquétipos, esses símbolos de transformação, esses símbolos culturais ao indígena brasileiro, que se encontrava vivendo pelos seus próprios mitos e de suas próprias tradições, por seus próprios

---

<sup>83</sup> vide apêndices 2, 3 e 4

<sup>84</sup> idem

<sup>85</sup> idem

arquétipos e simbologias míticas, que tal como os portugueses, tal como os jesuítas, buscavam suas próprias almas e os sentidos para suas vidas.

De um lado, a Igreja, considerando a Fé católica como um vento divino *sine macula peccatti* soprado do próprio Espírito Santo e que traria aos *brasis* os bons costumes, a fé em si, a cura de todos os males da alma. Do outro lado, homens livres, que possuíam seus costumes como bons, que possuíam fé em seus mitos e explicações da finitude de suas vidas, sem que entendesse que possuíam males em suas almas ou que seus desejos não pertenciam a si, mas ao inimigo do Homem, que os cobria como uma sombra e que não os deixava ver a realidade.

O cristianismo do século XVI, não tinha como entender que a verdade acabada, revelada e imposta não abria o coração do homem, branco ou de pele dourada, para as reais coisas da “palavra de Deus”. Estas palavras nascem exatamente no coração do homem, pois são elas que explicam e levam o homem em busca da individuação, do contato direto com seus níveis mais inconscientes, lugares esses em que realmente se ouve a voz da divindade seja ela qual for.

O homem ao crer sem questionar, não reflete sobre suas dúvidas, não questiona seus mitos e seus dogmas, não muda, não altera o que pensa do inexplicável, mas o homem que pensa suas idéias, sempre terá a dúvida como bem recebida, pois é ela que permite um conhecimento mais perfeito e mais seguro de si e daquilo que não consegue explicar.

Jung nos coloca em sua obra que como estudioso chega a ver a religião como um filho natural do inconsciente humano que vê nas várias e

improváveis afirmações religiosas, movimentos psicológicos do processo universal de renovação e amadurecimento humanos, mas que para isso, a dúvida, o questionamento sobre as verdades reveladas devem estar sendo pensadas pelo homem.

Mas nos quinhentos, o homem português não pensava seus mitos religiosos, os vivia e, por esse motivo podia de forma impositiva, infligir sua fé, seus bons costumes suas crenças, através do poder de fogo de canhões, do poder dos sacramentos, do poder do teatro e da catequese. Seu modo mítico de ver o mundo era o correto, o único, afinal como dizia Vicente de Lerins<sup>86</sup>, norma de fé é “aquilo que foi acreditado sempre, por todos e em toda parte”. No entanto, não havia “todos”, para os católicos senão os católicos. Protestantes eram considerados tão hereges quanto qualquer outro que não católico. Não havia “parte” alguma, senão aquela em que os católicos viviam, o restante do mundo era para ser transformado, colonizado, submetido e convertido, gerando uma verdadeira doença na alma desses homens míticos que habitavam estas terras no século XVI.

---

<sup>86</sup> Vicente de Lerins foi um antigo teólogo citado diversas vezes por Jung em sua obra, como sendo seu pensamento sobre a fé uma das manifestações mais felizes da ortodoxia psicológica. In Dourley –1987, p.29

#### **CAPÍTULO 4 - COMO O EUROPEU CRISTÃO COMPREENDIA OS INDÍGENAS E A CONCEPÇÃO QUE TINHAM DA VIDA DESSES BRASIS**

Esta terra, porém, tinha dono belicoso e bárbaro.<sup>87</sup>

Para que pudesse realizar esta parte deste trabalho tive que buscar informações de distintas formas. Em primeiro lugar houve uma preocupação em levantar as fontes em que poderia pesquisar, fontes essas, que só poderiam ser de autores do período em que me fixei para levantar as informações.

Esses homens, autores de alguns documentos, me dariam sempre visões cristãs, brancas, portuguesas ou espanholas de como os indígenas concebiam suas vidas.

Muitas vezes pude encontrar claros relatos dessas vidas, mas em outras me restava a interpretação, às vezes pelo negativo das narrativas de como essas vidas aconteciam.

Claro, muitos documentos mostravam com repúdio e rechaço os costumes que busquei entender, outros mais românticos, mostravam seres edênicos em alguns momentos e bestas feras em outros. Bastava que o indígena

---

<sup>87</sup> CALMON – 1963 – vol 2 p.321

fosse contra, de alguma forma ao contato, ao convencimento que lhe tentavam, à catequese ou à conversão proposta para que passasse de um extremo para outro, de adâmicos em demônios, como fez Anchieta em seus autos, com Guaixará e os outros diabos.<sup>88</sup>

Percebo em cartas de Nóbrega, de Anchieta ou de Navarro, momentos de pura consternação do modo de viver dos *brasis*, para em seguida mostrar o lado demoníaco que carregavam os indígenas, obviamente em suas visões européias e jesuíticas dentro do mito cristão. Nóbrega mais animado em suas primeiras cartas e mais desgostoso e entristecido com sua missão ao final, Navarro, mais intelectual em seus conceitos e descrições e em Anchieta um relato mais dúbio, conforme a tribo da qual escrevia.

Busquei Cardim, Caminha, Frei Vicente do Salvador, Calmon, Capistrano de Abreu, Gândavo e no “*de gestis Mendi de Saa*” de Anchieta, e, em todos tive que proceder da mesma forma, às vezes relatando, às vezes interpretando pelo negativo.

Pude encontrar ainda a tradição oral com a qual convivi durante anos e me senti à vontade em ler, com isso, os relatos de Kaká Werá Jecupé<sup>89</sup> e compreender algumas de suas informações.

Por essa “com-vivência” com tribos como Jivaros (com língua própria e o espanhol), como Pataxós no Sul da Bahia, com Charruas na região das missões

---

<sup>88</sup> Auto de São Lourenço, o qual será tratado mais adiante neste trabalho.

<sup>89</sup> Kaká Werá Jecupé – índio txucarramãe, autor dos livros *A Terra dos mil povos* e *Tupã Tenondé* editados pela Editora Fundação Peirópolis - SP

e com verdadeiros “*índios gaúchos montados*” vestidos em seus “quíchua xiri pac”<sup>90</sup> dos pampas argentinos e da fronteira do Brasil, sentia que podia ler relatos de indígenas de hoje, pois entendia de tradição oral, afinal eu mesmo tive centenas de ensinamentos através dessa forma de educação.

Conheci indígenas de diversos tipos e costumes, mas todos, mesmo bastante transmutados por nossa cultura, ainda “livres”, ainda “aguerridos”, muitos ainda “indolentes” e outros “prontos para a guerra”, mas nenhum deles menos míticos que nós, menos inteligentes que nós, menos carentes de explicações sobre a finitude da vida humana e guardadores ferrenhos de seus costumes, crenças e tradições.

Tento assim, neste capítulo, descrever, daqui a diante, todo esse estudo sobre como os indígenas concebiam suas vidas em meio ao Século XVI.

No entanto, não podendo perder o foco desta proposta, o embate de mitos, por mais que nas descrições encontradas nas fontes de que os indígenas viviam suas vidas, surgissem termos como: liberdade, ou “feras a serem amestradas” ou “não possuem Deus no coração”, não posso deixar de entender que eram esses termos, esses conceitos, meras interpretações culturais de quem via e relatava. Vou trabalhar com esses termos conceituais.

---

<sup>90</sup> Do esp. chiripá < quíchua xiri pac, 'para o frio'. S. m. Bras. S. Vestimenta sem costura, outrora usada pelos gaúchos habitantes do campo, e que consistia num metro e meio de fazenda que, passando por entre as pernas, era presa à cintura por uma cinta de couro ou pelo tirador.

Vejamos Cardim<sup>91</sup> nas primeiras linhas de Princípio e Origem dos índios do Brasil e seus costumes:

*Este gentio não tem conhecimento algum de seu creador, nem de cousa do Céu, nem se ha pena nem gloria depois desta vida, e portanto não tem adoração nenhuma nem cerimonias , ou culto divino, mas sabem que têm alma e que esta não morre e depois da morte vão a uns campos onde ha muitas figueiras ao longo de um formoso rio e todas juntas não fazem outra cousa senão bailar...*

Vamos ler agora “*maino i ypi kue*” apresentado em Tupan Tenondé<sup>92</sup>

Ñande Ru Pa-pa Tenondé  
Gete rã ombo-jera  
Pytú yma gui

Nosso Pai Primeiro  
criou-se por si mesmo  
na Vazia Noite iniciada

*Yvára pypyte,  
Apyka apuia i,  
Pytú yma mbyte re  
ogüero-jera.*

*As sagradas plantas dos pés,  
O pequeno assento arredondado  
Do Vazio Inicial  
Enraizou seu desdobrar (florescer).*

*Yvára jeckaka mba'ekuaá,  
Yvára rendupa,  
Yvára popyte yvyra'i,  
Yvára popyte rakã poty,  
Ogüero-jera Ñamandui  
Pytú yma mbyte re.*

*Círculo desdobrado da sabedoria inaudível  
Fluiu-se divino Todo Ouvir  
As divinas palmas das mãos portando o  
bastão do poder  
As divinas palmas das mãos feito ramas  
floridas  
Tramam o Imanifestado, na dobra de sua  
evolução no meio da primeira noite.  
...Nosso Pai, O Grande Mistério, o primeiro,  
antes de haver-se criado,  
no curso de sua evolução,  
sua futura morada, sustenta-se no Vazio.*

Ñande Ru Ñamandu tenondé gua  
O yva rá ogüero-jera eý mboyve i,  
Pytú A'e ndochái.  
Kuaray oiko eý ramo jepe,

<sup>91</sup> CARDIM – 1980-p.87

<sup>92</sup> JECUPÉ,2001. p.25-31 – a língua apresentada ao lado do texto traduzido é o abañeenga, considerada como a língua ancestral Tupi, de onde saíram os dialetos que hoje existem dos Chiripá, dos Kaiowá e dos Mbyá, além do guarani paraguaio

*O py'a jechaka re A'e oiko oikovy  
O yvára py mba'ekuaá py  
Añembo-kuaray i oiny*

*Antes que existisse sol  
Ele existia pelo reflexo de seu próprio  
coração  
E fazia servir-se de sol dentro de sua própria  
divindade*

Como podemos concluir fazendo uma comparação entre os dois textos, o de Cardim, considerado fonte histórica e o outro de Jecupé, uma tradução de fonte oral da tradição guarani, tinham sim os indígenas um conhecimento de seu criador. Apenas o mito é outro, apenas os arquétipos são outros, apenas a forma de explicar o inexplicável é outra.

O andarem nus, por exemplo. Todas fontes nos mostram o quanto eram esses homens e mulheres, livres e inocentes por andarem nus, portando muitas vezes sua arte plumária que os diferenciava de uma tribo para outra, pinturas de símbolos e cores. Mas seria essa forma de viver, realmente uma questão de liberdade? Não poderíamos considerar a falta de roupa, como uma falta de conhecimento do tecer e da não necessidade de tantas roupas conforme estabelecido no modo de viver do português cristão?

Havia pelo que podemos encontrar, vaidade entre os indígenas, mas com conceitos outros de mostrarem suas necessidades de guarda de patrimônio genético, que tal qual os pássaros, seus "vizinhos" dançavam para suas mulheres emplumados e coloridos, mostrando seus dotes, suas honras, sua força e sua importância dentro da hierarquia tribal.

*Porém, para saírem galantes, usão de várias invenções,  
tingindo seus corpos com certo sumo de uma árvores, com que ficam*



*pretos, dando muitos riscos pelo corpo, braços, etc., a modo de imperiaes*<sup>93</sup>.

Ou ainda como Caminha num dos relatos mais afamados:

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam em cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto... E um deles trazia por debaixo da solapa, de fonte a fonte para detrás, uma espécie de cabeleira de penas de ave amarela, que seria do comprimento de um coto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas...<sup>94</sup>.

Esta é uma das visões mais neutras da nudez indígena, mas vejamos outra:

...aqui, onde as mulheres andam nuas e não sabem se negar a ninguém, mas até elas mesmas cometem e importunam os homens, jogando-se com eles nas redes porque têm por honra dormir com os Cristãos<sup>95</sup>.

---

<sup>93</sup> CARDIM – 1980-p.90

<sup>94</sup> CAMINHA – p.3 – Carta de Pero Vaz de Caminha – A certidão de nascimento do Brasil – Bradesco – Brasil 500 anos- 2000 e tb CALMON – 1963- Vol I – p.67

<sup>95</sup> ANCHIETA – Cartas –1988 – p.78 – Carta ao Padre Mestre Inácio de Loiola – julho 1554

Ou ainda na visão de Nóbrega:

Parece-nos que não podemos deixar de dar a roupa que trouxemos a estes que querem ser christãos, repartindo-lh'a até ficarmos todos eguaes com elles, ao menos por não escandalisar aos meus Irmãos de Coimbra, si souberem que por falta de algumas ceroulas deixa uma alma de ser christã e conhecer a seu Creador e Senhor e dar-lhe gloria.<sup>96</sup>

Ou ainda:

Também peça Vossa Reverendissima algum petitório de roupa, para entretanto cobrirmos estes novos convertidos, ao menos uma camisa a cada mulher, pela honestidade da Religião Christã, porque vêm todos a esta cidade á missa aos domingos e festas, que fazem muita devoção e vêm resando as orações que lhes ensinamos e não parece honesto estarem nuas entreos Christãos na igreja, e quando as ensinamos.<sup>97</sup>

Assim, somente uma forma de olhar, de cima de que concepção se analisa, define de forma diferente o costume do outro.

Podemos pegar mais um exemplo de como olhar um costume, o casamento:

Entre eles ha casamentos, porém ha muita duvida se são verdadeiros... Nenhum mancebo se acostumava casar antes de tomar contrario, e preservarava virgem até que o tomasse e matasse correndo-lhe primeiro suas festas por espaço de dous ou tres annos; a

---

<sup>96</sup> NÓBREGA – 1988 – P.74 – Carta ao Padre Mestre Simão Rodrigues de Azevedo - 1549

<sup>97</sup> NÓBREGA – 1988 – p.85 – Carta ao Padre Mestre Simão- 1549

mulher da mesma maneira não conhecia homem até lhe não vir regra, depois da qual lhe fazião grandes festas; ao mesmo tempo de lhe entregarem a mulher fazião grandesinhos, e acabada a festa ficava o casamento perfeito, dando-lhe uma rede lavada, e depois de casados começavão a beber, porque até ali não o consentião seus pais, ensinando-lhes que bebessem com tento, e fossem considerados e prudentes em seu falar, para que o vinho não lhes fizesse mal, nem falassem cousas ruins, e então com uma cuja lhe davão os velhos antigos o primeiro vinho, e lhe tinhão a mão na cabeça para que não arrevesassem, porque se arrevesava tinhão para si que não seria valente, e vice-versa.<sup>98</sup>

Entendo com este texto de Cardim, que existe um tanto de moral, de regras, de ensinamentos e de respeito mútuo entre as pessoas de uma mesma tribo, inclusive com preocupação paterna de “bons costumes”. Porém, me parece, na próxima citação de autoria de Nóbrega, que não era bem assim que ele via a relação de casamento, pois os brancos e europeus, não seguiam essa mesma visão de um casamento “verdadeiro” entre eles próprios, como faziam os indígenas. Vejamos:

*Nesta terra ha um grande peccado, que é terem os homens quase todos suas Negras por mancebas, e outras livres que pedem aos Negros por mulheres, segundo o costume da terra, que é*

---

<sup>98</sup> CARDIM – 1980-p.88

*terem muitas mulheres. E estas deixam-n'as quando lhes apraz, o que pe grande escandalo para a nova Igreja que o Senhor quer fundar.*<sup>99</sup>

Anchieta também não vê com bons olhos o costume do casamento indígena, mesmo com as regras intrínsecas daquela cultura, pois olhando de cima de seu mito cristão, não pode admitir as relações de casais que se formam nas tribos. Vejamos:

... contraído matrimônio com os mesmos parentes e primos, se torna difícilimo, se por ventura queremos admií-los ao batismo, achar mulher que, por causa do parentesco de sangue possa ser tomada por esposa. O que não pequeno embaraço nos traz; porquanto, não podemos admitir a receber o batismo á que se conserva manceba... pois são de tal fórmula barbaros e indômitos, que, parecem aproximar-se mais a natureza das feras do que á dos homens.<sup>100</sup>

Mais um ponto para que possamos entender os costumes dos *brasis*, é o de comer carne humana, a antropofagia tão apontada em todos os relatos e cartas e por todos os historiadores do período.

Ficou quase que declarado de que os indígenas se alimentavam de carne de seus “contrários” como se pudesse falar que comiam carne no sentido alimentar, no sentido de sobrevivência, da mesma forma que caçavam, pescavam ou colhiam frutos e raízes.

---

<sup>99</sup> NÓBREGA – 1988 : p.79 - Carta ao Padre Mestre Simão- 1549.

<sup>100</sup> ANCHIETA- Cartas – 1988:p.55 – Carta de Piratininga – 1554.

Há que se entender a ritualística que envolvia a antropofagia. Para tanto, é importante também que se fale um pouco do costume de guerrear.

Os indígenas mais aguerridos tinham como orientação alimentar, nunca comerem animais lentos ou fracos, pois esses atributos passariam a fazer parte de suas personalidades, atributos esses que consideravam sobremaneira como negativos.<sup>101</sup> Comiam para esse fim, animais rápidos, ferozes, perigosos, audazes, espertos e, claro o inimigo aprisionado em uma batalha.

A antropofagia não alimentava, mas dava de uma forma ritualística, a possibilidade da aquisição dos atributos positivos do inimigo. Ao comer a carne de um guerreiro valente, honrado, capaz, dominante em sua tribo, acreditava, por seus mitos, estar adquirindo esses atributos, neste caso considerados positivos. Comer carne humana de um guerreiro vencido e aprisionado tinha, portanto um sentido mítico.

A documentação disponível não deixa nenhuma dúvida a respeito do fim do aprisionamento de inimigos: ele não estava subordinado a motivos fisiológicos, a necessidade de provisão regular de carne humana, destinada à alimentação. Os Tupinambá praticavam a antropofagia sob a forma ritual (apesar de alguns cronistas pretenderem insinuar o contrário), de modo que a ingestão de carne dos inimigos sacrificados possuía um significado simbólico e mágico<sup>102</sup>

---

<sup>101</sup> Podemos ver uma descrição completa em FERNANDES, 1970- p.43

<sup>102</sup> FERNANDES, 1970- p.47

A morte daquele que iria ou foi comido, também tinha um valor para o próprio sacrificado, visto que morrer dessa forma também significava honra, pois ser enterrado para que os vermes o comessem era ser considerado um fraco e não um guerreiro.

Assim, as lutas, as guerras, eram lutas bióticas e necessárias para a sobrevivência, mas também pelos seguintes motivos:

- A aplicação e treinamento dos conhecimentos de caça, utilizando a cilada e o rastrear e perseguir como forma de ataque,
- Para a guarda do patrimônio genético, roubando mulheres “melhores” de outra tribo para que filhos “melhores” pudessem ser fecundados em casamentos exogâmicos,
- Para a “pilhagem” de conhecimentos como o da cestaria ou da cerâmica,
- Para garantia ou disputa de um espaço ou território ecologicamente mais pleno de possibilidades de alimento da prole e da tribo em si,
- Para a pilhagem de víveres em tempos de escassez de recursos naturais ou de aprovisionamento de utilidades,
- Como rito de passagem para os mais jovens tornarem-se homens no sentido adulto de sua masculinidade (avá ou tujuáe), o que poderia torná-lo mais atrativo para as mulheres mais atrativas, onde novamente surge a guarda do patrimônio genético.

- Como forma de aprisionar guerreiros que poderiam ser trocados por viveres ou territórios mais bióticos.
- A guerra como forma de vingança.

Todo indígena estava pronto para lutar. Uns mais agressivos, outros mais pacíficos, mas todos, tinham a necessidade belicosa de se defrontar com inimigos em seus trajetos por territórios que lhe pertenciam ou em incursões por territórios alheios.

Talvez por esse motivo, Nóbrega olhasse as guerras indígenas da seguinte maneira:

Fazem guerra, uma tribu a outra, a 10, 15 e 20 leguas, de modo que estão todos entre si divididos. Se acontece aprisionarem um contrário na guerra, conservam-o por algum tempo, dão-lhe por mulheres suas filhas, para que o sirvam e guardem, depois do que o matam com grande festa e ajuntamento dos amigos e dos que moram ali perto, e si deles ficam filhos, os comem, ainda que sejam seus sobrinhos e irmãos, declarando ás vezes as próprias mães que só os paes e não a mãe, têm parte nelles....Si matam a um na guerra, o partem em pedaços, e depois de moqueados os comem, com a mesma solemnidade; e tudo isto fazem com um odio cordial que têm um do outro, e nestas duas cousas, isto é, terem muitas mulheres e matarem os inimigos, consiste toda a sua honra....Não guerreiam por avareza, porque não possuem de seu mais do que lhes dão a pesca, a caça e o fructo que a terra dá a todos, mas sómente por odio e

vingança, sendo tão sujeitos a ira que, si acaso se encontram em o caminho, logo vão a pau, á pedra ou dentada.<sup>103</sup>

Muito se pode falar do costume de guerrear e da antropofagia como magia propiciatória, mas só esse assunto daria oportunidade de toda uma nova tese.

Dessa forma, continuando com a proposta de mostrar como os *brasis* concebiam suas vidas na visão do cristão europeu, apresento outros pontos dos costumes e outras comparações culturais.

#### Falo agora da conceituação de demônio

A história do Diabo confunde-se com a história do próprio Cristianismo... era necessária para a coletividade cristã a existência e a encarnação do Mal. Era preciso que fosse visto, tateado, tocado, para que o Bem surgisse como a graça suprema – O Belo e o Divino, em oposição ao Horrível e Demoníaco.<sup>104</sup>

Se pegarmos apenas pela definição, temos que a palavra demônio, que obviamente não existia no vocabulário de qualquer tribo indígena do Brasil do Século XVI, tem sua origem no grego “*daimónion*” e mais tarde, do latim “*daemonium*”, termo originário nas crenças da Antiguidade e no politeísmo, que significaria o “*gênio criador*”, fosse ele bom ou mal e que presidia o caráter e o destino de cada indivíduo. Surge, no entanto no judaísmo e por conseqüência no

---

<sup>103</sup> NÓBREGA – 1988:p.90-91 – carta ao Dr. Navarro, seu Mestre em Coimbra- 1549

<sup>104</sup> NOGUEIRA – 2000 – P.103



cristianismo com a definição de anjo mau, o qual após rebelar-se contra Iahweh, foi precipitado no inferno e busca a perdição da humanidade.

Pela didática da catequese, trazer essa definição do demônio ou do Diabo às mentes indígenas, se fazia necessário pela pedagogia do terror que se impunha às mentes desavisadas da existência do Bem e do Mal dos cristãos, chegando mesmo a ser considerado no Teatro de Anchieta, como um certo prazer estético na arte de representação de seus autos, fazendo com que indígenas, tal qual o imaginário cristão, acreditasse na importância grandiosa de Satã, “o Príncipe do Mundo” na mente dos religiosos cristãos, aquele que lutava contra a verdade e a vida.

Claro que o indígena tinha noção do Bem e do Mal. Tudo aquilo que era contra seu prazer era o mal e a favor, o bem. O homem natural e espontâneo só se move por prazer ou pela dor, e o indígena era o homem espontâneo no século XVI, era o homem natural, onde guerrear era prazer, comer a carne de seu inimigo, era prazer, atacar uma tribo para roubar uma “fêmea” de outra tribo, era prazer, ser “belicoso e bárbaro” na opinião dos cristãos, era prazer, portanto era o bem, pois para o homem natural, Bem e Mal são apenas pontos de referência.

Por outro lado, existiam na cultura os espíritos do mal, isto é, aqueles que lhes levava o prazer, a comida, a caça, a água, lhes negava a chuva ou fazia morrer aqueles a quem amavam. Esses espíritos eram o Mal. Esses eram: Anhangá, Anhangüera (Anhangá velho), Taguaigba, o Mboy-tatá<sup>105</sup>, Curupira<sup>106</sup> ou

---

<sup>105</sup> Mboy-cobra+tatá- fogo = cobra de fogo, também conhecido como Baetatá, maetatá ou boitatá

Caipora<sup>107</sup>, que lhes impedia a caça afastando os animais que lhes dariam de comer caso matasse animais além da conta necessária para sua sobrevivência.

Curupira era o Mal? Curupira era o Bem? O que se sabia é que era o protetor da matas. A floresta e todos que nela habitavam estavam sob sua vigilância constante.

*Por isso, antes das grandes tempestades, ouve-se bater nos troncos das árvores. É o Curupira verificando se elas podem resistir ao furacão, que se avizinha, para, em caso contrário, avisar os moradores da mata do perigo.*<sup>108</sup>

Anchieta fala desses “demônios” em sua carta datada do fim de maio de 1560<sup>109</sup>, acreditando neles como acreditava em seus próprios demônios:

É cousa sabida e pela boca de todos corre que ha certos demônios, a que os Brasis chamam corrupira, que acometem sos Indios muitas vezes no mato, dão-lhes açoites, machucam-os e matam-os. São testemunhas disto os nossos Irmãos que viram algumas vezes os mortos por eles. Por isso, costumam os Indios deixar em certo caminho, que por ásperas brenhas vai ter ao interior das terras, no cume da mias alta montanha, quando por cá passam, penas de aves, abanadores, flechas e outras cousas semelhantes, como uma espécie de oblação, rogando fervorosamente aos corrupiras que não lhes façam mal

---

<sup>106</sup> de "curu"-corruptela de curumim + "pira" = corpo, corpo de menino

<sup>107</sup> Caipora, do tupi-guarani "caá", mato, e "pora", habitante

<sup>108</sup> <http://www.floresta.ufpr.br/~paisagem/curiosidades/curupira.htm> - 28/09/05

<sup>109</sup> ANCHIETA- Cartas – 1988:p.138 – Carta de S. Vicente - 1560

### Anchieta fala do igpupiára<sup>110</sup>

Ha também nos rios outros fantasmas, que chamam Igpupiára, isto é, que moram n'agua, que matam do mesmo aos Indios . Não longe de nós ha um rio habitado por Cristãos, e que os Indios atravessavam outrora em pequenas canôas, que fazem de um só tronco ou de cortiça, onde eram muitas vezes afogados por eles, antes que os Cristãos para lá fossem.

### Conta ainda sobre o M'boy-tatá<sup>111</sup>

Ha também outros, maximè nas praias, que vivem a maior parte do tempo junto ao mar e dos rios e são chamados de baetatá, que quer dizer 'cousa de fogo', o que é o mesmo como se dissesse 'o que é todo fogo'. Não se vê outra cousa senão um facho cintilante correndo daqui para ali; acomete rapidamente os Indios e mata-os como os curupiras: o que seja isto, ainda não se sabe com certeza.

Há também outros espectros do mesmo modo pavorosos, que não só assaltam os Indios, como lhes causam dano; o que não admira, quando por êstes e outros meios semelhantes, que longo fora enumerar, quer o demônio tornar-se formidável a êstes Brasis, que não conhecem a Deus, e exercer contra eles tão cruel tirania.

E assim podemos ir comparando, os cristãos usando os padres como intermediários do divino, os indígenas usando os pajés como sacerdotes, os cristãos com medo do diabo, os indígenas com medo do Anhangá, do Taguaigba, Pigtangua, do Avasaly ou do Curupira, o sarnento.

---

<sup>110</sup> Igpupiára – falam Anchieta e F. Cardim, conforme nota 165 de ANCHIETA-Cartas –1988- 153 - também conhecidos como “y-pypiára”, sendo y= água e pypiára= de dentro, isto é, um monstro que vivia dentro das águas dos rios

<sup>111</sup> ANCHIETA – Cartas – 1988 – p.139 – Carta de S. Vicente - 1560

Eram vários por todo o território conhecido pelos portugueses, conforme nos fala Pedro Calmon<sup>112</sup>. Aimoré ou Tapuia, os Tupinambá de todo o litoral, os Temiminó e os Tamoio que se denominavam velhos Tupi canoeiros e pescadores, os Goytacas dos campos próximos de Cabo Frio, e mais os Tucupeçuxari, Kmayurá, Yanomami, Kadiweu, Kaigang, Krahô Yawalapiti e tantos e tantos outros.

Por esse motivo, Jecupé, que listou 206 tribos em nossas fronteiras, chama o Brasil de Terra dos Mil Povos.

O que sabemos enfim, é que o indígena vivia e concebia suas vidas através de ritos de passagem, de ritos de casamento, de ritos de nascimento e morte, de magia propiciatória, de batalhas culturais com outras tribos, onde ao guerrear trocavam culturas, trocavam conhecimentos, garantiam seus patrimônios genéticos e realizavam suas mostras de honra e bravura, garantindo-lhes a sobrevivência na terra adâmica, mas indômita em que viviam.

Viviam como filhos do sol ou da lua, apoiados no amor ou na ira da Grande Mãe, usando como símbolos em suas vidas, a coruja, a serpente, a onça ou o gavião, dividindo-se em grupos e sub-grupos, que geravam dialetos e costumes de dormir de comer, de amar, de sofrer, de rir, de guerrear, enfim, de viver.

---

<sup>112</sup> CALMON – 1963 – vol 2 p.324-330

## **CAPÍTULO 5 - COMO OS INDÍGENAS TERIAM RECEBIDO A PREGAÇÃO CRISTÃ E AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NA MISSÃO DE CONVERTER**

Entendo que seja necessário tecer algumas considerações sobre o espaço, porém no sentido de âmbito, que ocupavam simultaneamente cristãos, principalmente os jesuítas e os indígenas brasileiros. Era esse espaço, não de terra, mas situacional em que ocorreram os confrontos entre grupos de origens distintas, obrigados a transformar a si próprios; muitas vezes a única possibilidade de manterem suas vidas.

Essa transformação teve por alicerce uma espécie de amálgama multifacetada de simbolismos, o que significa dizer que nestes espaços dedicados a “salvação de almas”, forjaram-se respostas múltiplas aos desafios trazidos pelo encontro entre universos simbólicos tão divergentes. De um lado, aquelas, orquestradas pelos discípulos de Santo Inácio através da doutrina e da imposição do evangelho; de outro, as respostas fruto da apropriação diversa e inovadora produzida pela multidão de etnias que compunham as muitas aldeias indígenas que deveriam ser totalmente subjugadas, no bom sentido cristão, pela Santa Madre Igreja.

Quem nos definiu esse espaço e tudo que nele ocorreu foram os jesuítas que através de suas cartas, suas crônicas, catecismos e autos teatrais,

relatavam o que acontecia com relação a esses confrontos de culturas tão distintas.

Muitos jesuítas foram considerados cronistas perspicazes da realidade que experimentavam. Permitindo o desenho de um panorama complexo e intenso do universo com o qual conviveram. O encontro com o gentio e o escrutínio de sua natureza por parte desses soldados de cristo, no firme propósito de conquistar almas, ficou registrado nas diversas correspondências que produziram no cotidiano de suas missões. Algumas circularam para além dos muros da ordem, como cartas de Nóbrega, de Navarro e de tantos outros. Os catecismos e os autos de Anchieta, os sermões e os Regulamentos das Missões de Vieira.

A vasta documentação produzida pela Companhia de Jesus, como fruto do encontro entre seus missionários e os brasis, corresponde a um conjunto enorme de informações, lapidadas pelo “estilo conveniente”, para serem lidas, para servirem de registro da memória e como matéria para edificação dos irmãos de sua ordem espalhados pelo mundo. O sistema de comunicação implantado pela Ordem pode ser considerado sem precedentes na história ocidental.

Os Portugueses alcançaram o litoral sul-americano pela primeira vez em abril de 1500, porém foi apenas no último quartel do século XVI que começaram a produzir relatos sistemáticos com o intuito de descrever e classificar as populações indígenas.

Excetuando-se a sumária *História da província de Santa Cruz*, de Pero Magalhães Gândavo, impressa em Lisboa em 1576, e algumas cartas jesuíticas amplamente disseminadas na Europa em diversas línguas, os textos portugueses mais significativos

permaneceram inéditos por séculos, bem como os *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, uma compilação da obra de Cardim, proporcionam claros indícios das percepções e imagens acumuladas ao longo do século XVI pelos portugueses no que diz respeito a um universo indígena que se apresentava tão vasto e variado quanto incompreensível.<sup>113</sup>

Ao mesmo tempo, tratar essa documentação como fonte enseja algumas questões: O que revelam sobre o cotidiano das missões jesuíticas que mereceriam destaque? Qual a possibilidade de tratá-los como fonte para a história das populações indígenas e seu processo de conversão? Seriam elas confiáveis a ponto de elaborarmos este trabalho sobre como os indígenas teriam recebido a pregação cristã?

A importância dos relatos jesuíticos como fontes para a história é inegável. Já se produziu muito e há de se produzir muito mais com base nessas cartas e relatos os mais variados. No entanto, esses verdadeiros veículos de comunicação trazem uma complexidade de regras e de formas retóricas que não devem ser menosprezadas. Se o forem, corre-se o perigo de retirar deles sua historicidade e a possibilidade de sua inteligibilidade. Isso não foi esquecido durante a pesquisa deste trabalho.

Das muitas características específicas da empresa jesuítica, uma é essencial: a sua unidade. Portanto, não há como desvincular a sua instituição epistolar de seus fins políticos e místicos. Tão pouco é possível separar tais

---

<sup>113</sup> MONTEIRO, 2001.p.12

relatos dos interesses pragmáticos que impregnavam seus ideais de missão. Assim sendo, os relatos jesuíticos se conformaram na fronteira entre, por um lado, a necessidade de se submeterem às regras retóricas tradicionais e de obedecerem a outras que permitissem tornar seus textos públicos; por outro lado, servirem de suporte para a troca de experiências missionárias essenciais para o crescimento e manutenção de sua atividade evangelizadora.

Mas era necessário ainda que se pudesse entender o indígena no sentido daquilo que diziam e como diziam, seus significados e a comunicação entre brancos europeus e àqueles a que a missão impunha conversão. Afinal, como impor um mito sem uma linguagem em que o mito seja entendido?

A linguagem e o mito são espécies próximas. Nas etapas primeiras da cultura humana sua relação é tão estreita e sua cooperação tão patente que resulta quase impossível separar uma da outra.<sup>114</sup>

Conforme Monteiro<sup>115</sup>, em seu trabalho, desde o momento que os inicianos chegaram em 1549, eles se defrontaram com um dos maiores problemas da conversão, o de traduzir a simbologia, o conteúdo e os sentidos da doutrina cristã para uma “língua” que atingisse o maior número possível de catecúmenos, não só pela comunicação, mas pelo mito, pois na língua

---

<sup>114</sup> CASSIRER, 1945, p.166

<sup>115</sup> MONTEIRO, 2001.



portuguesa, não haveria como fazer com que os conceitos do mito cristão, atingissem a alma daqueles a quem queriam converter.

Apesar da enorme diversidade linguística que se descobria pouco a pouco, à medida que a expansão portuguesa avançava para além das estreitas faixas litorâneas, estabeleceu-se desde cedo uma política linguística que tornava “a língua mais usada na costa do Brasil” o seu principal instrumento. Baseada, na verdade, num conjunto de dialetos da família linguística tupi-guarani, a primeira “língua geral” foi perdendo as suas inflexões locais e regionais em função da sua adoção, sistematização e expansão enquanto idioma colonial.”<sup>116</sup>

O primeiro intérprete oficial foi o colono, por conhecer tanto o discurso cristão como também pela sua destreza na língua tupi.

Porém não foi muito duradoura essa aliança entre colonos e missionários, pelo fato de que esses colonos entraram em conflito com os jesuítas pelo controle da mão de obra indígena que se tentava escravizar. A capacidade e a competência dos colonos para servirem de interpretes na produção do discurso religioso, passou a ser um grande obstáculo para a missão de conversão, deturpando e usando de persuasão o trabalho de “língua”, para fins e propósitos próprios. Assim, com esse conflito de interesses, os jesuítas tiveram que tentar uma nova proposta, a de encarregar suas próprias instituições de formar seus próprios “línguas”, que seriam inclusive capacitados em traduzir aos indígenas os discursos religiosos e tentar interpretar suas respostas.

---

<sup>116</sup> MONTEIRO, 2001. p.36

Inicia-se então uma formação de interpretes entre os indígenas que acompanhavam os missionários, onde a escola de escrever e contar, dirigida aos filhos dos principais, pudesse ter a função de formar interpretes indígenas para os missionários. Aprendiam então nas escolas, o português e o discurso religioso.

No entanto, a escola também não se mostrou como um meio seguro com o qual se pudesse garantir o controle desse discurso, pois dentre esses indígenas formados, muitos se transformaram em verdadeiros opositores dos discursos religiosos, disseminando essa apologia entre os indígenas de outras regiões.

Dessa forma, a experiência mostrou que tanto os indígenas como os colonos não eram os intérpretes adequados às condições de produção e circulação do discurso apologético religioso da missão jesuítica.

Foi então que a Companhia de Jesus passou a recomendar que a catequese e a conversão fosse feita sem auxílio de intermediários, o que obrigou aos jesuítas a iniciar uma proposta de formar os “línguas” no próprio interior da hierarquia da Igreja, exigindo que todos tivessem que procurar formas de adquirir o conhecimento da língua indígena. Os colégios de toda a colônia funcionavam, assim, como centro de formação de interpretes, dando-se muitas vezes maior ênfase ao conhecimento da língua brasileira do que às questões teológicas e outras disciplinas da formação eclesiástica, substituindo em muito o grego, língua importante para a formação dos clérigos da época, preocupando-se muito mais em transformar os noviços em “línguas” do que em teólogos.

Nesse caminho, lentamente a Igreja foi adquirindo sua independência em relação às necessidades de intérpretes, onde passo a passo, foi elaborando gramáticas e dicionários em Tupi. Tanto essas gramáticas como esses dicionários, representavam os métodos formais do aprendizado tupi, adequando o jesuíta à aquisição de uma segunda língua.

Desta forma, a língua geral para os jesuítas, foi o resultado de um longo trabalho em que por pesquisas e interpretes de várias origens, culminando com a publicação da *Arte de Grammatica* de José de Anchieta, em 1595, e do *Catecismo na Língua Brasileira*, de Antônio de Araújo em 1618. No início das atividades no Brasil, os jesuítas Pero Correia, Juan de Azpilcueta Navarro e José de Anchieta deram os primeiros passos decisivos em direção à sistematização dessa língua.

Monteiro<sup>117</sup> nos informa, que escrevendo de São Vicente em 1553, o irmão Pero Correia pediu ao Provincial Simão Rodrigues o envio de livros como subsídio a seus trabalhos em tupi, citando especificamente, algumas obras do escritor castelhano Constantino Ponce de la Fuente, “de que pudesse tirar grandes exemplos com muita doutrina para estes gentios, os quais espero antes de morrer ver todos cristãos”, o que em muito ajudou os padres a verterem sermões do Velho e Novo Testamento, mandamentos, pecados mortais e obras de misericórdia.

No mesmo ano, Azpilcueta Navarro informou aos padres e irmãos do Colégio de Coimbra que havia enviado “todas as orações na língua do Brasil, com

---

<sup>117</sup> MONTEIRO, 2001.

os mandamentos e pecados mortais etc., com uma confissão geral, princípio do mundo, encarnação e do juízo, e fim do mundo...” Não conseguiu, no entanto, criar uma “arte”, isto é, manual de gramática. Anchieta, por seu turno, achava precipitado elaborar uma gramática tupi nesses anos iniciais: “Quanto à língua ... não a ponho em arte porque não há quem aproveite, somente aproveito-me eu dela, e aproveitar-se-ão os que de lá vierem, que souberem gramática”. Contudo, no ano seguinte, o irmão Antônio Blázquez relatou que “os meninos e os irmãos da casa andam todos com grande fervor de saber a língua... [e] para aprendê-la têm uma Arte que trouxe o Padre Provincial”

Tive grande consolação em confessar muitos índios e índias, por intérprete; são candidíssimos, e vivem com muito menos pecados que os Portugueses. Dava-lhes sua penitência leve, porque não são capazes de mais, e depois da absolvição lhes dizia, na língua: *xe rair tupã toçô de hirunamo*, sc. “filho, Deus vá contigo” <sup>118</sup>

Mas voltemos às correspondências. Mostram essas correspondências que as aldeias indígenas recebiam constantemente a visita dos padres jesuítas que, para ganharem a confiança dos índios a serem convertidos à fé cristã, apropriavam-se, muitas vezes, da função do pajé. Tornavam-se, portanto, portadores dos remédios contra as mazelas não somente das almas, mas também dos corpos.

Os jesuítas sabiam da necessidade dessas associações como padre x pajé, simbologia cristã x cosmogonia indígena, mitos dessa cosmogonia e a visão

---

<sup>118</sup> CARDIM, 1997 [1583-90], p.234.

do “*Orbis Christianus*”, desde o início de seus trabalhos missionários, desde a chegada dos primeiros jesuítas e viam nos pajés seus mais fortes adversários, uma vez que teriam necessariamente de tomar o seu lugar.

Os que fazem estas feitiçarias, que disse são mui apreciados dos Indios, persuadem-lhes que em seu poder está a vida ou a morte; não ousam com tudo isto aparecer deante de nós outros, porque descobrimos suas mentiras e maldades.<sup>119</sup>

ou

Si nós abraçarmos com alguns costumes deste Gentio, os quaes não são contra nossa fé católica, nem são ritos dedicados a ídolos, como é cantar cantigas de Nosso Senhor em sua língua pelo tom e tanger seus instrumentos de música que elles usam em suas festas quando matam contrários e quando andam bêbados; e isto para os atrair a deixarem os outros costumes essenciaes (...); e assim o prégar-lhes a seu modo em certo tom andando passeando e batendo nos peitos, como elles fazem quando querem persuadir alguma cousa e dizê-la com muita efficacia; e assim tosquiarem-se os meninos da terra, que em casa temos, a seu modo. Porque similhaça é causa de amor. E outros costumes similhantes a estes?.<sup>120</sup>

Muitas vezes, usavam a roupagem simbólica de seu adversário de forma consciente para adentrarem no mundo místico dos gentios; outras vezes, à sua revelia, eram confundidos e enquadrados como “payé” sem sequer disso se darem conta.

---

<sup>119</sup> ANCHIETA - Cartas -1988– p.83 – Carta de Piratininga - 1555

<sup>120</sup> NÓBREGA, 1988. p.142-Carta de Manuel da Nóbrega a Simão Rodrigues, 17 de setembro de 1552

Mas era preciso controlar corpo e mente e, na mente estavam seus símbolos, seus mitos e suas almas. Dominar as almas dos gentios implicava ter o controle sobre seus corpos e, disciplinar os corpos e as ações, era tarefa lenta e metódica. O ritmo, o tempo e a liberdade precisavam ser regulados. O trabalho era intenso e incansável.

Nas cartas de Anchieta e de Nóbrega, muitas tantas vezes surgem relatos de visitas repetidamente realizadas a uma tribo ou outra, onde se mostrava a intenção clara da imposição dessa disciplina, ou da repetição de atos litúrgicos em vários momentos de uma mesmo dia, a fim de que se fixassem os novos ensinamentos e conceitos.

Não bastasse a doutrinação diária, aos domingos e dias santos era necessário dizer missa no momento em que pudessem estar todos juntos. Para ampliar o controle sobre a presença, deveria haver lugar certo nas Igrejas para as casas e famílias desses índios.

Caso algum faltasse à missa, deveria o seu missionário tomar nota e admoestar em particular o ausente. Reincidindo no erro, seria admoestado em público e, por fim, castigado.

A atividade catequética dominical e festiva parecia ser a mais importante, uma vez que era o momento propício para a reunião de toda a comunidade. Portanto, os cuidados para com ela também eram maiores. Deveria se dizer missa e, antes da mesma, além da doutrina de ordem, os padres deveriam abordar dois pontos – quais sejam: os mistérios da fé ou do evangelho e outro moral que abordasse um vício de maior incidência no momento.

A persistência dos novos catecúmenos em manter hábitos tidos como perniciosos ou como obra do “inimigo” por seus mestres jesuítas fez com que estes últimos flexibilizassem algumas regras de conduta, como até mesmo utilizar índios já evangelizados nas tarefas de conversão, nem que fosse ao menos de exercer atividades no interior dos templos, tornando-se, na maioria das vezes, sacristãos e coroinhas. A inserção desses índios nestas atividades apresenta nuances riquíssimas do modo com que construíram para si o sentido da religião e dos rituais católicos, principalmente se levarmos em conta que muitos deles, considerados hereges e que foram levados ao tribunal do Santo Ofício.

O processo de conversão dos índios cristãos começava com o ritual do batismo, o que para os missionários significava uma forma de permitir a ida das almas para o mundo de Deus.

No entanto, para a população indígena, o batismo ganhava sentido mais complexo, inclusive o de permissão para adentrarem no mundo dos homens brancos e cristãos, mundo esse cheio de novas simbologias, de curas para muitos de seus males físicos e até de um certo conforto diferenciado daquele que conheciam, ao viverem na proximidade dos jesuítas.

Porém, para o jesuíta, a verdadeira obra da missão só se concretizava com a pescaria das almas e com o seu controle absoluto até a morte física. Salvar os outros significava salvar a si mesmo. Assim, como morriam muitos “inocentes”, dever-se-ia batizar as crianças prioritariamente, ainda que moribundas, para que pudessem lograr êxito na batalha contra satanás.

...não podem deixar de admirar e reconhecer o nosso amor para com eles, principalmente, porque vêm que empregamos toda a diligência no tratamento de suas enfermidades, sem nenhuma esperança de lucro. E fazemos isto, na intenção de preparar para o recebimento do batismo, caso haja necessidade, os seus espíritos, em tais circunstâncias mais redutíveis e mais brandos: por igual motivo é que desejamos assistir às parturientes, a fim de batizar mãe e filho, se o caso exigir. Assim acontece atender-se à salvação do corpo e da alma <sup>121</sup>

Claro, porém que batizar, já que parecia ser algo que os indígenas apreciavam ou desejavam para poderem adentrar ao mundo branco, era um dos pontos que os jesuítas usavam como forma de mérito, isto é, seja cristão em suas atitudes e disciplinas e aí sim receberá o batismo. Saiba o catecismo e assim será batizado. Vejamos:

Antes do dia do Nascimento do Senhor, procurámos que se confessassem, o qual fizeram muitas mulheres e alguns homens, os quais diligentemente examinámos nas cousas da fé e o que principalmente pretendemos é que saibam o que toca os artigos da fé *scilicet ao conhecimento da Santíssima Trindade e aos mistérios da vida de Cristo que a Igreja celebra, e que saibam, quando lhes forem perguntado, dar conta destas cousas, o qual temos em mais que saber as orações de memória, ainda que nisto se põe muito cuidado e diligência, porque duas vezes cada dia se lhes ensina na igreja; a nenhum batizamos senão assim instruídos, e ainda depois da confissão lhes pedimos conta dessas cousas, a qual muitos, máxime*

---

<sup>121</sup> ANCHIETA – Cartas - 1988– P.98 – Carta de Piratininga - 1556



*da mulheres, dão bem que não ha dúvida, senão que levam vantagem a muitos nascidos de pais Cristãos, de maneira que muitos são assas aptos para receber o Santíssimo Sacramento da Eucaristia...*

Antes ou mesmo depois do advento da língua geral de Anchieta, na impossibilidade de compreensão das línguas por parte dos missionários e na falta de interpretes, que se batizasse por *aceno* e com a ajuda das imagens sacras, pinturas, cruzes e outros objetos cristãos. Vejamos:

(...)O Padre que os tiver à sua conta procurará com todo o cuidado fazer um catecismo breve, que contenha os pontos precisamente necessários para a Salvação, e deste usarão nos casos de necessidade, e por ele os irão ensinando e instruindo, mas em caso que totalmente não haja intérprete, nem outro modo por donde fazer o dito catecismo será meio muito acomodado o misturar os tais Índios com os da Língua Geral ou de outra sabida para que ao menos os seus meninos aprendam com a comunicação; e no entretanto se lhes mostrarão as Imagens e Cruzes, e os farão assistir aos ofícios divinos, e administração dos Sacramentos e as mais ações dos Cristãos, para que possam em caso de necessidade inculcar-lhes o batismo por acenos, pois não há meio de receberem a fé pelos ouvidos, de modo que ao menos *sub condicione* nenhum morra sem batismo.<sup>122</sup>

A confissão também não poderia ficar de fora das preocupações dos missionários. Abrir os recônditos mais profundos da alma ao missionário era de

---

<sup>122</sup> Vieira, *Regulamento das Missões*, p. 199-200.

vital importância na tarefa de perscrutar a sinceridade da sua ligação com a religião. Para tanto, essas diretrizes indicavam a necessidade de todo ano produzir listas daqueles capazes de confissão. Nenhum deveria ficar sem se confessar, ainda que fossem muitos os índios e poucos os missionários.

A confissão é dos sacramentos aquele em que o caráter de julgamento é mais nítido. Há um diálogo - ou melhor: uma sucessão de monólogos em que o penitente diz seus eventuais pecados, responde a indagações sobre os pecados e sobre a existência de outras ofensas, e o fim da confissão é marcado por uma penalidade <sup>123</sup>

Assim, batizar, confessar, casar e ajudar a bem morrer eram tarefas básicas ao bom missionário. Nos laços sagrados do matrimônio, por exemplo, os missionários enfatizam a necessidade de manter registros dos nomes, sobrenomes, da data, do pároco e das testemunhas do casamento, assim como da aldeia em que foi realizado. Nenhum padre deveria realizar matrimônio entre índios de paróquias diferentes sem proceder a uma coleta de informações em ambas as paróquias, para assim terem certeza de que não haveria um sagrado matrimônio com pessoas que já haviam recebido esse sacramento de outro padre em outra época, em outra situação.

Quando da necessidade de ajudar o bem morrer, era pelo firme propósito de guardar as almas desses novos cristãos, e que tivessem morte assistida, o que garantia um ganho definitivo de seu espírito, pois era na morte

---

<sup>123</sup> NEVES, 1978, p.75

que os jesuítas colheriam o fruto do trabalho missionário, pois como pastores de almas, teriam que dar conta daquelas que foram apresentadas aos céus e encaminhá-las em direção a Deus.

Mas controlar as almas, não bastava, o diabo usava dos corpos e dos gestos pra sua tarefa e por isso, junto ao controle das almas através da evangelização dos gentios, era necessário o controle dos gestos e dos corpos também fazia parte da obrigação dos missionários. Na ocasião das mortes, o controle sobre os rituais utilizados pelas “nações” no sepultamento de seus mortos era objeto também da preocupação do missionário. O modo de “amortalhar” ou de usarem algumas coisas “supersticiosas”, era proibido pelos padres, assim como também eram os excessos com que costumam chorar o defunto. Pondera Vieira que, ainda que não fossem demonstrações de uso gentílico, mas sim de dor natural, deveriam se acomodar a “política cristã”.

Enfim, a tônica comum compartilhada pelos jesuítas estava relacionada à necessidade de salvação das almas. Desde o seu princípio, a preocupação com a sua salvação foi parte constitutiva da missão da Companhia de Jesus. Os índios, considerados infiéis, deveriam ser salvos de sua gentildade, da barbárie e dos erros em que viviam. Essa gentildade fazia com que esses índios vivessem no erro, caberia ao missionário, portanto, conduzir os índios para a verdade através da conversão.

Nos mostra Monteiro<sup>124</sup> que a salvação das almas encontrava outra problemática a ser enfrentada, a morte do gentio.

A morte do gentil era constante desde o contato com os jesuítas, com os aldeamentos, com os brancos europeus, mestiços ou africanos e isso, era com certeza, uma grande problemática para a conversão, pois com os primeiros contatos, começam ocorrer os principais episódios epidêmicos que destruíram muito das populações indígenas do litoral.

É correto dizer, no entanto, que seja como for, no litoral brasileiro do século XVI o contato direto entre as etnias indígenas e os europeus e africanos, já havia atravessado ao menos cinco décadas antes da eclosão das primeiras pandemias. Longe de constituir um variável independente no despovoamento do litoral, a mortalidade provocada por doenças contagiosas atingiu seus pontos mais altos quando conjugada com outras mudanças importantes nas relações entre colonizadores e índios. Afinal de contas, foi na esteira das ofensivas bélicas promovidas pelo governador Mem de Sá e do processo concomitante de deslocamento das populações indígenas para as aldeias missionárias que ocorreram as primeiras grandes epidemias, com destaque para o alastramento da varíola pelo litoral de Pernambuco a São Vicente.

As doenças letais semearam a desordem entre a população nativa, sobretudo naquela subordinada aos missionários e aos colonos. Anchieta, lembrando este grande surto epidêmico, escreveu em 1584:

---

<sup>124</sup> MONTEIRO, 2001. p.60

No mesmo ano de 1562, por justos juízos de Deus, sobreveio uma grande doença aos Índios e escravos dos Portugueses, e com isto grande fome, em que morreu muita gente, e dos que ficavam vivos muitos se vendiam e se iam meter por casa dos Portugueses e se fazer escravos, vendendo-se por um prato de farinha, e outros diziam, que lhes pusessem ferretes, que queriam ser escravos: foi tão grande a morte que deu neste gentio, que se dizia, que entre escravos e Índios forros morreriam 30.000 no espaço de 2 ou 3 meses <sup>125</sup>

Monteiro nos mostra ainda que infelizmente, não sabemos muito de como os indígenas responderam aos surtos epidêmicos, mas as cartas dos jesuítas no início da colonização dizem algo sobre a percepção dos índios com relação à origem das doenças, claramente associada à presença dos padres. Pouco depois de chegar no Brasil, o padre Manuel da Nóbrega se espantou não apenas com a freqüência das doenças entre a população batizada pelos jesuítas, mas também e, sobretudo com a acusação veiculada pelos “feiticeiros”, de que os missionários infligiam a doença com a água do batismo e causavam a morte com a doutrina. <sup>126</sup>

A língua Geral mostrava que as epidemias estavam presentes no vocabulário indígena ao definir a varicela como catapora, o “fogo que salta”.

De toda forma, com epidemias ou não, com paciência ou não, com língua geral e intérpretes da comunicação, para o jesuíta, aqueles bárbaros não

---

<sup>125</sup> ANCHIETA – Cartas- 1988, p.364. Informações dos primeiros aldeamentos da Bahia.

<sup>126</sup> MONTEIRO, 2001, p.62

tinham afeição pelas coisas de Deus, viviam como brutos, apenas para comer, beber e dançar. Para os indígenas, de sua parte, os padres não entendiam seus valores e sempre colocavam seus costumes e tradições como algo pertencente ao diabo.

O que se pode, no entanto inferir, é que houve o fato do processo de encontro, do embate de mitos entre dois universos simbólicos e sociais completamente estranhos um ao outro.

De um lado, uma profecia que um certo pajé fazia com terror, que os índios iriam virar brancos, revelava mesmo aos pedaços, um pouco do processo de leitura que essas populações nativas faziam desse encontro. De outro lado, o cansaço de Nóbrega antes de sua morte revelavam um pouco do pessimismo do jesuíta quanto ao processo de conversão e, portanto, da leitura que era possível para ele, missionário, fazer também daquele universo simbólico.

Por um lado, os pajés acreditavam na transformação de brancos em índios e de índios em brancos; por outro, para o jesuíta, ver o índio revestido numa vestimenta simbólica, a vestimenta da conversão, o cristão tirado das trevas. De certa forma, compactuavam pajé e jesuíta com a mesma crença, ou melhor, com parte dela: os índios virariam brancos, mas isso não foi possível.

Vieira, em seu sermão do Espírito Santo, dizia: *“Não ha gentios no mundo que menos repugnem à doutrina da fé, e mais facilmente a aceitem e recebam, que os Brazis... e não porque os Brazis não creiam com muita facilidade, mas porque essa mesma facilidade com que crêem, faz que o seu crêr, em certo modo, seja como não crer;... os Brazis, ainda depois de crêr, são incrédulos: em*

*outros gentios a incredulidade é incredulidade, e a fé é fé; nos Brasis a mesma fé, ou é, ou parece incredulidade”.*<sup>127</sup>

Vieira mostrava ainda em seus sermões que a resistência era mais do que resistência pois outras nações eram duras, mas mais fácil de vencer que os indígenas do Brasil.

...há umas nações naturalmente duras, tenazes e constantes, as quaes difficultosamente recebem a fé e deixam os erros de seus antepassados; resistem com as armas, duvidam com o entendimento, repugnam com a vontade, cerram-se teimam, argumentam, replicam, dão grande trabalho até se renderem; mas uma vez rendidos, uma vez que receberam a fé, ficam n’ella firmes e constante como estatuas de mármore, não é necessario trabalhar mais com elles.<sup>128</sup>

Já com indígenas do Brasil, a tarefa era muito mais dura, pois se o pregador deixasse de estar presente, por algum tempo que fosse, todo o trabalho de pregação estava perdido e teria que ser reiniciado como se nunca tivesse ouvido a palavra de algum pregador.

Há outras nações, pelo contrário ( e estas são as do Brazil) que recebem tudo o que lhes ensinam com grande docilidade e facilidade, sem argumentar, sem replicar, sem duvidar, sem resistir; mas são estátuas de murta, que em levantando a mão e tesoura o jardineiro, logo perdem a nova figura e tornam à bruteza antiga e natural, e a ser matto como dantes eram. É necessario que assista

---

<sup>127</sup> VIEIRA 1951. Sermão do Espírito Santo. p.410

<sup>128</sup> idem.p 413

sempre a estas estatuas o mestre d'ellas, uma vez que lhe corte o que vicejam os olhos, para que creiam o que não vêem; outra vez que lhe cerceie o que vicejam as orelhas para que não dêem ouvidos às fabulas do seus antepassados.<sup>129</sup>

Era necessário insistir nos catecismo, nas pregações, na redundância de informações e conceitos, mas mesmo assim, os simbolismos continuavam amalgamados e necessitando de mais imposição de paciência. Veja Anchieta

Dando-lhe, pois, a primeira lição, de ser um único Deus todo poderoso que criou todas as coisas etc., logo se lhe imprimiu na memória, dizendo que ele rogava muitas vezes que criasse os mantimentos para o sustento de todos, mas que pensava que os trovões eram este Deus, embora agora que sabia existir outro Deus verdadeiro sobre todas as coisas, que rogaria a ele chamando-lhe Deus Padre e Deus Filho: por que dos nomes da Santa Trindade, êstes dois sòmente pôde tomar, porque se lhe podem dizer em sua língua, mas o Espírito Santo, para este nunca achamos um vocabulo próprio nem circunloquio bastante, e apesar de que não o sabia nomear porém sabia crêr...<sup>130</sup>

Outro ponto importante a ser citado como forma de conversão era a utilização do imaginário e do medo para a doutrinação dos gentios e para evangelizar aquelas almas.

---

<sup>129</sup> idem. p. 413

<sup>130</sup> ANCHIETA- Cartas, 1988. p.200 Carta de José de Anchieta a Diego Laynes, 16 de abril de 1563.



A contrapartida da utilização consciente do imaginário indígena para fins doutrinários era a construção, por parte desses gentios, da imagem dos jesuítas que ganhava significados muito diferentes daqueles com que por ventura queriam ser compreendidos.

A perspicácia desses jesuítas não foi suficiente para perceberem que ao fazerem parte desse imaginário perdiam o controle e o poder sobre seus catecúmenos, pois passavam a pertencer a um mundo que não era o seu. Portanto, o medo que foi incutido nos gentios também passou a ser compartilhado pelos jesuítas. Na medida em que, embora respeitados e temidos por muitos indígenas, passavam a ser odiados com a mesma facilidade.

A fronteira entre o temor, o respeito e o ódio era demasiado tênue. Cabia ao jesuíta, se para isso talento tivesse, traduzir esses limites. O erro poderia significar o fim da missão ou mesmo a morte na ponta de uma flecha.

O medo que sentiam os *brasis* de seus *Pay-u-assú* (como eram denominados os jesuítas) era compartilhado pelos padres. Se os rituais católicos estavam sendo resignificados em seus símbolos pelos indígenas que os adequava a sua maneira de perceber o universo, da mesma forma, os rituais gentílicos mais puros eram compreendidos pelos jesuítas como sendo ritos demoníacos orquestrados pelo príncipe das trevas na batalha pela conquista das almas. Claro, os jesuítas também carregavam, por mais cultos que fossem, seus mitos e suas crenças em Deus e, portanto acreditavam no demônio da mesma forma que os indígenas temiam a Deus ou a seus deuses.

Mesmo assim, a relação do indígena com o jesuíta, transformou muitos desses índios em cristãos, e, esses “cristãos”, criados muitas vezes como produto das missões dos jesuítas, tornaram-se peças essenciais para a manutenção do controle sobre a população indígena, para servirem de mediadores entre os brancos colonizadores e os indígenas das diversas aldeias que os jesuítas tinham sob seu comando, para ajudarem na tradução dos catecismos e dos sermões para a língua geral, para ajudarem na evangelização e nas tarefas da igreja. Porém, a doutrina, por sua vez, não evoluiria sem o apoio desses personagens.

Esses obscuros personagens, quase nos bastidores desse teatro da conversão, realizam de certa forma parte da profecia do pajé apavorado, segundo a qual os índios iriam virar brancos e os brancos iriam virar índios.

Mas afinal, qual o significado em tornar-se branco para esses índios?

A resposta a esta pergunta talvez possa ser encontrada no valor que uma profusão de objetos, pontes entre mundos, pudesse representar para esses cristãos. Cruzes, medalhas, bastões, ferramentas, vestidos e espadas tornaram-se veículos de comunicação entre homens de mundos distintos.

Assim como o processo de aliança com diversas nações indígenas que transformava seus líderes políticos em índios principais de sua povoação, não se concretizava se o referido novo vassalo não recebesse por parte das autoridades portuguesas algum símbolo de sua grandeza e distinção.

A espada e a casaca eram comumente utilizadas pelos principais, das tribos conquistadas assim como seus bastões de comando. Ser importante

perante todos de todas as tribos, significava receber honrarias brancas e cristãs, em troca de ser subjugado pela cultura européia.

Davam importância a tudo que poderia torná-los cristãos, mas adoravam receber e participar daquilo que se podia chamar de vida branca. A imagem de Cristo que preservaram com tanto cuidado, o fato de terem construído igreja e casa para o Jesuíta, a importância que davam a ver seus nomes escritos num papel que iria até o rei e, por fim, o uso que os jesuítas fizeram da cruz levada nos ombros pelos escolhidos, todas essas situações demonstram um significado importante e, ao mesmo tempo, completamente inusitado desses objetos. Os jesuítas pressentiam algo sobre esse significado, tanto é que utilizavam a “cruz objeto” para criar uma distinção entre os índios. Mas logo traduziam esse significado para seu universo cosmológico, inteiramente distinto e estranho ao daqueles homens da floresta. O que, afinal, poderiam significar esses símbolos aos indígenas?

Alcançar o significado desses objetos para os indígenas significaria obter uma resposta consistente sobre o que significava ser branco para eles.

O uso dos objetos e roupas dos brancos distinguia os cristãos dos gentios. Havia uma transformação em curso. Não significavam, no entanto, uma total submissão às regras de domínio dos brancos. Indicavam sim um aceite de certas regras, mas não significava, no entanto aceitar domínio e desistência de suas crenças e tradições.

Índios escravos, porém cristãos, fincaram cruzes pelo caminho de suas vidas numa clara tentativa de indicar sua inserção no mundo branco. Esse

emaranhado de símbolos para estabelecer sua identidade cristã seria somente uma estratégia para sobreviverem, demonstrando estarem do mesmo lado dos brancos? Por outro lado, o uso dos objetos ocidentais no seu cotidiano e a arquitetura de caiçara seriam indícios de que esses homens apenas utilizavam tais objetos por seu valor pragmático?

Talvez o jesuíta não pudesse ter outra interpretação desses indícios que não essa do sentido utilitário e estratégico. No entanto, não parecem ter um significado tão simples. Eles permitem conjecturas, embora preliminares, para respostas um pouco mais complexas. Esses diversos objetos apresentam uma conexão. Sejam as espadas, os bastões, as cruzes ou as medalhas. Não podem simplesmente ser traduzidos como simples recursos práticos ou simbólicos usados por populações indígenas para o seu processo de inserção na sociedade colonial portuguesa. Menos ainda que essa inserção fosse uma estratégia política para a manutenção de privilégios e de sobrevivência somente.

A imagem de cristo dos Nhengaiba, por exemplo, provavelmente um crucifixo, pode revelar um significado complexo que surgiu ao ser traduzido para a língua geral, ou Nheengatu.

Em língua geral, crucifixo é traduzido por *Tupanarayra-rangáua*. Para se poder entender o seu possível significado para os indígenas é necessário traduzir cada uma das palavras que compõe o termo.

“Tupana”<sup>131</sup> significa, em língua geral, mãe do trovão, a ela não são rendidas homenagens ou festas. Adaptado pelos jesuítas, Tupã, transformou-se no Deus cristão. O sufixo “ana” indica que a ação expressa no prefixo teve lugar e continua a acontecer. Ou seja, Tupana, ente desconhecido que troveja e mostra seu poder pelo raio, abate toda a floresta, tirando a vida aos seres, deixando-os carbonizados.

“Rayra rangáua”<sup>132</sup>, por sua vez, significa “filho”, ou “afilhado do homem”. “Rangáua”, isoladamente, significa figura, tempo, hora, medida. Certamente, a idéia que os Nhengaiba poderiam ter do crucifixo não parece ser a que os jesuítas queriam que tivessem. Ao traduzirem em língua geral esse objeto, permitiram um cem número de significados sobre os quais perderam o controle. O temor e respeito com que essa imagem foi “adorada” por estes índios, para a surpresa dos jesuítas, podem estar ligados ao sentido que lhe deram ao traduzi-la para o seu universo cosmogônico referencial.

Embora esse sentido tenha ficado irremediavelmente perdido no tempo, é possível supor a tradução das palavras em Nhengatu, uma possibilidade de significado simbólico, de que esse ser poderoso e desconhecido que troveja e tem o poder de extinguir vidas se corporificou em uma figura, sua medida, em um afilhado de Deus. Se correto, tal significado permite compreender o temor e o respeito que esses catecúmenos tinham pelo Deus cristão e seus missionários jesuítas. Ao mesmo tempo, permitem imaginar o ódio que possivelmente poderiam

---

<sup>131</sup> Bueno, 1998, p.303

<sup>132</sup> idem, p 363

guardar por esse ser poderoso e vingativo. Cruzes poderiam, portanto, ter um poder em si mesmas para proteger e, ao mesmo tempo, simbolizar uma aliança mágica com esse poderoso Deus.

Enquanto espadas, casacas e bastões simbolizavam poder para os principais transformados em brancos, ser cristãos, através do batismo, poderia permitir aliar-se a esse poderoso Deus, possibilitando sua introdução num mundo novo que se constituía a sua revelia, mas do qual eram também artífices.

De certa maneira, indicam que o processo de sua transformação em brancos estava em curso.

Novamente a profecia daquele pajé parecia completar-se com a frase de Vieira: "... essa mesma facilidade com que crêm faz que o seu crer, em certo modo, seja como não crer". Em outras palavras, poderíamos interpretar que esses índios mesmo facilmente tornando-se "brancos e portugueses", mesmo assim não o eram, nunca seriam e nunca viriam a ser.

## CAPÍTULO 6 - O TEATRO COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL E DE CATEQUESE

A religião indígena é tomada desde o princípio dos contatos dos quinhentos como falsa, como realidade diabólica, como de origem maldita, sobre a qual o cristianismo era imposto como o oposto superior.

Havia uma imposição eurocêntrica, onde o cristianismo era um dos mais importantes sentimentos desse momento eurocentrista.

Por esse motivo tudo deveria ser feito para que a conversão chegasse a termo.

Mais uma ponte deveria ser construída para que o jesuíta pudesse persuadir e convencer os indígenas da necessidade da aceitação da conversão ao cristianismo. Essa ponte deveria conter representações da realidade, tanto do lado cristão, como do lado dos *brasis*.

Porém a conversão e qualquer ponte que levasse a ela, não poderia ser apenas uma questão de salvação, mas um elo essencial de inclusão do Mundo Novo e seus habitantes na sociedade européia, para a qual, naquela época, religião e política misturavam-se intrinsecamente.

Os jesuítas, com as suas dificuldades de comunicação, muitas vezes já pregavam e doutrinavam usando de eloquência, levantando a voz, mostrando os

mistérios da fé através de gestos, andando em roda, batendo as mãos e os pés, sempre realizando um tipo de teatro rudimentar, tal qual faziam os indígenas contando seus feitos, fazendo as mesmas pausas, quebras de retórica, gerando e mostrando espantos, pois sabiam que dessa forma estavam agradando e persuadindo aquele povo que adorava a gestualidade.

Porém, é bom que se tenha claro que o teatro depois de consolidado entre as formas pedagógicas utilizadas pelos jesuítas na conversão, serviu também como um espelho destruidor, pois neles se mostrava a cosmogonia, a perfeição do aguerrido, a cultura dos *brasis*, como sendo o Mal que se contrapunha a vontade da Igreja que era o Bem Maior. Na semântica desse teatro, Deus e os Santos lutavam na vida e na morte contra o Diabo, da mesma forma que os contrários e os pajés lutavam contra os padres e a pregação.

No teatro dos quinhentos, o reino do demônio, das dissimulações e da espreita, das curas e dos espíritos, cabiam em uma só figura, a do pajé, visto que, eram essas coisas que mais davam credibilidade aos feiticeiros, a arte de persuadir, de dissimular, de espreitar e de falar com os espíritos. Lúcifer aparecia em lugares e situações sempre à espreita e como grande personagem do teatro, era representado de diversas formas, por um principal, por um beerrão, por um pajé, por um guerreiro que desejasse defender as tradições, mas nunca colocava seu rosto para ser visto, pois trabalhava sempre a espreita, na calada, na sugestão e na sedução, se passando até por bom, por favoráveis a causa da catequese e até como divinos. O demônio era atuante não só nos autos, mas sim na vida do padres e dos demais cristãos, vejamos por exemplo:



... o inimigo da natureza humana (como soe sempre fazer) em impedir o bom successo da obra; e assim determinou que a 7 ou 8 leguas daqui matassem um Christão da armada em que viemos...<sup>133</sup>

Muitas das características do teatro medieval e do teatro europeu se encontram presentes nos autos anchietanos, de forma sempre adaptada à compreensão dos indígenas, segundo o que entendiam os jesuítas. Eram mostrados nas peças, os mistérios, os evangelhos, as obras de Cristo, mas principalmente a realidade daqueles que assistiam ao teatro, principalmente através do sagrado, do temeroso, do assustador, do rústico e do burlesco, mas principalmente a caracterização dos atores, seus gestos e suas expressões e figurino, obedeciam a um simbolismo onde as características bíblicas por um lado, e por outro, aos personagens antagônicos ao Bem, mostrados pela caricatura, pelo grotesco, de modo a ficar clara a desordem do inferno em contrapartida da simbologia organizada do Bem. Os cânticos suaves em latim, estavam sempre em contraposição dos ruidosos personagens oriundos do inferno.

Os autos de Anchieta tinham, no entanto, a característica de ultrapassar as barreiras de uma peça teatral, principalmente por fazer com que os espectadores pudessem se misturar com os atores e de certa forma participarem interativamente com o narrado, mesmo que fossem com risadas e sons de

---

<sup>133</sup> NÓBREGA, 1988, p.94

espanto, com palma em cena aberta, sem, no entanto deixar que essa representação teatral perdesse seu intuito e seu formato dentro do espaço cênico.

Por representarem sempre, os atores teatrais, personagens do cotidiano e do sagrado, Anchieta conseguia utilizar esses mesmos personagens em situações e contextos de diferentes momentos, emprestando tanto personagens como textos de um auto para outro.

Muitas vezes, Anchieta utilizava textos em que o aversivo para o demônio, para o índio perfeito, portanto os bons costumes, era dito pela boca destes, criando mais força quando estes falavam mal da igreja, dos padres, de Deus e dos Santos.

Ai ! tenho andado, de balde  
à procura de um pouso.  
Irra! Sempre me faz sair  
Da taba o sacerdote,  
Expulsando-me para bem longe  
Infelizmente, ele ensina  
A obedecer às palavras de Deus  
Proclama que a sua linda mãe  
Me desgraçou,  
Quebrou minha cabeça

Tudo o que Anchieta pretendia exaltar das boas qualidades dos costumes dos índios, seus personagens, sempre indígenas, mostravam essas atitudes que vinham sempre acentuadas de forma positiva, assim como a música, e as danças, pois no entender dos jesuítas, demonstravam a riqueza e a beleza daquela cultura. Já os costumes que eram considerados pelos jesuítas como

perniciosos e contrários à moral da Santa Igreja, apareciam normalmente representados por personagens que deixavam claro pertencerem às hordas demoníacas ou pelo próprio Diabo.

O Auto de São Lourenço é a mais longa e rica peça de Anchieta. Essa peça foi escrita em três línguas, tupi, português e castelhano, à semelhança de muitos autos de Gil Vicente, que mostram a situação de bilingüismo vigente em Portugal no século XVI.

Do ponto de vista da lingüística, essa peça é das mais importantes, pois mostra como o Tupi da Costa era efetivamente falado. Nesse auto, vemos os diabos Guaixará, Aimbirê e Saravaia a tentar perverter a aldeia, no que são impedidos por São Lourenço e por São Sebastião.

Anchieta recorre muito às alegorias, isto é, à personificação de nomes abstratos ou à atribuição de qualidades humanas a seres inanimados, recurso também muito empregado por Gil Vicente em seus autos. Assim, vemos no Auto de São Lourenço o Amor e o Temor de Deus como personagens, a aconselharem aos índios a caridade e a confiança em São Lourenço. Essa concretude era eficiente na transmissão dos conteúdos doutrinários cristãos, dada a concretude do pensamento mítico no qual o mundo indígena estava mergulhado.

Considero o auto de São Lourenço como sendo um dos melhores exemplos do embate de mitos de que falamos em todo este trabalho, onde Aimbirê, um dos demônios, diverte-se com piadas maliciosas enquanto leva os assassinos de São Lourenço para o inferno. Vejamos por exemplo, neste mesmo auto, como os diabos ironizam a confissão:

**São Lourenço:** Mas existe a confissão,  
Bom remédio para cura  
Na comunhão se depura  
Da mais funda perdição  
A alma que o bem procura.  
Se depois de arrependidos  
os índios vão confessar  
dizendo: "Quero trilhar  
o caminho dos remédios"  
o padre os vai abençoar

**Guaixará:** Como se nenhum pecado  
Tivessem, fazem a falsa  
Confissão, e se disfarçam  
Dos vícios abençoados,  
a assim viciados passam.

**Aimbirê:** Absolvidos  
Dizem: "na hora da morte  
Meus vícios renegarei".  
E entregam-se a sua sorte.

No auto de São Lourenço, mostrando como essas personagens aparecem representando o cotidiano e ao mesmo tempo o Bem e o Mal, três diabos são personagens de grande importância: Guaixará, Aimbirê e Saravaia, todos nomes dos antigos chefes tamoios derrotados e mortos na campanha de

Guanabara, que são aproveitados para destacar o inimigo vencido e associá-lo com inimigos de toda a cristandade.

Do lado do Bem, o Anjo vem acompanhado de São Lourenço e de São Sebastião, que resistem aos diabos para não permitir a destruição da aldeia pelos pecados.

O Diabo talvez tenha sido uma das personagens mais importantes no projeto de conversão das almas, não só no teatro, mas como em todas as representações da catequese, pois foi contra ele e seus discípulos e seguidores que partiram as acusações de perversão, de mentira, de sedução, de luxúria. A luta dos missionários jesuítas não foi nunca contra os pagãos ou contra os hereges, mas principalmente contra o diabo, contra os feiticeiros e contra aqueles que mesmo catequizados voltavam aos costumes antigos e promoviam revoltas nas aldeias e as conduziam a fugas e ao deslocamento para terras mais distantes da evangelização.

## **O Auto de São Lourenço – Guaixará e os outros diabos**

Nesta parte do capítulo a intenção é a de fazer o leitor atentar para as definições de mito como um todo, do mito cristão e de sua comparação com os mitos indígenas. Mostrar, como de fato foi, o verdadeiro embate de mitos na batalha de imposição do branco, europeu, português e obviamente cristão sobre as populações indígenas através da educação e da transmissão de cultura.

As peças, os autos, especificamente o Auto de São Lourenço, pelo "fascínio" da imagem representativa, era muito mais eficaz do que um sermão, por exemplo. Escrito em tupi, português ou espanhol e mais tarde em latim. Nesse auto, os personagens são santos, caciques demônios, imperadores e ainda, representam apenas simbolismos, como o Amor ou o Temor a Deus.

Anchieta, o jovem missionário da Companhia de Jesus, o "grande piahy" (supremo pajé branco), como era chamado pelos índios, usava com maestria neste auto, o zelo constante pela conversão e os mandamentos religiosos, através de uma audiência amena e agradável, diferente da pregação seca e rígida, de que os escritos catequéticos são cabal documento. Some-se a isso que os indígenas eram sensíveis à dança, à música, e a mistura de personagens que integram a mítica cristã (diabos, anjos, santos), fatores esses

que atuavam sobre o expectador com vigoroso impacto. O índio não era, no entanto, apenas expectador desse teatro, mas também participava dele como ator, dançarino e cantor.

Outros atores, além dos índios domesticados, eram futuros padres, brancos e mamelucos. Todos amadores, que atuavam de improviso, seguindo textos, mas sem trabalhos de interpretação, apresentavam os autos nas Igrejas, nas praças e nos colégios.

Considero, para esta tarefa, o Auto de São Lourenço, como uma das mais importantes ferramentas da catequese, onde índios “principais” de tribos Tamoyo, vencidos e destruídos pelos portugueses, passam a ter suas imagens incorporadas ao diabo e a demônios.

No Apêndice 1, coloco o Auto de S. Lourenço na íntegra, para que o leitor possa ter uma completa visão dos comentários que apresento a cada passo dessa peça teatral.

Quando iniciamos a leitura do texto, examinando-se apenas o tema do auto, já se percebe que os portugueses do período jesuítico ao virem para o Brasil, trouxeram consigo seu espaço mítico e, obviamente, necessitaram sacralizar o novo território.

Inicia-se aqui na representação do auto logo em seu início o embate de mitos. De um lado, a Igreja, considerando a Fé católica como um vento divino *sine macula peccati* soprado pelo Espírito Santo e que trazia aos gentios os bons costumes e a cura de todos os seus males. Do outro lado, homens aguerridos e

audaciosos, que entendiam seus costumes da forma mítica que interpretavam suas vidas e as explicações da finitude dessas vidas, sem que conhecessem os pecados ou que seus desejos não pertenciam a si, mas ao inimigo do Homem, que os cobria como uma sombra e que não os deixava ver a realidade.

Já no primeiro ato. Percebe-se que a evocação de Jesus Salvador, mostra à platéia que algo se cria com as palavras de São Lourenço, um clima de redenção com o sofrimento, se implanta naqueles que ouvem e vivenciam a experiência do auto, uma proposta de sentirem algo sagrado.

*“Se a palavra se torna criadora, se a partir dela formam-se as proposições constitutivas, o Sagrado se apresenta no dizer criador do Verbo, como a verdade dos entes”.*<sup>134</sup>

Na fala de Guaixará, que encontramos no início do segundo ato, nada mais do que a resistência à imposição da cultura portuguesa, ou ainda de qualquer cultura que pudesse querer destruir o que até aquele momento era considerado pelos indígenas como tradição e modo de entender a vida. Seu mito, o mito de Guaixará, pois a função de seus mitos não é a de mostrar uma idéia herdada de seus antepassados, mas sim de mostrar um modo pelo qual aquela sociedade funciona e que corresponde à maneira inata pela qual o homem nasce e se relaciona em sua vida vivida.

Nesta parte do auto, Lúcifer é o pajé, Guaixará é o pajé e todos que o seguem são demônios, Guaixará é o diabo *“esse locutor infernal que é preciso*

---

<sup>134</sup> CRIPPA, 1975, p.115



*calar... O feiticeiro é algo “anormal”; ele é um herege, não um pagão. É um herege que se faz passar por pagão”* <sup>135</sup>

O pajé é algo anormal na medida em que se considera que a cultura “índia” é “pagã”. Considera-se a cultura “índia” como algo já possuído pelo Diabo, a figura infernal se flexiona, Lúcifer agora é o *signo da perversão*; é o líder de hereges, que vê, nele a síntese de suas qualidades malignas. <sup>136</sup>

No entanto durante boa parte do texto do auto, Guaixará sabe da força da tradição e da linguagem e entende que mesmo que sejam os indígenas levados a outro mito, é o mito primordial, da origem da cultura, que surge de forma espontânea que permanece e crê, que mesmo com a influência externa de outra transmissão mítica, cada indivíduo da cultura a que pertence, possui em cada psique prontidões vivas e ativas e que mesmo que se encontrem inconscientes, influenciam o sentir, o pensar e o atuar do homem mítico.

Porém, o português, o jesuíta, tenta mostrar o inverso disso quando pretende provar que até mesmo Aimbirê acredita na força do novo mito, o mito cristão e a força dos santos. Vejamos:

### **AIMBIRÊ**

É bem difícil tentá-los. Seu valente guardião me amedronta.

---

<sup>135</sup> NEVES, 1978, p.93

<sup>136</sup> NEVES, 1978, p.94

**GUAIXARÁ**

E quais são?

**AIMBIRÊ**

É São Lourenço a guiá-los, de Deus fiel Capitão.

**GUAIXARÁ**

Qual? Lourenço o consumado nas chamas qual somos nós?

**AIMBIRÊ**

Esse.

...

**AIMBIRÊ**

Por isso o que era teu ele agora libertou e na morte te venceu. Há também o seu amigo Bastião, de flechas crivado.

Pela visão de Anchieta, Aimbirê crê em seu mito, mas de alguma forma percebe que muitos indígenas estão passando para o “outro lado”, porque o novo mito também lhes dá uma explicação para a vida que levam, pois muitas das situações típicas vividas pelos gentios com relação a condição humana, também são representadas pelos mitos que lhes vem sendo ensinado, gerando nesses indígenas uma predisposição para experimentar os novos conceitos Deus, de seus nascimentos, de suas mortes e de renascimento após a morte, dos novos rituais, dos sacramentos, etc.

Por outro lado, percebe-se também que Aimbirê, junto com outros diabos, continuará tentando o “disconversão” e a manutenção do mito primordial.

Há, no entanto, uma angústia demonstrada pelo diabo que Anchieta criou, mostrando que ele mesmo sendo o diabo, entende a necessidade dos gentios em descobrir e refazer seus mitos. Havia o vislumbre de que a nova proposta, o novo mito, pudesse atender às necessidades daqueles que teriam conhecido um novo tipo de conforto, uma nova segurança perante as doenças que destruíram tribos inteiras, um novo alento para suas dificuldades enfrentadas em suas vidas vividas.

“É a perda de nosso mito continente que está na raiz de nossa angústia individual e social, e nada, a não ser a descoberta de um novo mito central, vai resolver o problema para o indivíduo e para a sociedade”<sup>137</sup>.

Vejamos este trecho do auto onde os diabos em conversa com São Lourenço, tentam mostrar que são apenas indígenas, no entanto a fala proposta por Anchieta no texto, perverte essa informação;

*(São Lourenço fala a Guaixará:)*

**SÃO LOURENÇO**

Quem és tu?

**GUAIXARÁ**

Sou Guaixará embriagado, sou boicininga, jaguar, antropófago, agressor, andirá-guaçu alado, sou demônio matador.

**SÃO LOURENÇO**

---

<sup>137</sup> EDINGER, 1999: 11

E este aqui?

### **AIMBIRÊ**

Sou jibóia, sou socó, o grande Aimbirê tamoio.

Sucuri, gavião malhado, sou tamanduá desgrenhado, sou luminoso demônio.

Ou estaria dizendo em suas próprias palavras e nas não palavras colocadas por Anchieta em sua boca de personagem: “sou índio, sou livre, sou aguerrido, luto por minha tradição”.

Mas São Lourenço e São Sebastião continuam a tentar convencer esses diabos de que eles foram criados a imagem e semelhança dos brancos e por isso têm que se tornarem tementes a Deus.

Como afirmei anteriormente, Deus é uma forma de explicarmos as experiências que temos no mundo que de alguma forma, são sublimes e transcendentais. Ele é a superposição dos espíritos de todas as idéias. Amamos aos deuses, pois temos que amar o abstrato da mesma forma que amamos nossa vida. Mas, os gentios possuíam outro mundo, outra sublimidade, outra transcendentalidade, outras idéias, outras abstrações. A terra é a mesma, mas entendida de outra forma, a morte é a mesma, mas o conceito dessa “passagem”, é distinto, o espírito de cada idéia é formado por concepções diferentes da dos portugueses.

Vejamos novamente uma afirmação de Gusdorf, já citada anteriormente neste trabalho:

*“Porque a natureza, junto com a sobrenatureza, desvela ao ser toda sua totalidade. Consagra o estabelecimento ontológico da comunidade, pelo vínculo da participação fundamental entre o homem vivente, a terra, as coisas, os seres e ainda os mortos, que continuam freqüentando a morada de sua vida”<sup>138</sup>*

Os deuses dos indígenas eram por eles conhecidos, podiam olhar e ver o Sol, a Lua, as estrelas, a noite, a chuva, o vento, mas o Deus apresentado pelos jesuítas era um deus que não se podia ver nem acreditar sem pensar. *“El Dios verdadero, el Dios de la religión cristiana fue siempre un Deus absconditus”<sup>139</sup>*; um Deus escondido, um Deus que necessita que se creia sem que se possa ver.

Mas Anchieta, na voz da personagem São Sebastião vê a existência de um povo e seu mito e tenta ainda mudar a concepção de Aimbirê, impondo o mito cristão.

*(Aimbirê com São Sebastião.)*

**AIMBIRÊ**

Vamos! Deixa-nos a sós, e retirai-vos que a nós meu povo espera afligido.

**SÃO SEBASTIÃO**

Que povo?

**AIMBIRÊ**

---

<sup>138</sup> GUSDORF, 1959: p. 55-56.

<sup>139</sup> CASSIRER, 1945: p.113.

Todos os que aqui habitam desde épocas mais antigas, velhos, moças, raparigas, submissos aos que lhes ditam nossas palavras amigas.

Vou contar todos seus vícios, Em mim acreditarás?

### **SÃO SEBASTIÃO**

Tu não me convencerás.

### **AIMBIRÊ**

Têm bebida aos desperdícios, cauim não lhes faltará.

De ébrios dão-se ao malefício, ferem-se, brigam, sei lá!

### **SÃO SEBASTIÃO**

Ouvem do morubixaba censuras em cada taba, disso não os livrarás.

### **AIMBIRÊ**

Censura aos índios? Conversa!

Vem logo o dono da farra, convida todos à festa, velhos, jovens, moçocaras com morubixaba à testa.

Os jovens que censuravam com morubixaba dançam, e de comer não se cansam, e no cauim se lavam, e sobre as moças avançam.

### **SÃO SEBASTIÃO**

Por isso aos arcajás vivem vocês freqüentando, e a todos aprisionando.

**AIMBIRÊ**

Conosco vivem em paz, pois se entregam aos desmandos.

**SÃO SEBASTIÃO**

Uns aos outros se pervertem convosco colaborando.

**AIMBIRÊ**

Não sei. Vamos trabalhando, e aos vícios bem se convertem à força do nosso mando.

Os diabos aqui retratados tentam usar de uma linguagem que permite estruturar seu conhecimento sobre si e sobre seu povo, uma linguagem que pudesse ser capaz de transcrever sua realidade vivida, mas que pertencesse a seu próprio conhecimento de mundo, um mundo indígena, um mundo desenhado pelo mito primordial e pela essência de seu ser e de sua existência humana, que se fixa através de uma paisagem desenhada pelo grupo social a que pertence, a tribo de sua origem, de seu nome e de sua identidade, envolta por uma membrana relacionada com a moral e com a espiritualidade de seu povo.

É através do mito que o homem se relaciona com o outro, pensa seus deuses, pensa sua vida e vive as relações do povo a que pertence. É pelo mito que são definidas as tarefas coletivas e individuais da comunidade, na defesa, na guarda dos indivíduos, coletores ou caçadores, guerreiros ou agricultores, partilhando vivências e vivenciando a cooperatividade.

A cooperatividade e mutualidade servem para garantir o alimento, a cultura e a tradição, as quais também alimentam, tanto para si como para os que do indivíduo mítico dependem, sendo a base psíquica, para o ser em suas necessidades de viver ou estruturar a experiência tribal.

Mas quer Anchieta, que seus personagens entendam o inferno, mas o próprio texto mostra que Aimbirê percebe que os brancos também cultuam esse inferno de alguma forma.

### **GUAIXARÁ**

Esta história não termina antes que desponte a lua, e a taba se contamina.

### **AIMBIRÊ**

E nem sequer raciocinam que é o inferno que cultuam.

Inferno, um local subterrâneo habitado pelos mortos, um lugar em que as almas pecadoras se entram após a morte submetidas a penas eternas. Novamente o *absconditus*, só que agora não é mais Deus quem está escondido e sim o diabo, isto é eles mesmos, Guaixará, Aimbirê, Saravaia e todos os outros, mesmo que eles mesmos não saibam disso.

### **SÃO LOURENÇO**

Mas existe a confissão, bem remédio para a cura.



Na comunhão se depura da mais funda perdição a alma que o bem procura.

Se depois de arrependidos os índios vão confessar dizendo: "Quero trilhar o caminho dos remidos". - o padre os vai abençoar.

### **GUAIXARÁ**

Como se nenhum pecado tivessem, fazem a falsa confissão, e se disfarçam dos vícios abençoados, e assim viciados passam.

### **AIMBIRÊ**

Absolvidos dizem: "na hora da morte meus vícios renegarei". E entregam-se à sua sorte.

### **GUAIXARÁ**

Ouviste que enumerei os males são seu forte.

### **SÃO LOURENÇO**

Se com ódio procurais tanto assim prejudicá-los, não vou eu abandoná-los.

E a Deus erguerei meus ais para no transe ampará-los.

Tanto confiaram em mim construindo esta capela, plantando o bem sobre ela.

Não os deixarei assim sucumbir sem mais aquela.

### **GUAIXARÁ**

É inútil, desista disso!

Por mais força que lhes dê, com o vento, num dois três  
daqui lhes darei sumiço.

Deles nem sombra vereis.

Aimbirê vamos conservar a terra com chifres, unhas,  
tridentes, e alegrar as nossas gentes.

Já aqui, Anchieta propõe que os diabos saibam bem quem são, qual sua origem e qual seu destino. Mas Guaixará e seus companheiros, não tinham essa concepção de origem e de destino do mito cristão ou mesmo de profano e de sagrado, pois sagrado ou profano é tudo aquilo que se encontra sob os olhos do homem, no entanto no índio real, não interpretado de um texto apologético, não havia a clara noção de profano e sagrado nem de pecado, pois isso não estava sob seus olhos, existindo sim o tabu, que cometido ou invadido, não tinha perdão e só poderia receber a morte, diferente do pecado, que por maior que fosse, teria como ser renegado e obtido o perdão para que se siga em direção aos Céus.

*“As diversas formas da realidade seguem-se às diversas formas que o sagrado assume ao revelar-se. Independentemente dos contrastes e das oposições que integram o mundo do real sensível, há uma coincidência radical no Ser e no Sagrado. O divino garante estas oposições e diversidades, apresentando-se ele mesmo, das mais diversas maneira”.*<sup>140</sup>

Enfim, após o embate de mitos, de um lado São Sebastião e o Anjo e do outro Aimbirê e Saravaia, como sempre, o “considerado” Bem, vence o

---

<sup>140</sup> CRIPPA, 1975, p.117

“considerado” Mal, onde até os franceses e castelhanos são considerados aliados do Diabo e, nesse embate de mitos o branco, português, cristão e jesuíta, vence o Curupira, a Grande Mãe, a Mãe d’água, o M’boy-tatá.

*O Anjo ...Fala com os santos convidando-os a cantar e se despede.)*

Cantemos todos, cantemos!

Que foi derrotado o mal!

Esta história celebremos, nosso reino inauguremos nessa alegria campal!

*(Os santos levam presos os diabos os quais, na última repetição da cantiga choram.)*

Conforme se pode perceber no texto que define o terceiro ato e muito do texto a seguir, os anjos de Deus comandam os diabos Aimbirê e Saravaia, para que atuem sob seu comando fazendo arder nos infernos outros que podem ser considerados pecadores, Décio e Valeriano, imperadores e que representam possivelmente no auto de São Lourenço, outros chefes tribais que não aceitaram a pregação.

### **ANJO**

Aimbirê!

Estou chamando você.

Apressa-te ! Corre! Já!

**AIMBIRÊ**

Aqui estou! Pronto! O que há!  
Será que vai me pender de novo este passarão?

**ANJO**

Reservei-te uma surpresa: tenho dois imperadores para dar-te como presa.

De Lourenço, em chama acesa, foram ele os matadores.

...

**ANJO**

Eia, depressa a afogá-los.  
Que para o sol sejam cegos!  
Ide ao fogo cozinhá-los.  
Castiga com teus vassalos estes dois sujos morcegos.

**AIMBIRÊ**

Pronto! Pronto!  
Sejam tais ordens cumpridas!  
Reunirei meus demônios.  
Saravaia, deixa os sonhos, traz-me de boa bebida que temos planos medonhos!

...

*(Chama quatro companheiros para que os ajudem.)*

Tataurana, traze a tua muçurana.  
Urubu, jaguaruçu, traz a ingapema. Sus Caborê, vê se te inflama pra comer estes perus.

*(Acodem todos os quatro com suas armas)*

Dessa forma, necessita psicologicamente o homem mítico, de uma visão de unidade que impõe a forma humana à totalidade do universo, criando deuses à sua imagem e semelhança, que criam homens à sua imagem e semelhança.

Anchieta nos mostra, neste ponto que também os diabos criam seus conceitos de Bem e Mal a partir de semelhanças tanto com Deus como com o Diabo, pois para aceitarem o mito que altera seus costumes, que gera dentro deles uma perda da consciência de uma realidade transpessoal, seus deuses, as anarquias interna e externa dos desejos pessoais rivais assumem o poder e como os cristãos, passam a criar deidades à sua imagem e semelhança, as quais criam homens à suas imagens e semelhanças.

Mostra Anchieta quando fala dos romanos no texto do Auto, que Décio e Valeriano são adeptos a idéias contrárias ao cristianismo, são guerreiros conquistadores, pagãos e, portanto infiéis que deverão ser castigados, mas por quem, por aqueles considerados pelo mito cristão, iguais a estes, isto é, Aimbirê e Saravaia e outros diabos, que os enganará, os assará, os sangrará, atendendo às ordens dos anjos e dos santos católicos. Neste momento do texto do auto de São Lourenço, os diabos chamam de castelhanos os imperadores, o que pode servir para mostrar o juízo que dos castelhanos (ou de sua língua) faziam então os lusitanos, juízo esse perfilhado mesmo por quem, como Anchieta, nascera em terras de Espanha.

Caos total na cultura indígena. O mito cristão é imposto sobre a pureza da indianidade.

No quarto o Temor de Deus e o Amor de Deus mandam sua mensagem de que os índios (público-alvo de José de Anchieta) devem amar e temer a Deus que por eles tudo sacrificou. Neste quarto ato, novamente o sagrado cristão invade o espaço sagrado do mito indígena, invade o espaço mítico primitivo, substituindo o altar de sacrifícios, espaço de magia do pajé, vital para a manutenção de seu pensamento e estrutura de sua psique, pelo altar a Deus, como um marco de apenas uma existência possível, como um lugar de uma existência real e que lhe dá um novo sentido, pois ali não moram mais seus deuses, não moram seus mortos, seus pensamentos e desejos, e sim, um mito cristão.

Reafirma essa imposição do sagrado cristão sobre o sagrado indígenas, no momento do quinto ato onde na dança final de doze meninos, invocando São Lourenço, afirmando em tupi os bons propósitos de seguir os ensinamentos cristãos. O fim da apresentação criava um clima propício para que o público, em verdadeiro coro, formulasse idênticos votos de viver segundo os preceitos religiosos.

Não há mais, por esse auto de Anchieta, um espaço sagrado onde o indígena pudesse realizar seus rituais, suas suplicas, seus sacrifícios, fazendo com percam por completo e em definitivo o local onde suas forças vitais pudessem se encontrar, se concentrar e os fazer existir como são.

Conforme Cripa<sup>141</sup>, quando novas simbologias são inseridas no processo de manifestação do sagrado, elas assumem uma dimensão nova, a sacralidade, manifestando um poder transcendente e incontrolável pelo homem, tornando ao final o indígena em um arremedo de branco e português, confirmando assim a profecia do pajé que dizia que o índio se transformaria no branco e o branco em índio. Isso não aconteceu, o indígena se transformou em “algo que caminha sobre a terra”.

Com a queda do pano na boca de cena, para Anchieta o índio se converteu. Vejamos em que ele acreditava:

...falamos-lhe que o queríamos batizar para que sua alma não se perdesse, mas que por então não podíamos ensinar-lhe o que era necessário por falta de tempo, e que estivesse preparado para quando voltássemos. Folgou ele tanto com esta notícia, como vinda do Céu, e teve-a tanto em memória, que agora quando viemos e lhe perguntamos se queria ser Cristão, respondeu com muita alegria que sim, e que já desde então o estava esperando [...] O que se lhe imprimiu foi o mistério da Ressurreição, que ele repetia muitas vezes dizendo: “Deus verdadeiro é Jesus, que saiu da sepultura e subiu ao Céu, e depois há de vir, muito irado, a queimar todas as cousas” [...] Chegando à porta da igreja o assentamos em uma cadeira onde estavam já seus padrinhos com outros cristãos a esperá-lo. Aí lhe tornei a dizer que dissesse diante de todos o que queria; e ele respondeu com grande fervor que queria ser batizado, e que toda aquela noite estivera pensando na ira de Deus, que havia de ter para

---

<sup>141</sup> CRIPPA, 1975, p.120

queimar todo o mundo, e destruir todas as cousas, e de como havíamos de ressuscitar todos.<sup>142</sup>

---

<sup>142</sup> ANCHIETA - Cartas- 1988; p. 199 - Carta ao Geral Diogo Lainez, de São Vicente, a 16 de abril de 1563.



## CONCLUSÃO - O RESULTADO DO EMBATE DESSES MITOS NA EDUCAÇÃO E NA CULTURA BRASILEIRA

Nós, brancos, negros, mestiços e cristãos ou não, pudemos ter nesse Brasil, uma herança que poderia ser considerada magna, quer na língua que falamos, quer nas artes, nas danças, na culinária que a Cunhã, mãe da família brasileira nos deixou, diria com certeza Gilberto Freire. Aprendemos e incorporamos tantos e tantos itens dessa cultura maravilhosa que veio do indígena, fomos educados pelas Cunhãs.

Mas, desde Caminha, sempre se repetem pela educação formal brasileira as maravilhas deste país, desta terra, como se eles, os indígenas nunca tivessem existido, esquecendo-se que transmissão cultural é educação.

Porém a terra em si é de muitos bons ares, assim frios e temperados, como os de Entre-Doiro e Minho, porque, neste tempo de agora, assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas: infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem. <sup>143</sup>

---

<sup>143</sup> CAMINHA, 2000; p. 12

Podemos observar no trecho acima que o Brasil é descrito como mundo fértil, de clima ameno, vida promissora... Esse relato é consequência da visão medieval da natureza, na qual a exuberância é uma manifestação divina. Nessa idealização, cada visão da terra, é uma lição de Deus e tudo é associado então ao Éden, ao Paraíso "Terrestre". Discurso elaborado no período de conquista da terra, e que se repete ao longo dos séculos.

Vejamos por exemplo um trecho próprio do romantismo da Canção do Exílio, de Gonçalves Dias (século XIX):

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam;  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Até mesmo canções atuais, cantam essa terra maravilhosa onde o Éden repousa como em "País Tropical", de Jorge Ben Jor (século XX):

Moro num país tropical  
Abençoado por Deus  
E bonito por natureza  
Mas que beleza,  
Fevereiro tem carnaval  
Tem carnaval...

O Hino Nacional Brasileiro também se rende ao mito do Paraíso Terrestre ser o Brasil.

Se em teu formoso céu, risonho e límpido,  
A imagem do Cruzeiro resplandece.

.....

Do que a terra mais garrida  
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;  
"Nossos bosques têm mais vida, "  
"Nossa vida" no teu seio "mais amores."

.....

Gigante pela própria natureza,  
Es belo, és forte, impávido colosso,  
E o teu futuro espelha essa grandeza!  
Terra adorada...

Entretanto, há textos que subvertem, ironicamente, a história oficial do país apresentada na Carta de Caminha, num processo de desconstrução desse mito de que o Éden é aqui. Mostram um Brasil, cheio de contrastes, tal como este fragmento da música "Índios", do conjunto Legião Urbana (século XXI):

*Quem me dera ao menos uma vez,  
Ter de volta todo o ouro que entreguei  
A quem conseguiu me convencer  
Que era prova de amizade  
Se alguém levasse embora até o que eu não tinha.*

.....

*Quem me dera ao menos uma vez  
Provar que quem tem mais do que precisa ter  
Quase sempre se convence que não tem o bastante*

*E fala demais por não ter nada a dizer.*

.....

*Quem me dera ao menos uma vez*

*Que o mais simples fosse visto como o mais importante*

*Mas nos deram espelhos e vimos um mundo doente.*

.....

*Quem me dera, ao menos uma vez,*

*Entender como um só Deus ao mesmo tempo é três*

*E esse mesmo Deus foi morto por vocês -*

*É só maldade então, deixar um Deus tão triste.*

.....

*Quem me dera, ao menos uma vez,*

*Como a mais bela tribo, dos mais belos índios,*

*Não ser atacado por ser inocente.*

.....

*Nos deram espelhos e vimos um mundo doente*

*Tentei chorar e não consegui.*

Em sua carta, além das primeiras imagens da terra e dos homens, Caminha ressalta que: "*Mas o melhor fruto que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente, e esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza nela deve lançar.*". Mas o índio após a conversão, após ter sido educado pelo branco, vestiu máscaras de cristandade, máscaras de alguém com pele branca, máscaras de civilização européia, marca indelével de sua condição de escravo do colonizador europeu quinhentista e seiscentista.

O mito cristão, nesse embate derrotou Guaixará, Aimbirê, Saravaia e todos os outros diabos, levando com eles, até Décio e Valeriano. Elimina o mito de

Âgãmahsâpu, o Pai maior, o mito dos Diroá e dos Koáyea e todo o conhecimento do mito indígena.

Entendo que todo o trabalho aqui apresentado é uma conclusão de *per si* e leva o leitor a uma compreensão do embate de mitos e quem venceu. Que lado se tornou o Bem e que lado se tornou o Mal.

Gostaria de encerrar esta proposta, voltando a tradição indígena, não considerada fonte histórica, mas real, como real é ainda alguma sombra tênue do mito indígena, trazendo a História de Umukomahsu<sup>144</sup>

“ ...os Desana ficaram divididos em várias malocas onde viviam sossegados. Trabalhavam e faziam grandes festas, como a festa de oferta de bens (poori). Na maloca do filho de Boreka, também chamado Boreka, havia um tipo de boneco de que ele era o dono. Chamava-se Gõãmê (demiurgo). Ele morava dentro de uma grande cuia de um metro de altura, sustentada sobre um suporte de panela. Durante o dia, ele se parecia como uma cobra venenosa. Mas ele não mordia. De noite, no sonho, ele tinha relação sexual com a mulher de Boreka. Assim a mulher de Boreka contava para as outras mulheres! No sonho, ele lhe aparecia como um padre, às vezes como um Branco. Assim, não somente ele tinha vida, como também ele vivia no sonho com algumas outras mulheres da maloca de Boreka. Mas não com todas! Escolhia a mulher com quem ia viver no sonho. Ele não fazia isso com as solteiras, somente com as mulheres que já tinham marido, isto é, que pertenciam a outra tribo. Por isso, quando nascia uma criança da mistura do sêmem de Gõãmê e do marido, já se sabia que, quando crescesse, ele seria inteligente, sábio e adivinho. Gõãmê

---

<sup>144</sup> LANA, 1995; p.58-59

tinha relação sexual no sonho com cinco mulheres da maloca de Boreka que tinham marido.

Ele tinha um grande poder. Protegia Boreka, livrando-o de todos os males e de todos os perigos que dele se aproximassem. Enquanto viviam deste modo, chegaram os primeiros Brancos na região. De acordo com a história do Brasil, esses Brancos seriam os bandeirantes. Depois deles, chegaram os Brancos que agarraram a gente. Eles cercavam a maloca de Boreka, mas não conseguiram entrar nela. Suas pernas ficaram moles. Eles não tinham mais força para andar. Voltaram uma segunda vez, cercaram a maloca e aconteceu a mesma coisa. Tornaram a voltar e sucedia o mesmo. Por isso, eles perguntaram para os índios de outras tribos porque eles ficavam deste jeito quando tentavam entrar na maloca de Boreka. Os outros contaram que Boreka tinha na sua maloca um tipo de boneco que o defendia. Os Brancos perguntaram em qual lugar ele ficava guardado. Responderam que era bem no meio da porta do quarto de Boreka. A porta chamava-se Imikadihsi (porta dos Paris). Ele estava sobre essa porta, em cima de um suporte de cuia.

Os Brancos ouviram tudo direito e foram outra vez para a maloca de Boreka. Quando chegaram, a primeira coisa que fizeram foi derrubar Gõãmê com um tiro de espingarda. Atiraram sem ver nada, porque sabiam onde ele se encontrava. A casa de Gõãmê, isto é a cuia, ficou totalmente despedaçada, mas ele subiu ao céu. Os Brancos cercaram então a maloca e agarraram Boreka. O descendente legítimo da Gente de Transformação foi assim preso pelos Brancos. O irmão de Boreka conseguiu fugir e tomou o lugar dele como chefe supremo dos Desana. Boreka, quando foi levado pelos Brancos, levou consigo a maior parte dos seus poderes. Não se sabe para qual lugar os Brancos o levaram. Talvez esteja na Bahia, no Rio de Janeiro ou no Portugal. Isso ninguém sabe. As riquezas restantes ficaram todas para a sua geração. Elas estão com os descendentes de Boreka, os Borekapõrã. Entre outras, estão os pumuribuya, os “ Enfeites de Transformação” e as outras coisas tiradas da Maloca do Universo”.

## APÊNDICES

Senti durante este trabalho a necessidade de acrescentar estes apêndices com o intuito de levar ao leitor uma série de informações, que não pertencem ao objeto de estudo e a própria tese em si, mas que colaboraram para o entendimento de mito cristão, no sentido especialmente cultural e que puderam influenciar na missão de educação e catequese jesuítica ao indígena brasileiro.

Para tanto apresento a seguir o texto completo do Auto de S. Lourenço e três estudos por mim realizados em forma de apêndices: ***A missa e os símbolos culturais de transformação do homem, O mito de Cristo*** e por fim, ***Uma proposta de interpretar psicológica e miticamente a Trindade.***

## APÊNDICE 1 – O AUTO DE SÃO LOURENÇO – JOSÉ DE ANCHIETA

### PERSONAGENS

GUAIXARÁ - rei dos diabos  
 AIMBIRÊ  
 SARAIVAIA - criados de Guaixará  
 TATAURANA  
 URUBU  
 JAGUARUÇU - companheiros dos diabos  
 VALERIANO  
 DÉCIO - Imperadores romanos  
 SÃO SEBASTIÃO - padroeiro do Rio de Janeiro  
 SÃO LOURENÇO - padroeiro da aldeia de São Lourenço  
 VELHA  
 ANJO  
 TEMOR DE DEUS  
 AMOR DE DEUS  
 CATIVOS E ACOMPANHANTES

### TEMA

*Após a cena do martírio de São Lourenço, Guaixará chama Aimbirê e Saravaia para ajudarem a perverter a aldeia. São Lourenço a defende, São Sebastião prende os demônios. Um anjo manda-os sufocarem Décio e Valeriano. Quatro companheiros acorrem para auxiliar os demônios. Os imperadores recordam façanhas, quando Aimbirê se aproxima. O calor que se desprende dele abrasa os imperadores, que suplicam a morte. O Anjo, o Temor de Deus, e o Amor de Deus aconselham a caridade, contrição e confiança em São Lourenço. Faz-se o enterro do santo. Meninos índios dançam.*

### PRIMEIRO ATO

*(Cena do martírio de São Lourenço)*

*Cantam:*

Por Jesus, meu salvador,  
 Que morre por meus pecados,  
 Nestas brasas morro assado  
 Com fogo do meu amor  
 Bom Jesus, quando te vejo  
 Na cruz, por mim flagelado,

Eu por ti vivo e queimado  
 Mil vezes morrer desejo  
 Pois teu sangue redentor  
 Lavou minha culpa humana,  
 Arda eu pois nesta chama  
 Com fogo do teu amor.



O fogo do forte amor,  
Ah, meu Deus!, com que me amas  
Mais me consome que as chamas  
E brasas, com seu calor.

Pois teu amor, pelo meu  
Tais prodígios consumou,  
Que eu, nas brasas onde estou,  
Morro de amor pelo teu.

## SEGUNDO ATO

*(Eram três diabos que querem destruir a aldeia com pecados, aos quais resistem São Lourenço, São Sebastião e o Anjo da Guarda, livrando a aldeia e prendendo os tentadores cujos nomes são: Guaixará, que é o rei; Aimbirê e Saravaia, seus criados)*

### GUAIXARÁ

Esta virtude estrangeira  
Me irrita sobremaneira.  
Quem a teria trazido,  
com seus hábitos polidos  
estragando a terra inteira?  
Só eu  
permaneço nesta aldeia  
como chefe guardião.  
Minha lei é a inspiração  
que lhe dou, daqui vou longe  
visitar outro torrão.  
Quem é forte como eu?  
Como eu, conceituado?  
Sou diabo bem assado.  
A fama me precedeu;  
Guaixará sou chamado.  
Meu sistema é o bem viver.  
Que não seja constrangido  
o prazer, nem abolido.  
Quero as tabas acender  
com meu fogo preferido  
Boa medida é beber  
cauim até vomitar.  
Isto é jeito de gozar  
a vida, e se recomenda  
a quem queira aproveitar.  
A moçada beberrona

trago bem conceituada.  
Valente é quem se embriaga  
e todo o cauim entorna,  
e à luta então se consagra.  
Quem bom costume é bailar!  
Adornar-se, andar pintado,  
tingir pernas, empenado  
fumar e curandeirar,  
andar de negro pintado.  
Andar matando de fúria,  
amancebar-se, comer  
um ao outro, e ainda ser  
espião, prender Tapuia,  
desonesto a honra perder.  
Para isso  
com os índios convivi.  
Vêm os tais padres agora  
com regras fora de hora  
prá que duvidem de mim.  
Lei de Deus que não vigora.  
Pois aqui  
tem meu ajudante-mor,  
diabo bem requeimado,  
meu bom colaborador:  
grande Aimberê, perversor  
dos homens, regimentado.

*(Senta-se numa cadeira e vem uma velha chorar junto dele. E ele a ajuda, como fazem os índios. Depois de chorar, achando-se enganada, diz a velha)*

## VELHA

O diabo mal cheiroso,  
 teu mau cheiro me enfastia.  
 Se vivesse o meu esposo,  
 meu pobre Piracaê,  
 isso agora eu lhe diria.  
 Não prestas, és mau diabo.  
 Que bebas, não deixarei  
 do cauim que eu mastiguei.  
 Beberei tudo sozinha,  
 até cair beberei.  
 (*a velha foge*)

## GUAIXARÁ

(*Chama Aimberê e diz:*)

Ei, por onde andavas tu?  
 Dormias noutro lugar?

## AIMBIRÊ

Fui as Tabas vigiar,  
 nas serras de norte a sul  
 nosso povo visitar.  
 Ao me ver regozijaram,  
 bebemos dias inteiros.  
 Adornaram-se festeiros.  
 Me abraçaram , me hospedaram,  
 das leis de deus estrangeiros.  
 Enfim, confraternizamos.  
 Ao ver seu comportamento,  
 tranqüilizei-me. Ó portento!  
 Vícios de todos os ramos  
 tem seus corações por dentro.

## GUAIXARÁ

Por isso  
 no teu grande reboiço  
 eu confio, que me baste  
 os novos que cativaste,  
 os que corrompeste ao vício.  
 Diz os nomes que agregaste.

## AIMBIRÊ

Gente de maratuaúã  
 no que eu disse acreditaram;  
 os das ilhas, nestas mãos  
 deram alma e coração;  
 mais os paraibiguaras.  
 É certo que algum perdi,  
 que os missionários levaram  
 a Mangueá. Me irritaram.  
 Raivo de ver os tupis  
 que do meu laço escaparam.  
 Depois  
 dos muitos que nos ficaram  
 os padres sonsos quiseram  
 com mentiras seduzir.  
 Não vê que os deixei seguir -  
 ao meu apelo atenderam.

## GUAIXARÁ

De que recurso usaste  
 para que não nos fugissem?

## AIMBIRÊ

Trouxe aos tapuias os trastes  
 das velhas que tu instruíste  
 em Mangueá. Que isto baste.  
 Que elas são de fato más,  
 fazem feitiço e mandinga,  
 e esta lei de Deus não vinga.  
 Conosco é que buscam a paz,  
 no ensino de nossa língua.  
 E os tapuias por folgarem,  
 nem quiseram vir aqui.  
 De dança os enlouqueci  
 para a passagem comprarem  
 para o inferno que acendi.

## GUAIXARÁ

Já chega.

Que tua fala me alegre,  
teu relatório me encanta.

### AIMBIRÊ

Usarei de igual destreza  
para arrastar outras presas  
nesta guerra pouco santa.  
O povo Tupinambá  
que em Paraguaçu morava,  
e que de Deus se afastava,  
deles hoje um só não há,  
todos a nós se entregaram.  
Tomamos Moçupiroca,  
Jequei, Gualapitiba,

Niterói e Paraíba,  
Guajajó, Carijó-oca,  
Pacucaia, Araçatiba  
Todos os tamoios foram  
Jazer queimando no inferno.  
Mas há alguns que ao Padre Eterno  
fiéis, nesta aldeia moram,  
livres do nosso caderno.  
Estes maus Temiminós  
nosso trabalho destroem.

### GUAIXARÁ

Vem tentá-los que se moem  
a blasfemar contra nós.  
Que bebam, roubem e esfolem.  
Que provoquem muitas lutas,  
muitos pecados cometam,  
por outro lados se metam  
longe desta aldeia, à escuta  
dos que as nossas leis prometam.

### AIMBIRÊ

É bem difícil tentá-los.  
Seu valente guardião  
me amedronta.

### GUAIXARÁ

E quais são?

### AIMBIRÊ

É São Lourenço a guiá-los,  
de Deus fiel Capitão.

GUAIXARÁ

Qual? Lourenço o consumado  
nas chamas qual somos nós?

AIMBIRÊ

Esse.

GUAIXARÁ

Fica descansado.  
Não sou assim tão covarde,  
será logo afugentado.  
Aqui está quem o queimou  
e ainda vivo o cozeu.

AIMBIRÊ

Por isso o que era teu  
ele agora libertou  
e na morte te venceu.  
Há também o seu amigo  
Bastião, de flechas crivado.

GUAIXARÁ

O que eu deixei transpassado?  
Não faças broma comigo  
que sou bem desaforado.  
Ambos fugirão logo  
aqui me virem chegar.

AIMBIRÊ

Olha que vais te enganar!

GUAIXARÁ

Tem confiança, te rogo,  
 que horror lhes vou inspirar.  
 Quem como eu nas terras existe  
 que até Deus desafiou?

#### AIMBIRÊ

Por isso Deus te expulsou,  
 e do inferno o fogo triste  
 para sempre te abrasou.  
 Eu lembro de outra batalha  
 em que Guaixará entrou.  
 Muito povo te apoiou,  
 e, inda que lhes desses forças,  
 na fuga se debandou.  
 Não eram muitos cristãos.  
 Contudo nada ficou  
 da força que te inspirou,  
 pois veio Sebastião,  
 na força fogo ateou.

#### GUAIXARÁ

Por certo aqueles cristãos  
 tão rebeldes não seriam.  
 Mas esses que aqui estão  
 desprezam a devoção  
 e a Deus não reverenciam.  
 Vais ver como em nossos laços  
 caem, logo estes malvados!  
 De nossos dons confiados,  
 as almas cederam passo  
 para andar do nosso lado.

#### AIMBIRÊ

Assim mesmo tentarei.  
 Um dia obedecerão.

#### GUAIXARÁ

Ao sinal de minha mão  
 os índios te entregarei.

E à força sucumbirão.

### AIMBIRÊ

Preparemos a emboscada.  
 Não te afobes. Nosso espia  
 verá em cada morada  
 que armas nos são preparadas  
 na luta que se inicia.

### GUAIXARÁ

Muito bem  
 és capaz disso  
 Saravaia meu vigia?

### SARAVAIA

Sou demônio da alegria  
 e assumi tal compromisso.  
 Vou longe nesta porfia.  
 Saravaiaçu me chamo.  
 Com que tarefa me aprazas?

### GUAIXARÁ

Ouve as ordens de teu amo,  
 quero que espies as casas  
 e voltes quando te chame.  
 Hoje vou deixar que leves  
 os índios aprisionados.

### SARAVAIA

Irei onde me carregues.  
 E agradeço que me entregues  
 encargo tão desejado.  
 Como Saravaia sou,  
 aos índios que me aliei  
 enfim aprisionarei.  
 E neste barco me vou.  
 De cauim me embriagarei.

GUAIXARÁ

Anda logo! vai ligeiro!

SARAVAIA

Como um raio correrei!  
(*Sai*)

GUAIXARÁ

(*Passeia com Aimbirê e diz:*)

Demos um curto passeio  
Quando volte o mensageiro  
a aldeia destroçarei.  
(*Volta Saravaia e Aimberê diz:*)

AIMBIRÊ

Danado! Voltou voando!

GUAIXARÁ

Demorou menos que um raio!  
Foste mesmo, Saravaia?

SARAVAIA

Fui. Já estão comemorando  
os índios nossa vitória.  
Alegra-te!  
Transbordava o cauim,  
o prazer regurgitava.  
E a beber, as igaçabas  
esgotam até o fim.

GUAIXARÁ

E era forte?



SARAVAIA

Forte estava.  
E os rapazes beberrões  
que pervertem esta aldeia,  
caiam de cara cheia.  
Velhos, velhas, mocetões  
que o cauim desnorteia.

GUAIXARÁ

Já basta. Vamos mansinho  
tomá-los todos de assalto.  
Nosso fogo arda bem alto.  
*(Vem São Lourenço com dois companheiros. Diz Aimbirê:)*

AIMBIRÊ

Há um sujeito no caminho  
que me ameaça de assalto.  
Será Lourenço, o queimado?

SARAVAIA

Ele mesmo, e Sebastião.

AIMBIRÊ

E o outro, dos três que são?

SARAVAIA

Talvez seja o anjo mandado,  
desta aldeia o guardião.

AIMBIRÊ

Ai! Eles me esmagarão!  
Não posso sequer olhá-los.

## GUAIXARÁ

Não te entregues assim não,  
ao ataque, meu irmão!  
Teremos que amedrontá-los,  
As flechas evitaremos,  
fingiremos de atingidos.

## AIMBIRÊ

Olha, eles vêm decididos  
a açoitar-nos. Que faremos?  
Penso que estamos perdidos.  
(*São Lourenço fala a Guaixará:*)

## SÃO LOURENÇO

Quem és tu?

## GUAIXARÁ

Sou Guaixará embriagado,  
sou boicininga, jaguar,  
antropófago, agressor,  
andirá-guaçu alado,  
sou demônio matador.

## SÃO LOURENÇO

E este aqui?

## AIMBIRÊ

Sou jibóia, sou socó,  
o grande Aimbirê tamoio.  
Sucuri, gavião malhado,  
sou tamanduá desgrenhado,  
sou luminosos demônio.

## SÃO LOURENÇO

Dizei-me o que quereis desta  
minha terra em que nos vemos.

## GUAIXARÁ

Amando os índios queremos  
que obediência nos prestem  
por tanto que lhes fazemos.  
Pois se as coisas são da gente,  
ama-se sinceramente.

## SÃO SEBASTIÃO

Quem foi que insensatamente,  
um dia ou presentemente?  
os índios vos entregou?  
Se o próprio Deus tão potente  
deste povo em santo ofício  
corpo e alma modelou!

## GUAIXARÁ

Deus? Talvez remotamente  
pois é nada edificante  
a vida que resultou.  
São pecadores perfeitos,  
repelem o amor de Deus,  
e orgulham-se dos defeitos.

## AIMBIRÊ

Bebem cuim a seu jeito,  
como completos sandeus  
ao cauim rendem seu preito.  
Esse cauim é que tolhe  
sua graça espiritual.  
Perdidos no bacanal  
seus espíritos se encolhem  
em nosso laço fatal.

## SÃO LOURENÇO

Não se esforçam por orar  
na luta do dia a dia.  
Isto é fraqueza, de certo.

## AIMBIRÊ

Sua boca respira perto  
do pouco que Deus confia.

## SARAVAIA

É verdade, intimamente  
resmungam desafiando  
ao Deus que os está guiando.  
Dizem: "Será realmente  
capaz de me ver passando?"

## SÃO SEBASTIÃO

*(Para Saravaia:)*

Serás tu um pobre rato?  
Ou és um gambá nojento?  
Ou és a noite de fato  
que as galinhas afugenta  
e assusta os índios no mato?

## SARAVAIA

No anseio de devorar  
as almas, sequer dormi.

## GUAIXARÁ

Cala-te! Fale eu por ti.

## SARAVAIA

Não vás me denominar,  
pra que não me mate aqui.  
Esconda-me, antes, dele.

Eu por ti vigiarei.

GUAIXARÁ

Cala-te! Te guardarei!  
Que a língua não te revele,  
depois te libertarei.

SARAVAIA

Se não me viu, safarei.  
Inda posso me esconder.

SÃO SEBASTIÃO

Cuidado que lançarei  
o dardo em que o flecharei.

GUAIXARÁ

Deixa-o. Vem de adormecer.

SÃO SEBASTIÃO

A noite ele não dormiu  
para os índios perturbar

SARAVAIA

Isso não se há de negar.  
(*Açoita-o Guaixará e diz:*)

GUAIXARÁ

Cala-te! Nem mais um pio,  
que ele quer te devorar.

SARAVAIA

Ai de mim!  
Por que me bates assim,  
pois estou bem escondido?  
(*Aimbirê com São Sebastião.*)

AIMBIRÊ

Vamos! Deixa-nos a sós,  
e retirai-vos que a nós  
meu povo espera afligido.

SÃO SEBASTIÃO

Que povo?

AIMBIRÊ

Todos os que aqui habitam  
desde épocas mais antigas,  
velhos, moças, raparigas,  
submissos aos que lhes ditam  
nossas palavras amigas.  
Vou contar todos seus vícios,  
Em mim acreditarás?

SÃO SEBASTIÃO

Tu não me convencerás.

AIMBIRÊ

Têm bebida aos desperdícios,  
cauim não lhes faltará.  
De ébrios dão-se ao malefício,  
ferem-se, brigam, sei lá!

SÃO SEBASTIÃO

Ouvem do morubixaba  
censuras em cada taba,

disso não os livrarás.

### AIMBIRÊ

Censura aos índios? Conversa!  
 Vem logo o dono da farra,  
 convida todos à festa,  
 velhos, jovens, moçocaras  
 com morubixaba à testa.  
 Os jovens que censuravam  
 com morubixaba dançam,  
 e de comer não se cansam,  
 e no cauim se lavam,  
 e sobre as moças avançam.

### SÃO SEBASTIÃO

Por isso aos aracajás  
 vivem vocês freqüentando,  
 e a todos aprisionando.

### AIMBIRÊ

Conosco vivem em paz,  
 pois se entregam aos desmandos.

### SÃO SEBASTIÃO

Uns aos outros se pervertem  
 convosco colaborando.  
 AIMBIRÊ

Não sei. Vamos trabalhando,  
 e ao vícios bem se convertem  
 à força do nosso mando.

### GUAIXARÁ

Eu que te ajude a explicar.  
 As velhas, como serpentes,  
 injuriam-se entre dentes,  
 maldizendo sem cessar.

As que mais calam consentem.  
 Pecam as inconstantes  
 com intrigas bem tecidas,  
 preparam negras bebidas  
 pra serem belas e ardentes  
 no amor na cama e na vida.

#### AIMBIRÊ

E os rapazes cobiçosos,  
 perseguindo o mulhêro  
 para escravas do gentio...  
 Assim invadem fogosos...  
 dos brancos o casario.

#### GUAIXARÁ

Esta história não termina  
 antes que desponte a lua,  
 e a taba se contamina.

#### AIMBIRÊ

E nem sequer raciocinam  
 que é o inferno que cultuam.

#### SÃO LOURENÇO

Mas existe a confissão,  
 bem remédio para a cura.  
 Na comunhão se depura  
 da mais funda perdição  
 a alma que o bem procura.  
 Se depois de arrependidos  
 os índios vão confessar  
 dizendo: "Quero trilhar  
 o caminho dos remidos".  
 - o padre os vai abençoar.

#### GUAIXARÁ

Como se nenhum pecado  
 tivessem, fazem a falsa



confissão, e se disfarçam  
dos vícios abençoados,  
e assim viciados passam.

### AIMBIRÊ

Absolvidos  
dizem: "na hora da morte  
meus vícios renegarei".  
E entregam-se à sua sorte.

### GUAIXARÁ

Ouviste que enumerei  
os males são seu forte.

### SÃO LOURENÇO

Se com ódio procurais  
tanto assim prejudicá-los,  
não vou eu abandoná-los.  
E a Deus erguerei meus ais  
para no transe ampará-los.  
Tanto confiaram em mim  
construindo esta capela,  
plantando o bem sobre ela.  
Não os deixarei assim  
sucumbir sem mais aquela.

### GUAIXARÁ

É inútil, desista disso!  
Por mais força que lhes dêis,  
com o vento, num dois três  
daqui lhes darei sumiço.  
Deles nem sombra vereis.  
Aimbirê  
vamos conservar a terra  
com chifres, unhas, tridentes,  
e alegrar as nossas gentes.

### AIMBIRÊ

Aqui vou com minhas garras,  
meus longos dedos, meus dentes,

#### ANJO

Não julgueis, tolos dementes,  
por no fogo esta legião,  
Aqui estou com Sebastião  
e São Lourenço, não tentem  
levá-los à danação.  
Pobres de vós que irritastes

de tal forma o bom Jesus  
Juro que em nome da cruz  
ao fogo vos condenastes.  
*(Aos santos.)*  
Prendei-os donos da luz!  
*(Os santos prendem os dois diabos.)*

#### GUAIXARÁ

Basta!

#### SÃO LOURENÇO

Não! Teu cinismo me agasta.  
Destes provas que sobejam  
de querer destruir a igreja.  
SÃO SEBASTIÃO  
*(A Aimberê:)*

Grita! Lamenta! Te arrasta!  
Te prendi!

#### AIMBIRÊ

Maldito Seja!  
*(Preso os dois fala o Anjo a Saravaia que ficou escondido.)*

#### ANJO

E tu que está escondido  
será acaso um morcego?  
Sapo cururu mingué,  
ou filhote de gambá,  
ou bruxa pedindo arrego?  
Sai daí seu fedorendo,

abelha de asa de vento,  
zorrilho, maritaca,  
seu lesma, tamarutaca.

SARAVAIA

Ai vida, que me aprisionam!  
Não vês que morro de sono?

ANJO

Quem és tu?

SARAVAIA

Sou Saravaia  
Inimigo dos franceses.

ANJO

Teus títulos são só estes?  
SARAVAIA

Sou também mestre em tocaia,  
porco entre todas as reses.

ANJO

Por isso és sujo e enlameias  
tudo com teu negro rabo.  
Veremos como pateias  
no fogo que a gente ateia.

SARAVAIA

Não! Por todos os diabos!  
Eu te dou ovas de peixe,  
farinha de mandioca,  
desde que agora me deixas,  
te dou dinheiro aos feixes.

ANJO

Não te entendo, maçaroca.  
As coisas que me prometes  
em troca, de onde roubaste?  
Que morada assaltaste  
antes que aqui te escondeste?  
Muito coisa tu furtaste?

SARAVAIA

Não, somente o que falei.  
Da casa dos bons cristãos  
foi bem pouco o que apanhei;  
Tenho o que trago nas mãos,  
por muito que trabalhei.  
Aqueles outros têm mais.  
Para comprar cauim  
aos índios, em boa paz,  
dei o que tinha, e demais,  
pois pobre acabei assim.

ANJO

Vamos! Restitui-lhes tudo  
o que tiveres roubado.

SARAVAIA

Não faças isto, estou bêbedo,  
mais do que o demo rabudo  
da sogra do meu cunhado.  
Tem paciência, me perdoa,  
meu irmão, estou doente.  
Das minhas almas presente  
farei a ti, prá que em boa  
hora as cucas lhes rebentes,  
Leva o nome destes monstros  
e famoso ficarás.

ANJO

E onde lhes foste ao encontro?

SARAVAIA

Fui pelo sertão a dentro,  
lancei as almas, rapaz.

ANJO

De que famílias descendem?

SARAVAIA

Desse assunto pouco sei.  
Filhos de índios talvez.  
Na corda os enfileirei  
presos todos de uma vez.  
Passei noites sem dormir,  
nos seus lares espreitei,  
fiz suas casas explodir,  
suas mulheres lancei,  
pra que não possam fugir.  
*(Amarra-o o anjo e diz:)*

ANJO

Quantas maldades fizeste!  
Por isso o fogo te espera.  
Viverás do que tramaste  
nesta abrasada tapera  
em que pro fim te pilhaste.

SARAVAIA

Aimberê!

AIMBIRÊ

Oi!

## SARAVAIA

Vem logo dar-me a mão!  
Este louco me prendeu.

## AIMBIRÊ

A mim também me venceu  
o flechado Sebastião.  
Meu orgulho arrefeceu.

## SARAVAIA

Ai de mim!  
Guaixará, dormes assim,  
sem pensar em me salvar?

## GUAIXARÁ

Estás louco, Saravaia  
Não vês que Lourenço ensaia  
maneira de me queimar?

## ANJO

Bem junto, pois sois comparsas,  
ardereis eternamente.  
Enquanto nós, *Deo Gratias!*,  
sob a luz da minha guarda  
viveremos santamente.  
(*Faz uma prática aos ouvintes*)  
Alegrai-vos, filhos meus,  
na santa graça de Deus,  
pois que dos céus eu descí,  
para junto a vós estar  
e sempre vos amparar  
dos males que há por aqui.  
Iluminado esta aldeia  
junto de vós estarei,  
por nada me afastarei -  
pois a isto me nomeia  
Deus, Nosso Senhor e Rei!

Ele que a cada um de vós  
um anjo seu destinou.  
Que não vos deixe mais sós,  
e ao mando de sua voz  
os demônios expulsou.  
Também  
São Lourenço o virtuoso,  
Servo de Nosso Senhor,  
vos livra com muito amor  
terras e almas, extremoso,  
do demônio enganador.  
Também São Sebastião  
valente santo soldado,  
que aos tamoios rebelados  
deu outrora uma lição  
hoje está do vosso lado  
E mais - Paranapecu,

Jacutinga, Morói,  
 Sariguéia, Guiriri,  
 Pindoba, Pariguaçu,  
 Curuça, Miapei  
 E a tapera do pecado,  
 a de Jabebiracica,  
 não existe. E lado a lado  
 a nação dos derrotados  
 no fundo do rio fica.  
 Os franceses seus amigos,  
 inutilmente trouxeram  
 armas. Por nós combateram  
 Lourenço, jamais vencido,  
 e São Sebastião flecheiro.  
 Estes santos, em verdade,  
 das almas se compadecem  
 aparando-as, desvanecem  
 (Ó armas da caridade!)  
 Do vício que as envilece.  
 Quando o demônio ameaçar  
 vossas almas, vós vereis  
 com que força hão de zelar.  
 Santos e índios sereis  
 pessoas de um mesmo lar.  
 Tentai  
 velhos vícios extirpar,  
 e as maldades cá da terra  
 evitai, bebida e guerra,  
 adultério, repudiái  
 tudo o que o instinto encerra.  
 Amái vosso Criador  
 cuja lei pura e isenta

### CANTIGA

Alegrem-se os nossos filhos  
 por Deus os ter libertado.  
 Guaixará seja queimado,  
 Aimbirê vá para o exílio,  
 Saravaia condenado!  
 Guaixará seja queimado,  
 Aimbirê vá para o exílio,  
 Saravaia condenado!  
*(Voltam os santos)*

São Lourenço representa.  
 Engrandecei ao Senhor  
 que de bens vos acrescenta.  
 Este mesmo São Lourenço  
 que aqui foi queimado vivo  
 pelos maus, feito cativo,  
 e ao martírio foi infenso,  
 sendo o feliz redivivo.  
 Fazei-vos amar por ele,  
 e amai-o quanto puderdes,  
 que em sua lei nada se perde.  
 E confiando mais nele,  
 mais o céu se vos concede.  
 Vinde  
 à direita celestial  
 de Deus Pai, ireis gozar  
 junto aos que bem vão guardar  
 no coração que é leal,  
 e aos pés de Deus repousar.

*(Fala com os santos convidando-os a cantar e se despede.)*

Cantemos todos, cantemos!  
 Que foi derrotado o mal!  
 Esta história celebremos,  
 nosso reino inauguremos  
 nessa alegria campal!

*(Os santos levam presos os diabos os quais, na última repetição da cantiga choram.)*

Alegrai-vos, vivei bem,  
 vitoriosos do vício,  
 aceitai o sacrifício  
 que ao amor de Deus convém.  
 Daí fuga ao Demo-ninguém!  
 Guaixará seja queimado,  
 Aimbirê vá para o exílio,  
 Saravaia condenado!

**TERCEIRO ATO**

*Depois de São Lourenço morto na grelha o Anjo fica em sua guarda, e chama os dois diabos, Aimbirê e Saravaia, que venham sufocar os imperadores Décio e Valeriano que estão sentados em seus tronos.*

ANJO

Aimbirê!  
Estou chamando você.  
Apressa-te ! Corre! Já!

AIMBIRÊ

Aqui estou! Pronto! O que há!  
Será que vai me pender  
de novo este passarão?

ANJO

Reservei-te uma surpresa:  
tenho dois imperadores  
para dar-te como presa.  
De Lourenço, em chama acesa,  
foram ele os matadores.

AIMBIRÊ

Boa! Me fazes contente!  
À força os castigarei,  
e no fogo os queimarei  
como diabo eficiente.  
Meu ódio satisfarei.

ANJO

Eia, depressa a afogá-los.  
Que para o sol sejam cegos!  
Ide ao fogo cozinhá-los.  
Castiga com teus vassallos



estes dois sujos morcegos.

### AIMBIRÊ

Pronto! Pronto!  
Sejam tais ordens cumpridas!  
Reunirei meus demônios.  
Saravaia, deixa os sonhos,  
traz-me de boa bebida  
que temos planos medonhos!

### SARAVAIA

Já de nego me pinteí,  
ó meu avô jaguaruna,  
e o cauim preparei,  
verás como beberei  
nesta festa da fortuna.  
Que vejo? Um temiminó?  
Ou filho de guaianá?  
Será esse um guaitacá  
que à mesa do jacaré  
sozinho vou devorar?

*(Vê o Anjo e espanta-se.)*

E este pássaro azulão,  
quem será que assim me encara?  
Algum parente de arara?

### AIMBIRÊ

É o anjo que em nossa mão  
põe duas presas bem raras.

### SARAVAIA

Meus capangas, atenção!  
Tataurana, Tamanduá,  
vamos com calma por lá,  
que esses monstros quererão

por certo me afogar.

AIMBIRÊ

Vamos!

SARAVAIA

Ai, os mosquitos me mordem!  
Espera, ou me comerão!  
Tenho medo, quem me acode.  
Sou pequenino e eles podem  
tragar-me de supetão.

AIMBIRÊ

Os índios que não se fiam  
nesta conversa e se escondem  
se os mandam executar.

SARAVAIA

Têm razão se desconfiam,  
vivem sempre a se lograr.

AIMBIRÊ

Cala a boca, beberrão,  
só por isso és tão valente,  
moleirão impertinente!

SARAVAIA

Ai de mim, me prenderão,  
mas vou por te ver contente.  
E a quem vamos devorar?

AIMBIRÊ

A algozes de São Lourenço.

SARAVAIA

Aqueles cheios de ranço?  
Com isto eu vou mudar  
meu nome, de que me canso.  
Muito bem! Suas entranhas  
sejam hoje o meu quinhão.

AIMBIRÊ

Vou morder seu coração.

SARAVAIA

E os que não nos acompanham  
sua parte comerão.  
*(Chama quatro companheiros para que os ajudem.)*

Tataurana,  
traze a tua muçurana.  
Urubu, jaguaruçu,  
traz a ingapema. Sús  
Caborê, vê se te inflama  
pra comer estes perus.  
*(Acodem todos os quatro com suas armas)*

TATAURANA

Aqui estou com a muçurana  
e os braços lhe comerei;  
A Jaguaruçu darei  
o lombo, a Urubu o crânio,  
e as pernas a Caborê  
URUBU  
Aqui cheguei!  
As tripas recolherei,  
e com os bofes terei  
a panela a derramar.  
E esta panela verei

minha sogra cozinhar.

### JAGUARUÇU

Com esta ingapema dura  
as cabeças quebrarei,  
e os miolos comerei.  
Sou guará, onça, criatura,  
e antropófago serei.

### CABORÊ

E eu que em demandas andei  
aos franceses derrotando,  
para um bom nome ir logrando,  
agora contigo irei  
estes chefes devorando.

### SARAVAIA

Agora quietos! De rastros,  
não nos viram. Vou à frente.  
Que não escapem da gente.  
Vigiarei. No tempo exato  
ataquemos de repente.

*(Vão todos agachados em direção a Décio e Valeriano que conversam)*

### DÉCIO

Amigo Valeriano  
minha vontade venceu.  
Não houve arte no céu  
que livrasse do meu plano  
o servo do Galileu.  
Nem Pompeu e nem Catão  
nem Cesar, nem o Africano,  
nenhum grego nem troiano  
puderam dar conclusão  
a um feito tão soberano.

VALERIANO

O remate, grão-Senhor  
desta tão grande façanha  
foi mais que vencer Espanha.  
Jamais rei ou imperador  
logrou coisa tão estranha.  
Mas, Senhor, esse quem é  
que vejo ali, tão armado  
com espadas e cordel,  
e com gente de tropel  
vindo tão acompanhado?

DÉCIO

É o grande deus nosso amigo,  
Júpiter, sumo senhor,  
que provou grande sabor  
com o tremendo castigo  
da morte deste traidor.  
E quer, para reforçar  
as penas deste rufião,  
nosso império acrescentar  
com sua potente mão,  
pela terra e pelo mar.

VALERIANO

Mais me parece é que vem  
a seus tormentos vingar,  
e a nós ambos enforcar.  
Oh! que cara feia tem!  
Começo a me apavorar.

DÉCIO

Enforcar?  
Quem a mim pode matar,  
ou mover meus fundamentos?  
Nem a exaltação dos ventos,  
Nem a braveza do mar,  
nem todos os elementos!

Não temas, que meu poder,  
 o que os deuses imortais  
 me quiseram conceder,  
 não se poderá vencer  
 pois não há forças iguais.  
 De meu cetro imperial  
 pendem reis, tremem tiranos.  
 Venço a todos os humanos,  
 e posso ser quase igual  
 a esses deuses soberanos.

#### VALERIANO

Oh, que terrível figura!  
 Não posso mais aguardar,  
 que já me sinto queimar!  
 Vamos, que é grande loucura  
 tal encontro aqui esperar.  
 Ai! ai! que grandes calores!  
 Não tenho nenhum sossego.  
 Ai, que poderosas dores!  
 Ai, que férvidos ardores,  
 que me abrasam como fogo!

#### DÉCIO

Oh, paixão!  
 Ai de mim, que é o Plutão  
 chegando pelo Aqueronte,  
 ardendo como tição  
 a levar-nos de roldão  
 ao fogo do Flegetonte.  
 Oh, coitado  
 que me queimo! Esse queimado  
 me queima com grande dor!

Oh, infeliz imperador!  
 Todo me vejo cercado  
 de penas e de pavor,  
 pois armado  
 o diabo com seu dardo  
 mais as fúrias infernais,  
 vêm castigar-nos demais.  
 Já nem sei o que hei falado  
 com angústias tão mortais.

#### VALERIANO

O Décio, cruel tirano!  
 Já pagas, e pagará  
 Contigo Valeriano,  
 porque Lourenço cristão  
 assado, nos assará.

## AIMBIRÊ

Ô Castelhana!  
 Bom Castelhana parece!  
 Estou bem alegre mano,  
 que Espanhol seja o profano  
 que no meu fogo padece.  
 Vou fingir-me castelhana  
 e usar de diplomacia  
 com Décio e Valeriano,  
 porque o espanhol ufano  
 sempre guarda a cortesia.  
 Oh, mais alta majestade!  
 Beijo-vos a mão mil vezes,  
 por vossa grã-crueldade

pois justiça nem verdade  
 guardastes, sendo juizes.  
 Sou mandado  
 por São Lourenço queimado,  
 levá-los à minha casa,  
 onde seja confirmado  
 vosso imperial estado  
 em fogo, que sempre abrasa.  
 Oh, que tronos e que camas  
 eu vos tenho preparadas,  
 nessas escuras moradas  
 de vivas e eternas chamas  
 de nunca ser apagadas!

## VALERIANO

Ai de mim!

## AIMBIRÊ

Vieste do Paraguai?  
 Que falais, em Carijó.  
 Sei todas línguas de cor.  
 Avança aqui, Saravaia!  
 Usa tu golpe maior!

## VALERIANO

Basta! Que assim me assassinas,  
 não tenho pecado nada!  
 Meu chefe é a presa acertada.

## SARAVAIA

Não, és tu que me fascinas,  
 ó presa bem cobiçada.

## DÉCIO

Ó miserável de mim,  
 que nem basta ser tirano,  
 nem falar em castelhano!  
 Que é do mando em que me vi,  
 e o meu poder soberano?

## AIMBIRÊ

Jesus, Deus grande e potente,  
 que tu, traidor, perseguiste,  
 te dará sorte mais triste  
 entregando-te em meu dente,  
 a que, malvado, serviste.  
 Pois me honraste,  
 e sempre me contentaste  
 ofendendo ao Deus eterno.

É justo pois que no inferno,  
 palácio que tanto amaste,  
 não sintas o mal do inverno.  
 Porque o ódio inveterado  
 do teu duro coração  
 não pode ser abrandado,  
 se não for já martelado  
 com a água do Flegeton.

## DÉCIO

Olha que consolação  
 para quem se está queimando!  
 Sumos deuses, para quando  
 adiais minha salvação,  
 que vivo estou me abrasando?  
 Ai, ai! Que mortal desmaio!  
 Esculápio, não me acodes?  
 Oh, Júpiter, porque dormes?  
 Que é do vosso raio?  
 Por que é que não me socorres?

## AIMBIRÊ

Que dizeis?  
 De que mal vós padeceis?  
 Que pulso mais alterado.  
 É grande dor de costado  
 este mal, que morreis!  
 Haveis de ser bem sangrado!  
 Há dias que esta sangria  
 se guardava para vós

que sangráveis, noite e dia,  
 com dedicada porfia  
 aos santos servos de Deus.  
 Muito desejo eu beber  
 vosso sangue imperial.  
 Oh, não me leveis a mal  
 que com isso quero ser  
 homem de sangue real.



## DÉCIO

Que dizeis? Que disparate,  
e elegante desvario!  
Juguem-me dentro de um rio  
antes que o fogo me mate,  
ó deuses em que confio!  
Não quereis  
socorrer-me, ou não podeis?  
Ó malditos fermentidos,

ingratos desconhecidos,  
que pouco vos condeois  
de quem fostes tão servidos!  
Se agora voar pudesse,  
vos iria derrocar  
dos vossos tronos celestes,  
feliz, se a mim me coubesse  
no fogo vos projetar.

## AIMBIRÊ

Parece-me que é chegada  
a hora do frenesi,  
e com chama redobrada,  
a qual será descuidada  
dos deuses a quem servis.  
São armas  
dos audazes cavaleiros  
que usam palavrório humano.  
E por isso, tão ufano,  
hoje vindes acolhê-los  
no romance castelhano.

## SARAVAIA

Assim é.  
Pensava dar, de revés,  
golpes de afiados aços  
mas enfim, nossos balaços  
se chocaram através  
com bem poucos canhonaços.  
Mas que boas bofetadas  
lhes reservo para dar!  
Os tristes, sem descansar,  
à força de tais pauladas  
com cães hão de ladrar.

## VALERIANO

Que ferida!  
Tira-me logo esta vida  
pois, minha alta condição,  
contra justiça e razão  
veio a ser tão abatida  
que morro como ladrão!

## SARAVAIA

Não é outro o galardão  
que concedo aos meus criados,  
senão morrer enforcados,  
e depois, sem remissão,  
ao fogo ser condenados!

## DÉCIO

Essa é a pena redobrada  
que me causa maior dor:  
que eu, universal senhor,  
morra morte desonrada  
na forca como traidor.  
Ainda se fosse lutando,  
dando golpes e reveses,  
pernas e braços cortando,  
como fiz com os franceses,  
acabaria triunfando.

## AIMBIRÊ

Parece que estais lembrando,  
poderoso imperador,  
quando, com bravo furor,  
matastes, traição armando,  
Felipe, vosso senhor.  
Por certo que me alegrais  
e se cumpre meus anseios  
ante desabafos tais,  
porque o fogo em que queimais  
provoca tais devaneios.

## DÉCIO

Bem entendo  
 que este fogo em que me acendo  
 merece-me a tirania,  
 pois com tão feroz porfia  
 aos cristãos martirizando  
 pelo fogo os consumia.  
 Mas que em minha monarquia  
 acabe com tal pregão  
 pois morrer como ladrão  
 é muito triste agonia  
 e dobrada confusão.

## AIMBIRÊ

Como? Pedis confissão?  
 Sem asas quereis voar?  
 Ide, se quereis achar  
 aos vossos atos perdão,  
 à deusa Pala rogar.  
 Ou a Nero,  
 esse cruel carniceiro  
 do fiel povo cristão.  
 Aqui está Valeriano,  
 vosso leal companheiro,  
 buscai-o por sua mão!

## DÉCIO

Esses amargos chistes  
 e agressões  
 me acrescentam em paixões  
 e mais dores,  
 com tão profundos ardores  
 como de ardentes tições  
 E com isto crescem mais  
 os fogos em que padeço.  
 Acaba, que me ofereço  
 em tuas mãos, Satanás,  
 ao tormento que mereço.

AIMBIRÊ

Oh, quanto vos agradeço  
 por esta boa vontade!  
 Eu, com liberalidade  
 quero dar-lhe bom fresco  
 para vossa enfermidade.  
 Na cova  
 onde o fogo se renova  
 com ardores perenais,  
 os vossos males fatais  
 aí terão grande prova  
 das agruras imortais.

DÉCIO

Que fazer, Valeriano,  
 bom amigo!  
 Testemunharás comigo  
 desta pena  
 envolvido na cadeia  
 de fogo, deste castigo.

VALERIANO

Em má hora! Já são horas...  
 Vamos logo  
 deste fogo ao outro fogo eternal,  
 lá onde a chama imortal  
 nunca nos dará sossego.  
 Sús, asinha!  
 Vamos à nossa cozinha,  
 Saravaia!

AIMBIRÊ

Aqui deles não me afasto.  
 Nas brasas serão bom pasto,  
 maldito quem nelas caia.

DÉCIO

Aqui abrasado estou!

Assa-me Lourenço assado!  
De soberano que sou  
vejo que Deus me marcou  
por ver seu santo vingado!

### AIMBIRÊ

Com efeito  
quiseste abrasar a jeito  
o virtuosos São Lourenço.  
Hoje te castigo e venço  
e sobre as brasas te deito  
para morrer, segundo penso.  
*(Sufocam-nos e entregam aos quatro  
beleguins, e cada dois  
levam o seu.)*

Vinde aqui  
e aos malditos conduzi  
para em bom queimarem,  
seus corpos sujos tostarem,  
na festa em que os seduzi  
para cozidos bailarem

*(Ficam ambos os demônios no  
terreiros com as coroas dos  
imperadores na cabeça.)*

### SARAVAIA

Sou o grande vencedor,  
o que as más cabeças quebra,  
sou um chefe de valor  
e hoje me decido por  
me chamar Cururupeba.  
Como eles,  
mato os que estão em pecado,  
e os arrasto em minhas chamas.  
Velhos, moços, jovens, damas,  
tenho sempre devorado.  
De bom algoz tenho fama.

### QUARTO ATO

*Tendo o corpo de São Lourenço amortalhado e posto na tumba,  
entra o Anjo com o Temor e o Amor de Deus, a encerrar a obra, e  
no fim acompanham o santo à sepultura.*

## ANJO

Vendo nosso Deus benigno  
vossa grande devoção  
que tendes, e com razão,  
a Lourenço, o mártir digno  
de toda a veneração,  
determinam, por seus rogos  
e martírio singular,  
a todos sempre ajudar,  
para que escapeis dos fogos  
em que os maus se hão de queimar.  
Dois fogos trazia n'alma,  
com que as brasas resfriou,  
a no fogo em que se assou,  
com tão gloriosa palma,  
dos tiranos triunfou.  
Um fogo foi o temor  
do bravo fogo infernal,  
e, como servo leal,  
por honrar a seu Senhor,  
fugiu da culpa mortal.

Outro foi o Amor fervente  
de Jesus, que tanto amava,  
que muito mais se abrasava  
com esse fervor ardente  
que co'o fogo, em que se assava,  
Estes o fizeram forte.  
Com estes purificado  
como ouro refinado,  
padeceu tão crua morte  
por Jesus, seu doce amado.  
Estes vos manda o Senhor  
a ganhar vossa frieza,  
para que vossa alma acesa  
de seu fogo gastador,  
fique cheio de pureza.  
Deixai-vos deles queimar  
como o mártir São Lourenço,  
e sereis um vivo incenso  
que sempre haveis de cheirar  
na corte de Deus imenso.

## TEMOR DE DEUS

*(Dá seu recado.)*

Pecador,  
sorves com grande sabor  
o pecado,  
e não ficas afogado  
com teus males!  
E tuas chagas mortais  
não sentes, desventurado!  
O inferno  
como seu fogo sempiterno,  
Já te espera,  
se não segues a bandeira

da cruz,  
sobre a qual morreu Jesus  
para que tua morte morra.  
Deus te envia esta mensagem  
com amor,  
a mim que sou seu Temor  
me convém  
declarar o que contém  
para que temas ao Senhor.

*(Glosa e declaração do recado.)*

Espantado estou de ver,  
pecador, teu vão sossego.  
Com tais males a fazer,  
como vives sem temer,  
aquele espantoso fogo?  
Fogo que nunca descansa,  
mas sempre provoca a dor,  
e com seu bravo furor

dissipa toda a esperança  
ao maldito pecador.  
Pecador, como te entregas  
tão sem freio ao vício extremo?  
Dos vícios de que estás cheios  
engolindo tão às cegas  
a culpa, com seu veneno.

Veneno de maldição  
tragas sem nenhum temor,  
e sem sentir sua dor,  
deleites da carneção  
sorves com grande sabor.  
Será o sabor do pecado  
muito mais doce que o mel,  
mas o inferno cruel  
depois te dará um bocado  
bem mais amargo que o fel  
Fel beberás sem medida,  
pecador desatinado,  
tua alma em chamas ardida.  
Esta será a saída  
do deleite do pecado.  
Do pecado que tu amas  
Lourenço tanto escapou  
que mil penas suportou,  
e queimado pelas chamas,  
por não pecar, expirou.  
Ele a morte não temeu.  
Tu não temes o pecado  
no qual te tem enforcado  
Lucifer, que te afogou,

Não vês que nestas demoras,  
estão todas corrompidas,  
a cada dia pioras?  
Pioras e te confinias,  
mas teu perigoso estado,  
na pressa e grande cuidado  
com que ao fogo te destinias,  
não sentes, desventurado?  
Oh, descuido intolerável  
de tua vida!  
Tua alma está confundida

Ah, insensível!  
Não calculas o terrível  
espanto, que causará  
o juiz, quando virá  
com carranca muito horrível,  
e à morte te entregará.

e não ficas afogado.  
Afogado pela mão  
do Diabo pereceu  
Décio com Valeriano,  
infiel, cruel tirano,  
no fogo que mereceu.  
Tua fé merece a vida,  
mas com pecados mortais  
quase a tiveste perdida,  
e teu Deus, bem sem medida,  
ofendeste, com teus males.  
Com teus males e pecados,  
tua alma de Deus alheia,  
da danação na cadeia  
há de pagar com os danados  
a culpa que a incendeia.  
Pena sem fim te darão  
dentre os fogos infernais  
teus deleites sensuais.  
Teus tormentos dobrarão,  
e tuas chagas mortais .  
Que mortais são tuas feridas  
pecador. Porque não choras?

no lodo,  
e tu vais rindo de tudo,  
não sentes tua caída!  
Oh, traidor!  
Que negas teu Criador,  
Deus eterno,  
que se fez menino terno  
por salvar-te.  
E tu queres condenar-te  
e não temes ao inferno!

E tua alma será  
sepultada em pleno inferno,  
onde morte não terá  
mas viva se queimará  
com seu fogo sempre eterno!

Oh, perdido!  
Ali serás consumido  
sem nunca te consumir.  
Terás vida sem viver,  
com choro e grande gemido,  
terás morte sem morrer.  
Pranto será teu sorrir,  
sede sem fim te abeberra,  
fome que em comer se gera,  
teu sono, nunca dormir,  
tudo isto já te espera.  
Oh, morfio!  
Pois tu veras de continuo  
ao horrendo Lucifer,  
sem nunca chegar a ver  
aquele molde divino  
de quem tiras todo o ser.  
Acaba já de temer  
a Deus, que sempre te espera,  
correndo por sua esteira,  
pois não lhes vai pertencer  
se não lhe segues a bandeira.  
Homem louco!  
Se teu coração já toco,  
mudar-se-ão alegrias  
em tristezas e agonias.  
Olha que te falta pouco

para fenecer teus dias.  
Não peques mais contra Aquele  
que te ganhou vida e luz  
com seu martírio cruel  
bebendo vinagre e fel  
no extremo lenho a cruz.  
Oh, malvado!  
Ele foi crucificado,  
sendo Deus, por te salvar.  
Pois, que podes esperar,  
se foste tu o culpado  
e não cessas de pecar?  
Tu o ofendes, ele te ama.  
Cegou-se por dar-te a luz.  
Tu és mau, pisas a cruz  
sobre a qual morreu Jesus.  
Homem cego,  
porque não comes logo  
a chorar por teu pecado?  
E tomar por advogado  
a Lourenço que, no fogo,  
por Jesus morreu queimado?  
Teme a Deus, juiz tremendo,  
que em má hora te socorra,  
em Jesus tão só vivendo,  
pois deu sua vida morrendo  
para que tua morte morra.

## AMOR DE DEUS (*Dá seu recado*)

Ama a Deus, que te criou,  
homem, de Deus muito amado!  
Ama com todo cuidado,  
a quem primeiro te amou.  
Seu próprio Filho entregou  
à morte, por te salvar.  
Que mais te podia dar,

se tudo o que tem te dou?  
Por mandado do Senhor,  
te disse o que tens ouvido.  
Abre todo teu sentido,  
porque eu, que sou seu Amor,  
seja em ti bem imprimido  
(*Glosa e declaração do recado*)

Todas as coisas criadas  
conhecem seu Criador.  
Todas lhe guardam amor,

pois nele são conservadas,  
cada qual em seu vigor.  
Pois com tanta perfeição



sua ciência te formou  
 homem capaz de razão,  
 de todo o teu coração  
 ama a Deus, que te criou!  
 Se amas a criatura  
 por se parecer formosa,  
 ama a visão graciosa  
 desta mesma formosura  
 por sobre todas as coisas.  
 Dessa divina lindeza  
 deves ser enamorado.  
 Seja tua alma presa  
 daquela suma beleza  
 homem, de Deus muito amado!  
 Aborrece todo o mal,  
 com despeito e com desdém,  
 E pois, que é racional,  
 abraça a Deus imortal,  
 todo, sumo e único bem.  
 Este abismo de fartura,

Depois, que em morte caíste  
 com vida te levantou.  
 Porque sair não conseguiste  
 da culpa em que te fundiste,  
 seu próprio filho entregou.  
 Entregou-o por escravo,  
 deixou que fosse vendido,  
 para que tu, redimido  
 do poder do leão bravo  
 fosses sempre agradecido.  
 Para que não morras, morre  
 com amor bem singular.  
 Pois, quanto deves amar  
 a Deus que entregar-se quer  
 à morte, por te salvar.  
 O Filho, que o Padre deu,  
 a seu Pai te dá por pai,  
 e sua graça te infundiu,

que nunca será esgotado;  
 esta fonte viva e pura,  
 este rio de doçura,  
 ama com todo cuidado.  
 Antes que criasse nada  
 já a alma majestade  
 te havia a vida gerado.  
 e tua alma, abrasada  
 com eterna caridade.  
 Por fazer-te todo seu  
 com amor te cativou  
 e, pois que tudo te deu,  
 dá tu todo o maior que é teu  
 a quem primeiro te amou.  
 E deu-te alma imortal  
 e digna de um Deus imenso,  
 para que fosses suspenso  
 nele, esse bem eternal,  
 que é sem fim e sem começo.

e quando na cruz morreu,  
 deu-te por mãe sua Mãe.  
 Deu-te fé com esperança,  
 e a si mesmo por manjar,  
 para em si te transformar  
 pela bem aventurança.  
 Que mais te podia dar?  
 Em paga de tudo isto,  
 oh, ditoso pecador,  
 pede apenas teu amor.  
 Despreza pois todo o resto  
 por ganhar a tal Senhor.  
 Dá tua vida pelos bens  
 que Sua morte te ganhou.  
 És seu, nada tens de teu,  
 Dá-lhe tudo quanto tens,  
 pois tudo o que tem te deu!

## DESPEDIDA

Levantai os olhos ao céu, meus irmãos.  
 Vereis a Lourenço reinando com Deus,  
 por vós implorando junto ao rei dos céus,  
 que louvais seu nome aqui neste chão!  
 Daqui por diante tende grande zelo,  
 que Deus seja sempre temido e amado,  
 e, mártir tão santo, de todos honrado.  
 Terei seus favores e doce desvelo.  
 Pois que celebrai com tal devoção

seu claro martírio, tomai meu conselho:  
 sua vida e virtudes tende por espelho,  
 chamando-o sempre com grande afeição.  
 Tereis, por seus rogos, o santo perdão,  
 e sobre o inimigo perfeita vitória.  
 E depois da morte vós vereis na glória  
 a cara divina, com clara visão.

(LAUS DEO)

## QUINTO ATO

*Dança de doze meninos, que se fez na procissão de São Lourenço.*

1º) Aqui estamos jubilosos  
 tua festa celebrando.  
 Por teus rogos desejando  
 Deus nos faça venturosos  
 nosso coração guardando.

2º) Nós confiamos em ti  
 Lourenço santificado,  
 que nos guardes preservados  
 dos inimigos aqui  
 Dos vícios já desligados  
 nos pajés não crendo mais,  
 em suas danças rituais,  
 nem seus mágicos cuidados.

3º) Como tu, que a confiança  
 em Deus tão bem resguardaste,  
 que o dom de Jesus nos baste,  
 pai da suprema esperança.

4º) Pleno do divino amor

foi teu coração outrora.  
Zela pois por nós agora!  
Amemos nosso Criador,  
pai nosso de cada hora!

5º) Obedecestes ao Senhor,  
cumprindo sua palavra.  
Vem que nossa alma escrava  
de teu amor, neste dia  
te imita em sabedoria.

6º) Milagroso, tu curaste  
teus filhos tão santamente.  
Suas almas estão doentes  
deste mal que abominaste,  
Vem curá-los novamente!

7º) Fiel a Nosso Senhor  
a morte tu suportaste.  
Que a força disto nos baste  
para suportar a dor  
pelo mesmo Deus que amaste.

8º) Pelo terrível que és,  
Já que os demônios te temem,  
nas ocas onde se escondem  
vem calcá-los sob os pés,  
pra que as almas não nos queimem.

9º) Hereges que este indefeso  
corpo no teu assaram,  
e a carne toda queimaram  
em grelhas de ferro aceso.  
Choremos, do alto desejo  
de Deus Padre contemplar.  
Venha Ele neste ensejo  
nossas almas inflamar.

10º) Os teus verdugos extremos  
treme, algozes de Deus.  
Vem, leva-nos como teus,  
que ao teu lado ficaremos  
assustando estes ateus.

11º) Estes que te deram morte  
ardem no fogo infernal.  
Tu, na glória celestial

gozarás, divina sorte.  
E contigo aprenderemos  
a amar a Deus no mais fundo  
do nosso ser, e no mundo  
longa vida gozaremos.

12º) Em tuas mãos depositamos  
nosso destino também.  
Em teu amor confiamos

e uns aos outros nos amamos  
para todo o sempre. Amém.

**CAI O PANO**

## APÊNDICE 2 - A MISSA E OS SÍMBOLOS CULTURAIS DE TRANSFORMAÇÃO DO HOMEM

Partindo do princípio de que a missa é um ritual mítico, pertencente aos preceitos da Igreja Católica desde os primórdios do cristianismo e, portanto pertencente também a Fé, não poderia deixar de ser discutida neste trabalho, pois foi através dela, além dos sacramentos da Igreja, que a religião em questão se fixa na mente mítica dos homens até a data de hoje, sob a forma de um ritual de contato com a divindade.

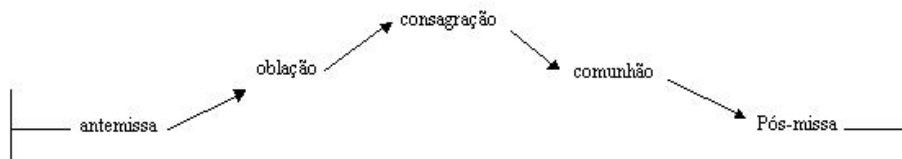
Justamente por ter sua origem em um mito, talvez um dos maiores mitos da atualidade, é claro que nem a psicologia, a sociologia, a antropologia ou a história teria como dar conta de explicar esse grande mistério da Igreja, visto que a fé ultrapassa os domínios dessas ciências e possivelmente até a filosofia e da metafísica, mas podemos aqui, estudar esses símbolos de transformação do ponto de vista fenomenológico, e é o que faremos através da visão de Carl Gustav Jung.

Porque recebi do Senhor o que vos transmiti: O Senhor Jesus, na noite em que foi entregue, tomou o pão, e, depois de dar graças, partiu-o e disse: ' Isto é o meu corpo, que se dá por vós; fazei isto em memória de mim'. E, do mesmo modo, depois de cear, tomou

o cálice dizendo: 'Este cálice é o Novo Testamento do meu sangue; todas as vezes que o beberdes, fazei-o em memória de mim'. Pois todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciarei a morte do Senhor, até que Ele venha <sup>145</sup>

Foi nessa Ceia que Cristo teria pronunciado as palavras da missa "Eu sou a vida verdadeira; Permaneci em mim como eu [permaneço] em vós; eu sou a videira, vós sois os sarmentos <sup>146</sup>".

Como a intenção é a de me limitar ao símbolo da transformação na missa, não tenho aqui a proposição de explicar os aspectos de sua composição estrutural, mas conforme Jung, a missa é uma celebração eucarística muito bem elaborada e com a seguinte estrutura:



<sup>145</sup> Citações que se seguem sobre a Bíblia, foram tiradas do Novo Testamento, traduzido pelo Pe.Dr. Frei Mateus Hoepers e publicado pela Vozes ( apud JUNG,1985.p.2)

<sup>146</sup> lat. *sarmentum*, i 'sarmento, ramo ou vara de videira.

Temos que iniciar essa explicação e a citação dos símbolos da missa, como uma das ferramentas de manutenção da fé, do sacrifício e do envolvimento com o Deus e a comunidade.

Quanto ao sacrifício o mito cristão nos revela duas formas distintas de representação, o *deipnon* e a *thysia*. *Deipnon* traz o significado de ceia propriamente dito, definindo a ceia abençoada daqueles que passaram ou participaram de algum sacrifício, onde se entende que os deuses estejam presentes. Essa comida é abençoada pois o que passou por um “*sacrificium*” tornou-se sagrado.

*Thysia*, por sua vez, vem significar o entregar, o oferecer, o imolar e também o soprar com força, o que vem relacionar-se com o alimento usado nas sociedades antigas e primitivas de enviar aos deuses a fumaça que sobe das oferendas até a morada dos deuses, simbolizando o espírito, o *pneuma*, como era concebido nos primórdios do cristianismo e mesmo na Idade Média.

Graças ao conceito de ceia para os cristãos, a palavra “corpo” de Cristo, logo foi traduzida por “carne”.

Principalmente para os sacerdotes esses conceitos inseridos nos símbolos da missa, levam um peso muito grande, como nos mostra Hb 7,17 “*Tu és sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquizedeque*”. Onde o *oferecimento do sacrifício perene e o sacerdócio eterno, constituem partes integrantes e necessárias do conceito de missa*. (JUNG,1985, p.3). As idéias do sacerdócio eterno e do sacrifício estão intimamente ligadas ao mistério da missa e com a transformação das substâncias, da qual falaremos em seguida.

O início do rito da transformação do indivíduo cristão, quer a do sacerdote, quer a do ouvinte e assistente da missa, inicia-se juntamente com o “ofertório”, momento em que se preparam as oferendas a Deus.

O primeiro dos pontos é a oblação do pão, onde o sacerdote coloca a hóstia na patena, eleva-a em direção à cruz do altar, faz o sinal da cruz e eleva a hóstia, o pão, o corpo, a carne de Cristo e a relaciona com seu “*sacrificium*”, atribuindo assim, à hóstia, a qualidade de “coisa sagrada”. Até então, a hóstia era apenas pão e considerada como “*corpus imperfectum*”.

Isso também ocorre com o vinho, mesmo com sua natureza mais espiritual, também é considerado “*corpus imperfectum*”, até que nessa mesma preparação, ao vinho é misturada a água<sup>147</sup>.

São Cipriano - bispo de Cartago – relaciona o vinho com Cristo e a água com a comunidade que participa da missa, parte de suma importância de todo o rito, pois sem a comunidade para receber o rito, ele não pode existir.<sup>148</sup>

Nesta parte especial da missa, como o início desse ritual do mito cristão, os “*corpus imperctum*” estão sendo transformados no “*corpus glorificationis*”, no corpo ressuscitado.

---

<sup>147</sup> Originariamente, a mistura de água com vinho, estava ligada ao antigo costume cultural de beber apenas vinho misturado com água. Por isso um bebedor, isto é, um alcoólatra era chamado de “acratopotes”: beberrão de vinho não misturado (Jung, 1985 –p.7-312)

<sup>148</sup> Em Ap17,15, se lê: “Aquae, quas vidisti ubi meretrix sedet, populi sunt et gentes et linguae” ‘As águas que vês, sobre as quais a prostituta está sentada, são os povos e as multidões, as nações e as línguas’. Na alquimia, meretrix, prostituta, é o nome da prima matéria, do corpus imperfectum. Elevada a água a condição de sagrada, misturada ao vinho, vem significar que somente uma comunidade perfeita pode se juntar a Cristo (idem)



O ponto seguinte do rito da missa, o sacerdote, mostrando à comunidade, eleva o cálice com a mistura já preparada e invoca o Espírito Santo: “Veni spiritus sanctificator”, que é quem produz e transforma esse vinho em sangue de Cristo, perante toda uma platéia que crê nessa transformação, recebendo culturalmente, mais informações sobre o mito que se refere a sua fé religiosa.

A parte seguinte é a da incensação das oferendas e do altar, onde com a fumaça do turíbulo, oferece um sacrificio, que é um resquício da “*thysia*” de que falamos anteriormente, no intuito de espiritualizar todos os objetos físicos do altar e, por estar enchendo o ar com perfume do “*pneuma*”, espantar as eventuais forças demoníacas que pudessem estar presentes, elevando as orações a Deus.<sup>149</sup>

Em seguida, vem a invocação ou a epiclese, onde através do “*Suspice, sancta Trinitas*” (*Recebei, ó Trindade santa*), são iniciadas as orações propiciatórias em que se garante que as oferendas serão aceitas por Deus. A certeza da aceitação se prende a se crer que uma coisa chamada através de seu nome, tem o poder de tornar presente o que se convoca. Assim, por meio do “*Adesto, adesto, Jesu, boné Pontifex, in medio nostri: sicut fuisti in medio discipulorum tuorum*” (*Vinde, vinde. ó Jesus, o Pontífice misericordioso, ficai conosco como estiveste como os vossos discípulos*), através do “chamamento” se

---

<sup>149</sup> É dito nesse instante da missa as palavras “*Dirigatur, Domine, oratio mea, sicut incensum in conspectu tuo*” (*Eleva-se, Senhor, a minha oração como o incenso, à Vossa presença*) e “*Accedat in nobis Dominus ignem sui amoris*” (*acenda ô Senhor em nós o fogo de seu amor*) (idem Jung-1985-p.11-320)

obtém a certeza da presença e da manifestação do Senhor, no momento que é considerado a ponto alto da celebração da missa.

Desse ponto em diante, segue a consagração do pão e do cálice, momento em que se dá a transubstanciação ou a transformação das substâncias do pão e do vinho em corpo e sangue do Senhor.

Estamos aqui, apenas relatando de forma didática os passos da celebração da missa, portanto, não temos interesse de discutir esses passos quanto a seu conteúdo, e sim mais adiante analisarmos psicologicamente esses símbolos. No entanto, apenas como curiosidade, já que vários termos foram colocados em latim e posteriormente os traduzimos, nos informa Jung (1985-p.12), as palavras ditas pelo sacerdote no momento da consagração do pão e do vinho, não devem ser traduzidas em língua profana, devendo ser ditas apenas e tão somente em latim, por serem palavras consideradas sagradas, mesmo que alguns missais possam conter essa tradução, dessa forma as citaremos no rodapé desta página com o texto em latim, obtida na fonte acima descrita<sup>150</sup>

Nesse ponto do ritual, encontram-se devidamente consagrados e purificados, tanto o sacerdote, como a comunidade, as oferendas, como o altar, totalmente preparados, como uma unidade mística, para a epifania do Senhor, isto

---

<sup>150</sup> Consagração do pão: *“Qui, pridie quam pateretur accepit panem in sanctas ac venerabiles manus suas, et elevatis oculis in caelum ad Deum Patrem suum omnipotentem, tibi gratias agens, benedixit, fregit, deditque discipulis suis, dicens: Accipite et manducate ex hoc omnes: ‘Hoc est enim Corpus meum’*

Consagração do cálice: *“Simili modo, postquam cenatum est, accipiens et hunc praeclarum calicem in sancta ac venerabiles manus suas, item tibi gratias agens, benedixit, deditque discipulis suis, dicens: Accipite et bibite ex eo omnes: ‘Hic est enim Calix Sanguinis mei, novi et aeterni testamenti: mysterium fidei: qui pro vobis et pro multis effundetur in remissionem peccatorum. Haec quosticumque faceritis, in mei memoriam facietis”*

é, o momento da manifestação reveladora de Cristo de forma viva no “*Corpus mysticum*”, do sacrifício divino, como se nesse momento se abrisse uma porta onde do outro lado exista um espaço liberto do tempo e do espaço, porta essa, aberta não pelo sacerdote, mas por Cristo como “agens”, como agente dessa transformação.

O sacerdote, então, levanta as substâncias consagradas e as apresenta à comunidade, mostrando que o Homem-Deus tornou-se presente na hóstia consagrada. Pede então, o sacerdote, ao Senhor que receba a hóstia imaculada e que abençoe a todos com sua graça. Faz três sinais da cruz com a hóstia sobre o cálice pronunciando “*per ipsum, et cum ipso, et in ipso*” (Por Ele, com Ele e Nele), traçando outros três sinais entre ele e o cálice para criar a relação de identidade entre a hóstia, o cálice e o sacerdote, para então poder incluir nas graças a serem recebidas, a comunidade que aguarda ser livrada de todos os males, passados, presentes e futuros. Divide a hóstia em duas partes significando a morte de Cristo glorificado do “*rex gloriae*”. De uma das partes tira uma pequena partícula que será colocada no vinho dentro do cálice durante a “*consignátio*” e a “*commixtio*”, momento da mistura do pão com o vinho, do corpo com o sangue, onde são ditas as seguintes palavras: “*Haec commixtio et consecratio Corporis et Sanguinis Domini nostri.*”

Dessa forma, sacerdote, o corpo e o sangue do Senhor, unidos à comunidade, fazem a unidade mítica da missa, *assim como o pão resulta de muitos grãos, o vinho de muitos bagos de uva, assim também o “Corpus*

*mysticum*”, a Igreja, é constituído pela multidão daqueles que crêem<sup>151</sup> e possuem em si, como visão de mundo o mito cristão.

É importante ressaltar aqui que não procuro fazer nenhuma interpretação das partes que compõem a missa e sim, com referência ao mito cristão, analisar psicologicamente esses símbolos que contribuem como transmissão cultural e como forma de propagação universal do cristianismo.

Vejamos, o ato de pensar ou de crer, expressam uma realidade psicológica do indivíduo que crê e nesse caso do mito e da crença dos sacrifícios da missa, essa realidade está baseada nos enunciados do rito e da fé, explicados metafisicamente, o que pode ser indicado que, exceto pela maneira psíquica de manifestar-se, a crença escapa ao entendimento do intelecto e por esse motivo não pode ser posto em julgamento, mas é certo *que o pressuposto da fé em si, contém a realidade de um fato psíquico*<sup>152</sup>.

Cada passo da missa, possui uma composição de dois aspectos claros, um divino com a ação do próprio Deus e outro humano, num significado meramente instrumental.

O lado humano oferece dons a Deus sobre o altar, com a doação completa do sacerdote e da comunidade cristã, celebrando a última ceia de Jesus com seus discípulos, mas celebra também uma ação sagrada onde *Cristo se encarna, torna-se homem, “sub-espécie das substâncias oferecidas, sofre e é*

---

<sup>151</sup> Jung-1985-p.20-338

<sup>152</sup> Jung-1985-p.46-377

*morto, jaz no sepulcro e, por fim, quebra o poder do inferno, ressuscitando glorioso*<sup>153</sup>. Embora esse acontecimento seja divino, surge o cristão perante o ritual, tal qual como na participação divina, agindo como “*agens*” e “*patiens*” na sua limitada capacidade.

Mas no sentido divino, onde o momento é entendido como uma ação direta de Deus, esse mesmo homem se coloca apenas e tão somente como um instrumento à disposição de um agente eterno que transcende a consciência humana.

Assim como o homem é um simples *instrumento* (voluntário) no acontecimento da missa, também é incapaz de compreender o que quer que seja a respeito da mão que se utiliza dele. O martelo não contém em si próprio aquilo que o faz bater. É um ser situado fora dele, autônomo que dele se apodera e o põe em movimento<sup>154</sup>

Essa relação do homem com o divino, da oferenda com o recebimento da graça, possui a mesma função psicológica e, portanto cultural da magia propiciatória que se encontra em todos os sacrifícios de tribos e sociedades ditas primitivas, onde o humano oferece para receber em troca a mão da divindade colocada sobre seus ombros, quer para proteção, quer para resolver suas aflições, desejos e impossibilidades.

---

<sup>153</sup> Jung-1985-p.47-379

<sup>154</sup> Jung-1985-p.49-379

Essa magia realizada pelas tribos, trás consigo o sangue e a carne verdadeiros, sejam de animais ou de pessoas, o que apavora, me faz com que os olhos humanos de outra cultura, rechacem o acontecimento.

Acontece, porém, que o mito cristão se utiliza, nessa magia propiciatória, de símbolos que representam o melhor produto cultural desde muito tempo, que simbolizam a vida e a pessoa humana, a produção, o trabalho e as virtudes.

*O pão e o vinho não só constituem o alimento comum de grande parte da humanidade, como também podem ser encontrados em toda a face da Terra.*<sup>155</sup>

O pão e o vinho, como importantes símbolos da civilização, expressam o esforço humano em plantar e colher e ainda produzir com aquilo que foi colhido. Os grãos de trigo e os bagos de uva representam a condição psicológica que faz surgir as virtudes do homem e que o torna capaz de produzir cultura.

Plantar e colher possui em si o trabalho durante o crescimento das plantas por ele cultivadas, crescimento esse que se desenvolve de acordo com leis divinas por serem elas leis internas, que atual dentro delas como um “*agens*”, ou uma força que chegou mesmo a ser comparada ao próprio alento ou espírito vital<sup>156</sup>, um espírito que morre e ressuscita a cada estação do ano, tal qual a manifestação do maná, mas que necessita da participação do homem e de um

---

<sup>155</sup> KRAMP, Joseph –1924 – Apud Jung-1985-p.51-381

<sup>156</sup> Jung-1985-p.53-385

desempenho psicológico com relação ao esforço, à aplicação, à paciência e ao devotamento.

Tomar do pão e do vinho consagrá-los e oferecê-los a Deus, queiramos ou não, trata-se de um “*do ut des*”, no entanto é uma forma de doação em que o humano se entrega de tal forma a essa oferenda que dá o que foi entregue como pedido, como um sacrifício, pois caso não receba em troca a graça pedida, continua a acreditar que ao menos no reino dos céus receberá tal graça e por isso se entrega, o que faz com que o homem possa buscar com esse ritual sua evolução do eu conforme crê, sua individuação, seu “*si mesmo*”. “*O eu está pra o si mesmo, assim como o “patiens” está pra o “agens”,...porque as disposições que emanam do “si mesmo” são bastante amplas e, por isso, superiores ao eu...o si mesmo é o existente a priori do qual provém o eu...Não sou eu que me crio; mas sou eu que aconteço a mim mesmo*”<sup>157</sup>

Essa conclusão vem de encontro com o entendimento da psicologia sobre o fenômeno religioso e sobre a fé e Jung, como bom exemplo dessa conclusão, cita que o fundador da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola, colocou seu “*homo creatus est*” como “*fundamentum*” de seus exercícios espirituais.

O Grande Si Mesmo para o cristão é o próprio Cristo, o homem primordial, o “*Adam secundus*”, o qual, tentar entender fora do mito, seria como psicologizar<sup>158</sup> de forma mal sucedida, tentando destruir o mistério do rito mítico.

---

<sup>157</sup> Jung-1985-p.59-391

<sup>158</sup> como uso pejorativo, fazer especulações de cunho psicológico sem base científica.

### APÊNDICE 3 – O MITO DE CRISTO

O drama da vida arquetípica de Cristo descreve, em imagens simbólicas, os eventos da vida consciente – assim como da vida que transcende a consciência – de um homem que foi transformado pelo seu destino superior.<sup>159</sup>

A obra de Jung é extremamente vasta com relação ao estudo das religiões, tanto das religiões e seitas primitivas, como do cristianismo, do protestantismo, das religiões orientais, porém deu ênfase principalmente aos estudos com relação ao mito cristão e suas características.

Um dos pontos mais importantes de sua obra sobre o assunto é a visão que apresenta sobre a vida de Cristo, o que nos chamou especial atenção para escrevermos esta parte da pesquisa.

Jung nos coloca que a vida de Cristo representa para nossa cultura, o processo de individuação que pode significar para um indivíduo a salvação ou a tragédia e, quando esse indivíduo é parte de uma igreja ou um credo religioso, ele

---

<sup>159</sup> Jung "A psychological approach to the trinity", *Psychology and Religion* in Edinger.1988



é poupado dos perigos da vida em sua experiência direta, pois estará protegido pelo mito cristão.

Tal qual no mito do herói das mil e uma noites ou outros contos do oriente, Cristo passa por uma saga bem definida, como o nascimento do herói, a missão avisada, a fuga e a negação, a aceitação, o retorno, a realização, o triunfo e o prêmio final.

Como diz Campbell<sup>160</sup> citando uma velha sabedoria romana: “Os fados guiam aquele que assim o deseje, aquele que não o deseje eles arrastam”.

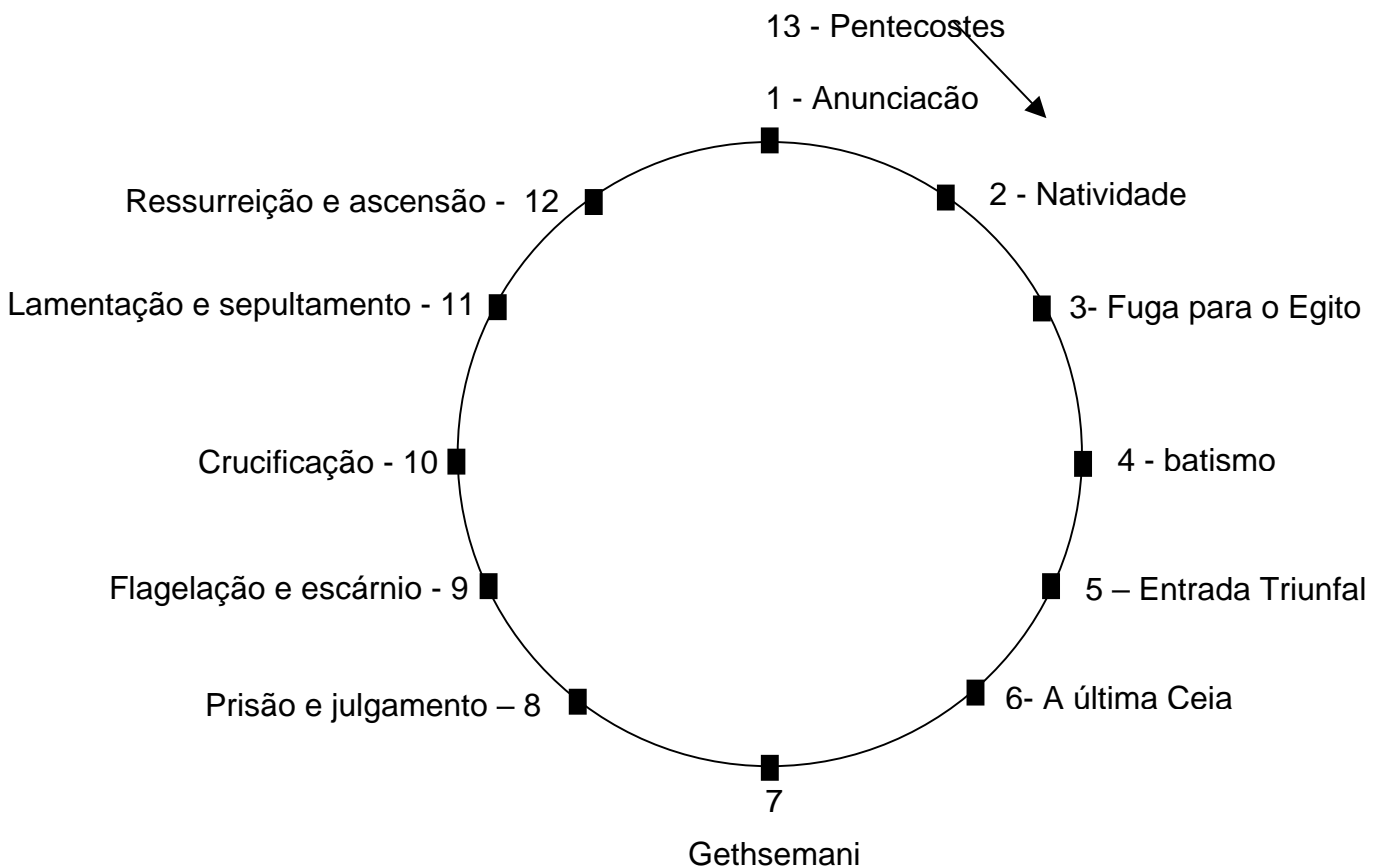
O mesmo ocorreu com Cristo, foi arrastado por seus fados, conforme podemos ver, pois “O Filho preexistente e único de Deus, esvazia-se de sua divindade e se encarna como homem por intermédio do Espírito Santo, que impregna a Virgem Maria. Ele nasce num ambiente humilde, cercado de perigos iniciais. Quando alcança a idade adulta, submete-se ao batismo de João Batista e testemunha a descida do Espírito Santo, que indica sua vocação. Ele sobrevive à tentação do Demônio e leva a bom termo seu ministério, que proclama a existência de um Deus benevolente e amoroso. Após passar pela agonia da incerteza, aceita o destino que lhe cabe e deixa-se prender, julgar, flagelar, escarnecer e crucificar. Após passar três dias no túmulo, de acordo com várias testemunhas, é ressuscitado. Durante quarenta dias caminha e fala com seus

---

<sup>160</sup> CAMPBELL, 1990, p.introdução X

discípulos e, em seguida, sob aos céus. Dez dias depois, no Pentecostes, o Espírito Santo, o Paráclito prometido desce.”<sup>161</sup>.

Para explicar essa seqüência de fatos, Jung nos apresenta o seguinte gráfico:



A seqüência de situações passadas por Cristo e que constitui o mito cristão se repete em forma circular, iniciando e encerrando com a mesma

---

<sup>161</sup> EDINGER, 1988, p.16

situação, onde o Pentecostes é uma segunda Anunciação, pois na primeira nasce Cristo e na segunda nasce a Igreja.

Para o homem mítico engajado nesse círculo, essa é a descrição do processo por onde o ego do homem atinge sua consciência, pois descreve o que correu com Deus feito homem e por consequência descreve a transformação de Deus. Assim, por meio desse processo, mais uma vez o Espírito Santo desce a terra não para promover uma imitação de Cristo, Homem-Deus, feita pelo homem, mas para promover a “cristificação de muitos”.<sup>162</sup>

Vamos iniciar então pela Anunciação:

**26** Ora, no sexto mês, (da gravidez de Isabel) foi o anjo Gabriel enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, 27a uma virgem desposada com um varão cujo nome era José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria.

**28** E, entrando o anjo onde ela estava disse: Salve, agraciada; o Senhor é contigo.

**29** Ela, porém, ao ouvir estas palavras, turbou-se muito e pôs-se a pensar que saudação seria essa.

**30** Disse-lhe então o anjo: Não temas, Maria; pois achaste graça diante de Deus.

**31** Eis que conceberás e darás à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus.

**32** Este será grande e será chamado filho do Altíssimo; o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi seu pai;

**33** e reinará eternamente sobre a casa de Jacó, e o seu reino não terá fim.

---

<sup>162</sup> JUNG, 1990, p.113 par 758

**34** Então Maria perguntou ao anjo: Como se fará isso, uma vez que não conheço varão?

**35** Respondeu-lhe o anjo: **Virá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra;** por isso o que há de nascer será chamado santo, Filho de Deus.

**36** Eis que também Isabel, tua parenta concebeu um filho em sua velhice; e é este o sexto mês para aquela que era chamada estéril;**37** porque para Deus nada será impossível.

**38** Disse então Maria. Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra. E o anjo ausentou-se dela.

O primeiro ponto a que dei importância está em grifo no texto bíblico onde a expressão “te cobrirá com a sua sombra”,<sup>163</sup> se refere no Antigo Testamento em várias passagens, às manifestações características de lahweh, o que mostra aqui o lado sombrio do mistério sagrado do momento em que Deus através do Espírito Santo cobre com uma nuvem o momento em que a fecundação do Senhor ocorre, isto é uma gravidez ilegítima num tempo em que cometer adultério era passível de ser punida com a morte, no entanto a obediência a Deus transforma Maria em uma mulher cheia de graça, pois carrega em seu ventre o Homem-Deus.

Muitas vezes a Anunciação coberta pela sombra e a obediência de Maria foi contrastada à desobediência de Eva que culminou com a expulsão do primeiro casal do paraíso. Paulo falando aos Coríntios (1Cor 15,22) estabelece esse vínculo ao dizer: *“E assim como em Adão morrem todos, assim também todos serão vivificados em Cristo”*.

---

<sup>163</sup> te cobrirá com a sua sombra (*episkiazō*) onde *skia* traduz sombra, escuridão. EDINGER, 1988, p.22

Essa comparação surge também em um texto apócrifo Protoevangelho de Tiago<sup>164</sup>, que ao ouvir falar da gravidez de Maria, José exclama:

Quem trouxe esse mal à minha casa e a conspurcou (a virgem)? Terá a história (de Adão) se repetido comigo?

Onde se encontra a diferença principal? É que enquanto Eva se submete e obedece à serpente, Maria se coloca como serva do Senhor e diz “*Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra*”, o que em termos da visão mítica do significado psicológico, retrata que Maria aceita por sua alma o encontro como o *numinosum*<sup>165</sup>, e como conseqüência, o encontro do arquétipo, do mito com a individuação do homem.

Outro ponto a ser considerado como importante símbolo formador do mito cristão é a virgindade de Maria que tal qual as Virgens Vestais eram guardiãs da chama sagrada. Essa relação com a virgindade parece ser importante como energia de transmutação do fogo sagrado, pois como em muitas culturas, as virgens sempre possuem uma relação com o numinoso, o que significa ser um forte símbolo arquetípico formador do mito. Edinger (1988: p.28) diz: *O ego virgem tem suficiente consciência para relacionar-se com as energias transpessoais sem identificar-se com elas.*

---

<sup>164</sup> EDINGER, 1988, p.25

<sup>165</sup> Numinosum- numinoso – adjetivo - influenciado, inspirado pelas qualidades transcendentais da divindade.

Seguindo adiante no círculo do mito de Cristo, encontramos o segundo ponto que se refere à natividade:

**1** Naqueles dias saiu um decreto da parte de César Augusto, para que todo o mundo fosse recenseado.

**2** Este primeiro recenseamento foi feito quando Quirínio era governador da Síria.

**3** E todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade.

**4** Subiu também José, da Galiléia, da cidade de Nazaré, à cidade de Davi, chamada Belém, porque era da casa e família de Davi,**5** a fim de alistar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida.

**6** Enquanto estavam ali, chegou o tempo em que ela havia de dar à luz, **7** e teve a seu filho primogênito; envolveu-o em faixas e o deitou em uma manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem.

Este é o momento em que no mito do herói se iniciam os perigos, onde enquanto se registrava nos Céus o nascimento de uma criança divina, se recenseava na Terra e se registrava as pessoas nascidas, pois naquele momento histórico e cultural era de suma importância *ter o nome escrito e registrado*. *Cristo disse mais adiante a seus discípulos (Lc 10,20)* "... deveis alegrar-vos de que os vossos nomes estejam escritos no céu".

*Em Hebreus (12,23)* à universal assembléia é a igreja dos primogênitos inscritos nos céus, e Deus, o juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados.

Mas também é importante perceber que culturalmente os primogênitos (*prōtotokos ou primogenitus*)<sup>166</sup> eram considerados especiais, não só para os homens daquela época mas também para Iahveh, vejamos: “*Santifica-me todo primogênito, todo o que abrir o útero de sua mãe entre os filhos de Israel, assim de homens como de animais; porque meu é.*”(Ex13,2).

Jesus foi o primogênito. *Primogênito entre muitos irmãos,(Rm 8,29)* que erigirá uma *igreja dos primogênitos inscritos nos céus (Hb12,23)*.

Novamente a cultura como expressão de uma época, de um povo gera o poder criador do mito. O herói aqui denominado Jesus Cristo nasce como primogênito e como Salvador Universal.

Vamos então lembrar a saga de um herói mítico nas palavras de Jung<sup>167</sup>

Este é o motivo pelo qual o nascimento de Cristo foi caracterizado pelas manifestações que acompanham o nascimento do herói, quais sejam o anúncio prévio deste nascimento; a geração no seio de uma virgem; a coincidência com a tríplice conjunctio magna (júpiter, marte e saturno) no signo de Pisces que introduziu, precisamente naquela época o novo eon ligado ao nascimento de um rei; a perseguição ao recém-nascido; sua fuga e ocultação; a modéstia de seu nascimento, etc. Pode-se ver também o tema do crescimento do herói em sabedoria demonstrada pelo jovem de doze anos, no templo; e quanto ao tema da ruptura com a mãe há também alguns exemplos.”

---

<sup>166</sup> o mais velho, o primeiro filho homem do homem.

<sup>167</sup> JUNG, 1990 – Resposta à Jô, p.49-par 644

A terceira situação do nosso círculo do mito de cristo é a Fuga para o Egito, onde o nascimento do herói ou da criança divina, como já dito anteriormente, se faz acompanhar costumeiramente de ameaças com relação a sua vida, o que mais uma vez se confirma. Vejamos:

**13** E, havendo eles se retirado, eis que um anjo do Senhor apareceu a José em sonho, dizendo: Levanta-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito, e ali fica até que eu te fale; porque Herodes há de procurar o menino para o matar.

**14** Levantou-se, pois, tomou de noite o menino e sua mãe, e partiu para o Egito.

**15** e lá ficou até a morte de Herodes, para que se cumprisse o que fora dito da parte do Senhor pelo profeta: Do Egito chamei o meu Filho.

**16** Então Herodes, vendo que fora iludido pelos magos, irou-se grandemente e mandou matar todos os meninos de dois anos para baixo que havia em Belém, e em todos os seus arredores, segundo o tempo que com precisão inquirira dos magos.

**17** Cumpriu-se então o que fora dito pelo profeta Jeremias:

**18** Em Ramá se ouviu uma voz, lamentação e grande pranto: Raquel chorando os seus filhos, e não querendo ser consolada, porque eles já não existem.(Mt 2,13-18)

A autoridade maior, o herói, o poder gerador do mito, a criança divina cumpre as profecias, pois em Oséias (11,1) se diz *Quando Israel era menino, eu o amei, e do Egito chamei a meu filho*, e no antigo testamento a nação de Israel é o



filho de Iahweh, mostrando assim que Cristo é a própria substituição da nação de Israel.

Novamente a expressão cultural gera o mito como forma de seguir explicando o inexplicável.

Na quarta situação do círculo do mito, identifica-se o Batismo, onde Jesus sai da Galiléia para se encontrar com João e ser batizado por ele e que depois de batizado os céus se abrem, uma pomba desce dos céus e uma voz do céu lhes diz “*Este é o meu filho amado em quem me comprazo (Mt 3,13-17)*”.

Para a Igreja o sacramento do batismo vem significar a morte da antiga vida da carne e o renascimento da vida eterna em Cristo.

O Espírito Santo que desce nas asas de uma pomba branca, o fogo sobre o rio Jordão e a luz vida do céu e que se abre sobre Cristo e João Batista, a purificação através da água e a “voz” sugerem que o próprio Senhor se fez batizar, e o homem mítico sabe que com esse evento, o que habitava de forma demoníaca no inconsciente, foi transformado em terreno sagrado e na morada do numinoso. O homem mítico se encontra com seu destino, com sua identidade e também pode se considerar, como o Filho de Deus, um eleito que terá seu nome inscrito nos céus.

Em seguida ocorre a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém:

**1** Quando se aproximaram de Jerusalém, e chegaram a Betfagé, ao Monte das Oliveiras, enviou Jesus dois discípulos, dizendo-lhes:

**2** Ide à aldeia que está defronte de vós, e logo encontrareis uma jumenta presa, e um jumentinho com ela; desprendeí-a, e trazei-mos.

**3** E, se alguém vos disser alguma coisa, respondei: O Senhor precisa deles; e logo os enviará.

**4** Ora, isso aconteceu para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta:

**5** Dizei à filha de Sião: Eis que aí te vem o teu Rei, manso e montado em um jumento, em um jumentinho, cria de animal de carga.

**6** Indo, pois, os discípulos e fazendo como Jesus lhes ordenara,

**7** trouxeram a jumenta e o jumentinho, e sobre eles puseram os seus mantos, e Jesus montou.

**8** E a maior parte da multidão estendeu os seus mantos pelo caminho; e outros cortavam ramos de árvores, e os espalhavam pelo caminho.

**9** E as multidões, tanto as que o precediam como as que o seguiam, clamavam, dizendo: Hosana ao Filho de Davi! bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas alturas!

**10** Ao entrar ele em Jerusalém agitou-se a cidade toda e perguntava: Quem é este?

**11** E as multidões respondiam: Este é o profeta Jesus, de Nazaré da Galiléia. (Mt 21, 1-9).

É permitido por Cristo que o aclamem rei. Parece que nesse momento a “negação” de seu destino surge, justamente quando deixa a humildade e sucumbe à tentação do poder, rapidamente se enche de fúria e expulsa os vendilhões do templo de Deus e amaldiçoa uma figueira que não lhe fornecia frutos. Como nos propõe Edinger<sup>168</sup>, parece neste momento que Cristo, pela forma

---

<sup>168</sup> EDINGER, 1988, p.60

que entra em Jerusalém, identifica a si mesmo como o rei messiânico profetizado em Zc 9,9:

9 Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém; eis que *vem a ti o teu rei; ele é justo e traz a salvação; ele é humilde e vem montado sobre um jumento, sobre um jumentinho, filho de jumenta.*

O mito do herói novamente se assemelha ao mito de Cristo, pois não há como o herói aceitar seu destino e desenvolver-se, sem que antes seu ego sucumba ao “erro necessário” (*Felix culpa*), pois, de acordo com Jung<sup>169</sup>, “o egocentrismo é um atributo necessário da consciência, bem como seu pecado específico”

Mas, continuando em nosso caminho da individuação de Cristo, encontramos a Última Ceia, parte que por achar de grande importância para a construção do mito cristão, dedico mais adiante um espaço significativo onde coloco ao lado da formação do mito, os símbolos culturais da missa na transformação do homem cristão. É a Última Ceia, a Santa Ceia a primeira missa realizada no mito cristão, o rito central da Igreja Católica.

**26** Enquanto comiam, Jesus tomou o pão e, abençoando-o, o partiu e o deu aos discípulos, dizendo: Tomai, comei; isto é o meu corpo.

---

<sup>169</sup> apud EDIGER, 1988,p.61 e JUNG, *Mysterium Coniunctionis*, par. 364

**27** E tomando um cálice, rendeu graças e deu-lho, dizendo: Bebei dele todos;

**28** pois isto é o meu sangue, o sangue do pacto, o qual é derramado por muitos para remissão dos pecados. (Mt 26, 26-28)

**55** Porque a minha carne verdadeiramente é comida, e o meu sangue verdadeiramente é bebida.(Jo 6,55).

É neste ponto que surge o primeiro sacrifício de Cristo, pois oferece seu corpo e seu sangue para a alimentação dos que nele crêem, provando isso mais adiante quando se deixa prender, ser julgado, flagelado e crucificado, entregando novamente seu corpo e seu sangue para salvação de todos que aceitassem viver esse mito. O alimento dado aos discípulos vem representar a *natureza paradoxal do símbolo da Eucaristia*<sup>170</sup>. De um lado fornece uma conexão como poder gerador do mito e do outro a *prima matéria que deve ser humanizada e transformada pelos esforços do ego*<sup>171</sup> para que o homem possa se transformar e receber em si o divino, o numinoso.

Mais adiante, Cristo vai ao Gethsemani onde fica clara a aceitação da missão de ser o Filho de Deus, uma missão de sofrimento e sangue que caminha pelo círculo do mito de Cristo através dos pontos da Prisão e Julgamento, onde mesmo que não aceitasse ser o Rei dos Judeus, dizendo não ser deste mundo seu reino, ainda assim era um reino, da Flagelação e escárnio, da crucificação, o

---

<sup>170</sup> EDINGER, 1988, p.69

<sup>171</sup> idem

foco principal do mito cristão em relação à contemplação do sofrimento e da entrega do destino a Deus.

A crucificação pode equivaler ao fracasso do herói em sua luta, pois ao dizer: “Meu Deus, meu Deus porque me abandonastes?”, poderia estar revendo que sua vida vivida de profunda convicção tinha sido uma terrível ilusão<sup>172</sup>

Vem a lamentação e o sepultamento equivalendo à descida de Cristo aos infernos e ao limbo, amparado pela Pietá sobre o corpo morto do filho.

Mas no primeiro dia da semana:

**1** Mas já no primeiro dia da semana, bem de madrugada, foram elas ao sepulcro, levando as especiarias que tinham preparado.

**2** E acharam a pedra revolvida do sepulcro.

**3** Entrando, porém, não acharam o corpo do Senhor Jesus.

**4** E, estando elas perplexas a esse respeito, eis que lhes apareceram dois varões em vestes resplandecentes;

**5** e ficando elas atemorizadas e abaixando o rosto para o chão, eles lhes disseram: Por que buscais entre os mortos aquele que vive?

**6** Ele não está aqui, mas ressurgiu. Lembrai-vos de como vos falou, estando ainda na Galiléia.(Lc 24, 1-6).

Mas depois da Ressurreição, mesmo com diversas evidências de seu aparecimento como em João 20.11-17, como em Lucas e Mateus, seus discípulos não o reconheceram de imediato, pois atingindo o Self, o Si-mesmo, a evolução do homem mítico, ele se transforma de tal ordem que não poderá ser reconhecido

---

<sup>172</sup> idéia expressada por Jung durante entrevistas. C.G.Jung: Entrevistas e Encontros,p.103- apud EDINGER, 1988, p.120

mesmo pelos amigos mais íntimos, pois atingiria o contato pleno com o *numinosum*.

**35** Mas alguém dirá: Como ressuscitam os mortos? e com que qualidade de corpo vêm?

**36** Insensato! o que tu semeias não é vivificado, se primeiro não morrer.

**37** E, quando semeias, não semeias o corpo que há de nascer, mas o simples grão, como o de trigo, ou o de outra qualquer semente.

**38** Mas Deus lhe dá um corpo como lhe aprouve, e a cada uma das sementes um corpo próprio.

**39** Nem toda carne é uma mesma carne; mas uma é a carne dos homens, outra a carne dos animais, outra a das aves e outra a dos peixes.

**40** Também há corpos celestes e corpos terrestres, mas uma é a glória dos celestes e outra a dos terrestres.

**41** Uma é a glória do sol, outra a glória da lua e outra a glória das estrelas; porque uma estrela difere em glória de outra estrela.

**42** Assim também é a ressurreição, é ressuscitado em incorrupção.

**43** Semeia-se em ignomínia, é ressuscitado em glória. Semeia-se em fraqueza, é ressuscitado em poder.

**44** Semeia-se corpo animal, é ressuscitado corpo espiritual. Se há corpo animal, há também corpo espiritual.

**45** Assim também está escrito: O primeiro homem, Adão, tornou-se alma vivente; o último Adão, espírito vivificante.

**46** Mas não é primeiro o espiritual, senão o animal; depois o espiritual.

**47** O primeiro homem, sendo da terra, é terreno; o segundo homem é do céu.

**48** Qual o terreno, tais também os terrenos; e, qual o celestial, tais também os celestiais.

**49** E, assim como trouxemos a imagem do terreno, traremos também a imagem do celestial.

**50** Mas digo isto, irmãos, que carne e sangue não podem herdar o reino de Deus; nem a corrupção herda a incorrupção.

**51** Eis aqui vos digo um mistério: Nem todos dormiremos mas todos seremos transformados,

**52** num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos serão ressuscitados incorruptíveis, e nós seremos transformados. (1 Cor, 35-52).

O Corpo Celestial que Paulo cita em 1 Cor15, 35-52, equivale a dizer que o homem mítico com seu corpo em ressurreição em Cristo, está em contato direto com o arquétipo Cristão e com o próprio Deus, pois *“a morte e a ressurreição de Cristo formam um arquétipo que vive, não apenas na psique individual, mas também na coletiva”*<sup>173</sup>.

Com a Ascensão onde Cristo diz se preparar para a descida sob a forma do Espírito Santo no Pentecostes, Deus que se esvaziou de sua divindade e desceu a Terra como espírito humano, sobe novamente e retorna ao céu em ascensão, para depois retornar, já reconhecido como Deus, sob a forma do Espírito Santo.

---

<sup>173</sup> idem

Mostra o mito Cristão que não somos seres humanos passando por uma vida espiritual na Terra, mas seres espirituais que passamos, tal qual Cristo, por uma experiência humana.

**8** Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samária, e até os confins da terra.

**9** Tendo ele dito estas coisas, foi levado para cima, enquanto eles olhavam, e uma nuvem o recebeu, ocultando-o a seus olhos.

**10** Estando eles com os olhos fitos no céu, enquanto ele subia, eis que junto deles apareceram dois varões vestidos de branco,

**11** os quais lhes disseram: Varões galileus, por que ficais aí olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi elevado para o céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir. (At 1, 8-11).

O homem na visão junguiana possui um Ego<sup>174</sup> que se contrapõe constantemente ao Si-mesmo (Self), como sendo o Ego o terreno e o Si-mesmo o celestial, onde o Si-mesmo é a entidade inconsciente que desenvolve o ego, dizendo eu não me crio a mim mesmo, antes, eu me aconteço a mim mesmo.

No ser humano, sempre existirá a supremacia do Si-mesmo em simultaneidade com a liberdade de ação do Ego, assim como no mundo, sempre haverá para o homem mítico, a liberdade de ação ou livre arbítrio do corpo terreno na relação direta da supremacia do corpo espiritual. O Ego está para o Si-mesmo

---

<sup>174</sup> Ego e Si-mesmo (self) pode ser visto em CARNOT(2005)



assim como o “*patiens*” está pra o “*agens*”, ou como o objeto está pra o observador, ou mesmo como o homem está pra Deus.

Jung comenta em seu livro “The Spirit Mercurius”, *Alchemical Studies*, (par. 280)<sup>175</sup>, que há uma correspondência alquímica e simbólica a esse evento da Ascensão e retorno de Cristo com a Tábua de Esmeraldas de Hermes, a qual inclui em sua receita pra a produção da Pedra Filosofal, as palavras “Ele sobe da terra pra o céu, e desce de novo na terra, recebendo a força de cima e de baixo” e comentando essa passagem diz:

“[Para o alquimista]... não há uma questão de subida de mão única pra o céu; mas, em contraste com a rota seguida pelo Redentor Cristão, que vem de cima para baixo e depois retorna para cima, o *filius macrocosmi* começa de baixo, sobe às alturas e, com os poderes do Acima e do Abaixo unidos em si mesmo, volta outra vez a terra. Ele (o alquimista) realiza o movimento inverso e, assim, manifesta uma natureza contrária à de Cristo e à dos Redentores Gnósticos”. (me agrada interpretar a palavra alquimista como tradução de “o homem mítico”).

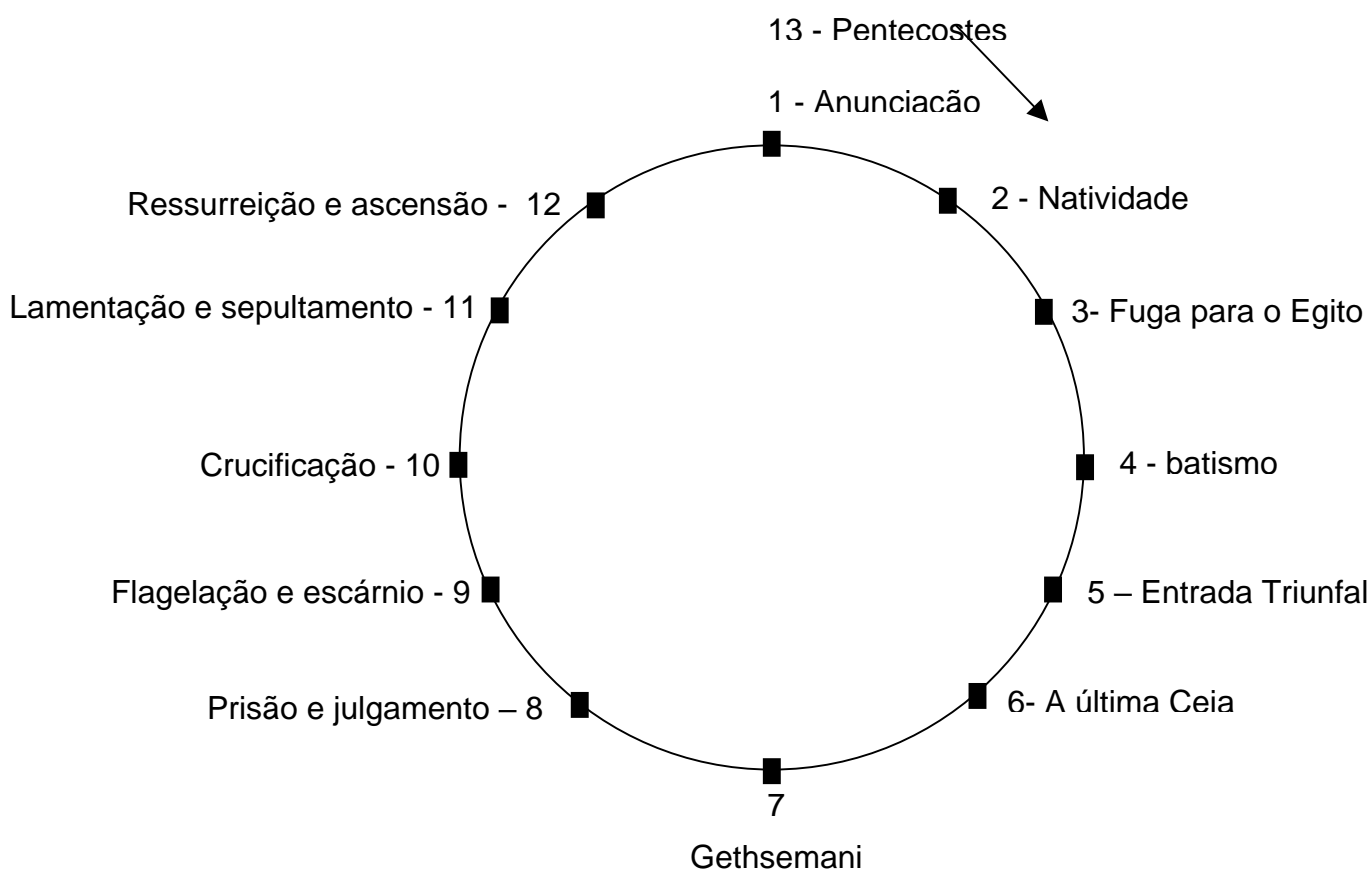
Chegamos ao ciclo do mito Cristão, ao Pentecostes, a 13<sup>a</sup>. situação colocada por Jung como sendo também a primeira após a Ascensão. Com o Pentecostes o ciclo da encarnação de Cristo se completa, assim como se completa o ciclo do herói. O ciclo se inicia com a descida do Espírito Santo na

---

<sup>175</sup> apud EDINGER (1988, p. 122)

anunciação e termina com sua nova descida dos céus par o início de um novo ciclo.

Para didaticamente, deixar claro ao leitor, repito a figura que representa esse ciclo:



A Igreja como 'corpo de Cristo', teve sua anunciação e concepção no Pentecostes 176

<sup>176</sup> idem EDINGER, 1988, p.130

Foi este o momento onde deixam os discípulos de serem um receptáculo dos ensinamentos do mito de Cristo para nascer a Santa Igreja Católica, sem tratar aqui os movimentos de sua criação, como o grande receptáculo do Espírito Santo.

Aqui o homem mítico entrega a Igreja o controle do próprio espírito celestial, podendo viver sua vida independente dos desígnios dos céus, podendo em agindo dentro do mito, buscar seu “último dia”, momento em que voltará a ser receptáculo do Espírito Santo, dando a idéia de uma encarnação contínua tanto do homem quanto de Deus.

#### APÊNDICE 4 - UMA PROPOSTA DE INTERPRETAR PSICOLÓGICA E MITICAMENTE A TRINDADE

A Alma é o maior dos milagres cósmicos C.G. Jung <sup>177</sup>

Como todo o tema deste trabalho, desde o nome, o objeto de pesquisa, pode parecer estranho tanto a um psicólogo, como a um educador, como a um historiador.

No entanto, faço mais essa análise, de forma plena e consciente de que entro neste momento em mais uma pesquisa polêmica e que por mais que me aprofunde, neste momento, não deixará de ser superficial.

Acontece que em meu entender, tal qual os símbolos de transformação cultural da missa, ou a interpretação da vida de Cristo, este tema também é necessário para que se possa ter mais clara a visão do mito cristão e por consequência o Cristão português do século XVI, pois a “Trindade” nos dará mais algumas informações de como culturalmente esse arquétipo, esse mito foi imposto à nossa cultura e imposição aos *brasis*.

---

<sup>177</sup> JAFFÉ-1995-p.5

As religiões cristãs estão tão presentes e tão próximas à alma humana que seria impossível ignorá-las do ponto de vista psicológico, educacional e do ponto de vista cultura.

Por mais que a idéia Trindade esteja no campo da Teologia, área que não me sinto habilitado ou sequer inclinado a pesquisar, é na história e na obra de C.G. Jung que busco as informações que necessito para escrever sobre esse dogma e o simbolismo trinitário.

Que se tenha notícia, a Trindade do mito cristão, é a única que só existe como três partes de um “uno”. As tríades divinas de tantos mitos primitivos têm uma relação de parentesco entre elas, como por exemplo, a tríade babilônica Anu, Bel e Ea, onde Ea a personificação do saber é o pai de Bel (o Senhor), que personifica a atividade prática. Numa tríade secundária desse mito, da época de Nabucodonosor, Sin (a lua), Shamash (o sol) e Adad (a tempestade, Senhor do Céu e da Terra e filho do altíssimo Anu da tríade primária). No tempo de Hamurabi, Marduk, filho de Ea, substitui Bel e seus poderes, levando Bel a um segundo plano. Nisso, Hamurabi se considera um novo deus e só venerava uma díade: Anu e Bel e, por ser Hamurabi considerado um soberano divino, mensageiro de Anu e Bels e associa a eles criando nova tríade: Anu – Bel – Hamurabi.<sup>178</sup>

Assim como nesse exemplo, várias culturas primitivas se utilizavam em seus mitos de tríades divinas.

---

<sup>178</sup> JUNG.1988.par.173-174

No entanto no Velho Testamento, encontramos, por diversas vezes, um Deus quase que uno, pois onde surge o Espírito, a palavra vem acompanhada de Espírito de Deus, Espírito do Senhor, o que se pode confirmar em:

Gênesis – cap 1 e 6

Números – cap 24 e 27

Juízes – cap 3/6/11/13/14 e 15

I Samuel – cap 10/11 e 16

II Samuel – cap 3

I Reis – cap 18 e 22

II Réus – cap 2

II Crônicas – cap 15/18/20 e 24

Assim como em Neemias, Jó, Salmos, Isaías, Ezequiel, Joel, Miquéias, Ageu e Zacarias.

Somente no evento do Novo Testamento surge a segunda parte da tríade Espírito Santo.

Até esse momento se percebe, principalmente em Jó, um Deus único, onipotente e onisciente, porém com características de uma dualidade na forma de agir com o homem. Existe aí, um Deus justo e injusto, doce e colérico, que cria e destrói, que necessitava de aplausos e reverências e, dado ao caráter temível, fazia com que o homem se referisse constantemente a um “Temor de Deus”.

“De fato, Javé tudo pode e se permite, sem pestanejar um momento. Ele é capaz de projetar, com impassibilidade férrea, o seu próprio lado sombrio e permanecer inconsciente disto, à custa do ser humano. É capaz de apelar para o seu poder supremo e promulgar leis que para ele significam menos que o ar. Os assasínios, os morticínios não lhe causam preocupação, e quando lhe dá na veneta é capaz igualmente de, qual um senhor feudal, ressarcir generosamente os danos provocados nos campos de cereais dos servos: ‘Perdeste os teus filhos as tuas filhas e os teus escravos? Não há de ser nada; eu te darei outros em troca, e melhores do que os primeiros’.”<sup>179</sup>

lahweh, não possui origem nem passado, comparado com outros deuses helênicos ou não. Seu primeiro filho sendo Adão, fez com que todos fossem descendentes desse primeiro pai. Mas os povos judeus, através do que foi chamado de “*providentia specialis*”, garante a si a semelhança de Deus e para aplacar essa ira divina, propõe um pacto lahweh - Noé do qual surge nova aliança de Deus com os homens.

Somente no Novo Testamento surge a figura do Espírito Santo e aí a fixação da imagem da díade divina.

No entanto, até este momento, não havia entendimentos entre Deus lahweh e os homens, nem entre os homens e Deus. Era necessário um entendimento mais humano das coisas terrenas. Parece que podemos entender ser a criação imperfeita e também Deus não pode atender plenamente os

---

<sup>179</sup> JUNG, 1990 – par.597

requisitos de sua tarefa, era necessária a criação de um intermediário, que entendesse das coisas divinas e das coisas humanas. Um Deus mais humano e que entendesse o logos Dei. O *Uno* precisava ser substituído por *outro*. O mundo do Pai deveria ser substituído pelo mundo do Filho.

Alguma transmissão cultural deve ter havido, advinda da Babilônia, do Egito e da Grécia, pois esses símbolos fazem parte dos fundamentos das imagens míticas e arquetípicas do pensamento humano. Aqui, discutimos apenas aquilo que emanou, não de pressupostos filosóficos, (mesmo os platônicos), mas sim dos pressupostos arquetípicos inconscientes, inerentes à natureza humana.

O Espírito Santo anuncia o nascimento do “*Filius Dei*” e se completa assim a Trindade, a qual é nossa pesquisa para este tema.

A Trindade Cristã não tem a mesma origem das tríades divinas babilônicas, egípcias ou gregas, pois elas se diferem na concepção. Por exemplo enquanto a tríade platônica resulta de uma antítese, a Trindade, ao contrário, é totalmente harmônica entre si. As denominações, Pai, Filho e Espírito Santo, não derivam absolutamente do número três e sim de um elemento uno.

Após o Pai, logicamente segue-se o Filho, no entanto, o Espírito Santo não tem sua origem nem no Pai, nem no Filho, sendo, portanto uma realidade particular e de um pressuposto diferente. Conforme se pode obter de Jung<sup>180</sup>, na antiga doutrina Cristã, o Espírito Santo é “*vera persona, quae filio et a patre missa est*’ [verdadeira pessoa, enviada pelo pai e pelo Filho]. O “*processio a patre filioque*’ [o

---

<sup>180</sup> JUNG, 1988. par. 197



ato de proceder do pai e do Filho] é uma inspiração e não uma geração como no caso do filho”.

“De acordo com sua definição, o *Pai* é a *prima causa*, o *creator*, o *auctor rerum* (o criador das coisas) o qual, num determinado estágio cultural incapaz de reflexão, pode ser simplesmente o *Uno*”<sup>181</sup>

Mas se procurarmos a Mãe, não a encontraremos na Trindade e assim não poderemos entender a geração do Filho. Seria Trindade também transformada e quatro pontos e não mais em três. Acontece que desde a Babilônia ou do Egito, a relação pai-filho-vida, com a exclusão da mãe ou progenitora divina, constitui a fórmula patriarcal que fazia parte da cultura desses povos, o que vai influenciar totalmente a mesma relação patriarcal do período do nascimento da Trindade Cristã.

No velho Egito e no Cristianismo a Mãe de Deus fica fora da trindade. No templo as coisas ritualísticas eram exclusivas do homem e seus filhos. Em Lucas (2, 40-49) Maria vai ao templo onde Jesus com 12 anos estava já há três dias entre os mestres e lhe pergunta onde andava e ele lhe responde “*Porque me procuráveis? Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?*”

Desde os primórdios, os ritos iniciáticos dos primitivos mistérios, sempre afastaram os jovens de suas mães e os transformavam através de um

---

<sup>181</sup> idem par.199

novo “nascimento”. Essa idéia mítica e arquetípica continua viva até os tempos de hoje através do “celibato sacerdotal”. Mais uma vez a cultura e sua transmissão de forma educacional, geram as fontes do mito. A relação sublimada pai-filho gera a concepção de um espírito que representa a encarnação ideal da vida masculina.

Outra possibilidade de transformação da tríade em quatro pontos de fundamento, seria a da inclusão do demônio nesse grupo. No entanto também isso não seria possível, pois o mal, o demônio, as disposições morais, só surgem com um Cristianismo já fundado em bases sólidas, com o mito cristão já fazendo parte e tendo efeito na vida da alma humana e cristã.

Gostaria de lembrar que o mito se forma com as imagens primordiais que possuem fatores que coordenam a psique humana e serão reconhecidos como formadores do mito, após pertencerem e fazerem efeito na vida do homem. Novamente a cultura e a transmissão da tradição geram as fontes míticas. Se as disposições morais não estavam definidas, como definir o mal? Como definir o demônio?

Mas a evolução continua e a Trindade se fixa nos conceitos do homem do mundo conhecido de então. A vida do Homem-Deus faz com que seja revelada a mais importante das “revelações”, coisas que só podiam ser explicadas pelo Filho, visto que o Pai em seu estado original de uno, não tinha como revelar ao homem, a existência do Espírito Santo, que conforme foi visto anteriormente, após a morte do Filho, após ter abandonado o espaço terreno, desce sobre a alma dos homens e envolve a todos com sua bondade e benevolência, para fazer mais

pelos homens do que fez o Pai ou o Filho, o elemento mítico que completa definitivamente a Trindade e reconstitui a “unidade”.

Assim se lê na primeira carta de Clemente, 46,6; “Temos um só Deus e um só Cristo, como também um só Espírito”<sup>182</sup>.

Ou como pode ser lido no Credo batismal chamado o “Symbolum Apostolicum” atestado por documentos a partir do século IV:

Creio em Deus Pai, todo poderoso; em Jesus Cristo, seu filho unigênito, nosso Senhor, o qual dói concebido pelo Espírito Santo e nasceu de Maria Virgem; foi crucificado sob Pôncio Pilatos e sepultado; ao terceiro dia ressurgiu dos mortos; subiu aos céus ; está sentado à direita da Deus Pai, de onde há de vir a julgar os vivos e os mortos; e no Espírito Santo, na santa Igreja, na remissão dos pecados; na ressurreição da carne <sup>183</sup>.

Por mais que qualquer racionalidade cultural pudesse tentar explicar esse conceito de Trindade, sempre permaneceu incólume principalmente porque após um mito ter sido “fundado” por seu poder criador, ele passa a pertencer a um mundo arquetípico, que não pode ser atingido pela racionalidade, pois o arquétipo, o mito, por residir, por emanar do inconsciente humano adquire um caráter numinoso que torna impossível enquadrá-lo no mundo da racionalidade, tendo

---

<sup>182</sup> JUNG, 1988. par. 207

<sup>183</sup> JUNG, 1988. par. 211

muitas vezes, sim, gerado em na história, discussões vazias, disputas verbais e até violência na tentativa de se explicar o dogma da Santíssima Trindade.

O conceito de 'santidade' indica que uma determinada coisa ou idéia possui valor supremo, cuja presença leva o homem , por assim dizer, ao mutismo. A santidade é reveladora; é a força iluminante que dimana da forma arquetípica.<sup>184</sup>.

Somente o termo “santíssima”, já nos faz entender que o arquétipo se tornou ativo e que o mito impregnou a alma do homem pós cristianismo, ou como denomina a psicologia também racionalista de “presença psíquica extra-consciente”.

Para onde então foi o homem Jesus, como poderíamos definir ou contar sua história enquanto homem? Não havia mais Jesus, o homem foi substituído pelo mito mesmo nas palavras de Paulo, por exemplo, pois nunca uma palavra de Jesus foi citada em qualquer de seus discursos. O que se falava de Jesus, se falava do mito, do arquétipo, sempre representado pela figuras de O Senhor dos Demônios, o Salvador Cósmico, etc. Nunca mais surge na história o humano de Jesus. Transformou-se o homem em sua expressão mítica, pois o Homem-Deus, o Deus Eterno não tem história do ponto de vista humano, somente alegorias da iconografia da Idade Média.

---

<sup>184</sup> JUNG, 1988. par. 235

“Como *pastor* Ele é o condutor e o centro dos rebanhos. É a videira. Enquanto os que o seguem são os ramos. Seu corpo é pão que se come e seu sangue é vinho que se bebe. Ele é também *Corpus mysticum* formado pela união dos crentes. Como manifestação humana, é o *Herói* e o Homem-Deus sem pecado, por isso mais completo e perfeito do que o homem natural, que Ele ultrapassa e abrange, e que está pra Ele na mesma relação de uma criança para o adulto, ou da ovelha pra o homem”<sup>185</sup>

Ele é o Arquétipo da Cristandade, ele é o mito Cristão.

---

<sup>185</sup> JUNG, 1988. par. 229

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Fontes:

- ANCHIETA, José de. **Cartas – Informações, Fragmentos Históricos e Sermões** – 1534-1597. Belo Horizonte; Itatiaia; S. Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- \_\_\_\_\_, **Diálogos da Fé** – obras completas 8º vol – introdução e notas Pe. Armando Cardoso – São Paulo – Edições Loyola, 1988.
- \_\_\_\_\_, **Feitos de Men de Sá** – Pará de Minas: Virtual Books, 2000.
- \_\_\_\_\_, **Auto de São Lourenço** - Pará de Minas: Virtual Books, 2000.
- BETTENDORF, João Felipe, Pe. 1627-1698 – **Crônica dos padres da Companhia de Jesus do Estado de Maranhão**. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, 1990.
- CARDIM, Fernão – 1540?-1625 – **Tratados da terra e gente do Brasil**. Belo Horizonte: Ed Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980.
- COLÓN, Cristóbal - **Carta a los Reyes Católicos** - 2000, virtualbooks.com.br - Editora Virtual Books - Online M&M Editores Ltda.
- CAMINHA, Pero Vaz de – **A Carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal** - Ministério da Cultura - Fundação Biblioteca Nacional – Departamento Nacional do Livro – (Cópia obtida via internet) e Carta de Pero Vaz de Caminha – A certidão de Nascimento da Nação Brasileira – Brasil 500 Anos – Bradesco - 2000
- NAVARRO, Azpicuelta e outros - **Cartas Avulsas, 1550-1568**. Belo Horizonte /Itatiaia/São Paulo: Edusp, 1988.
- NÓBREGA, Manuel da. **Cartas do Brasil**. Belo Horizonte - Itatiaia/São Paulo: Edusp, 1988.
- SALVADOR, Frei Vicente do. **A História do Brasil – 1500-1627**. 5ª. Ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

- STADEN, Hans. **Duas Viagens ao Brasil**. Belo Horizonte. Ed. Itatiaia; São Paulo. Ed da Universidade de São Paulo, [1557], 1974.
- VIEIRA, Pe. Antonio. **Sermões** – Obras Completas – vol. V.- Sermão do Espírito Santo, Lisboa. Lelo e irmão Editores, 1951

#### **OUTRAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- ABREU, J. Capistrano de – **Capítulos da História Colonial** - Ministério da Cultura - Fundação Biblioteca Nacional: Departamento Nacional do Livro – versão para e-books [<http://www.bn.br/bibvirtual/acervo/>] – 1907 – obtida em 2004.
- BACHELARD, Gaston – **A Terra e os Devaneios do Repouso** – São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BÍBLIA ELETRÔNICA 2.5.2 – RK Soft Desenvolvimento
- BÍBLIA SAGRADA - Nova tradução na linguagem de hoje – Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000
- BUENO, Silveira – **Vocabulário Tupi-Gurani – Português** – São Paulo: Éfeta Editora, 1998
- CALMON, Pedro – **História do Brasil – Século XVI – As origens e Século XVII – Formação Brasileira** - Vol. 1 e 2 – Rio de Janeiro - Livraria José Olímpio Editora – 2<sup>a</sup>. ed, 1963.
- CALLOIS, Roger. **Les jeux et les hommes – le masque et le vertige**. Paris: Gallimard, 1985.
- CAMPBELL, Joseph, com Bill Moyers – **O Poder do Mito** - São Paulo: Ed. Palas Athena, 1990.

- CARDOSO, Armando, (Trad). **O Teatro de Anchieta** – Obras Completas - 3º. Volume - S.Paulo: Loyola, 1977.
- CARNOT, Sady, **A destribalização da Alma Indígena – Brasil Século XVI – uma visão junguiana** – Prefácio de José Maria de Paiva - S. Matheus – ES: Memorial, 2005.
- CAROTENUTO, Aldo – **Eros e Pathos – Amor e sofrimento** – São Paulo: Ed. Paulus, 1994.
- CASSIRER, Ernest – **Antropología Filosófica** – México: Fondo de Cultura Económica, 1945
- CHAIN, Iza G. C. – **O Encontro de Dois Mundos In: O Diabo nos Porões das Caravelas** – Tese de Mestrado – texto obtido através da Internet, 2003.
- CRIPPA, Adolfo – **Mito e Cultura** – São Paulo: Convívio, 1975.
- DEWEY, John – **Democracia e educação – Breve tratado de Philosophia de Educação**. Biblioteca Pedagógica Brasileira – Companhia Editora Nacional. S. Paulo: 1936
- DOURLEY, John P. **A doença que somos nós – A crítica de Jung ao cristianismo**; trad. Roberto Girola - São Paulo: Paulus, 1987.
- EDINGER, Edward F. – **O Arquétipo Cristão – Um comentário junguiano sobre a vida de Cristo** – São Paulo: Cultrix, 1988.
- \_\_\_\_\_, - **A Criação da Consciência – O mito de Jung para o Homem moderno** – São Paulo: Cultrix, 1999.
- FERNANDES, Florestan – **A função social da guerra na sociedade Tupinambá** - São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1970.
- FREYRE, Gilberto - **Casa Grande e Senzala** - Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1984.
- \_\_\_\_\_,- **Casa Grande e Senzala**.Rio de Janeiro: Rio Filmes com apoio da Fundação Joaquim Nabuco e Fundação Gilberto Freyre – narrado por



Edson Nery da Fonseca, amigo pessoal e biógrafo de Gilberto Freyre. Capítulo II – A cunha, mãe da Família Brasileira, 2000.

- GAMBINI, Roberto – **O espelho índio: os jesuítas e a destruição da alma indígena** - Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.
- GÂNDAVO, Pero de Magalhães – **Tratado da Terra do Brasil – História da Província Santa Cruz** - Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais** - São Paulo: Schwarcz, 2002.
- GODINHO, Vitorino Magalhães. **A estrutura social do Antigo Regime**. In: GODINHO, V.M. *A estrutura na Antiga Sociedade portuguesa*. Lisboa: Arcádia, 1971.
- GUSDORF, Georges. **Mito y Metafísica** – Buenos Aires: Editorial Nova, 1959
- HERNANDES, Paulo Romualdo. **O Teatro de José de Anchieta: Arte e Pedagogia no Brasil Colônia** – Campinas: Biblioteca de Educação da UNICAMP, 2001.
- HOELLER, Stephan A. **A Gnose de Jung e os Sete Sermões aos mortos** – São Paulo: Cultrix, 1991.
- \_\_\_\_\_, **Jung e os evangelhos perdidos – Uma apreciação junguiana sobre os manuscritos do Mar Morto e a Biblioteca de Nag Hammadi** - São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1993.
- HOLLIS, James – **Rastreado os Deuses – O lugar do mito na vida moderna** – São Paulo: Paulus, 1998.
- JAFFÉ, Aniela – **O Mito do significado na Obra de C. Gustav Jung**- São Paulo: Cultrix, 1995.
- JACOBI, Jolande. **Complexo, Arquétipo, Símbolo na Psicologia de C.G. Jung**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1991.
- JECUPÉ, Kaká Werá. **A Terra dos mil Povos**. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis, 1999.

- \_\_\_\_\_ **Tupã Tenondé**. São Paulo: Peirópolis, 2001.
- JUDY, Dwight H. – **Curando a Alma Masculina – O Cristianismo e a Jornada mística** – São Paulo: Paulus, 1998.
- JUNG, C. G. , **A importância dos sonhos. In O Homem e seus símbolos**. C.G Jung, M.L.von Franz, Joseph L. Henderson, Jolande Jacobi e Aniela Jaffé. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.
- \_\_\_\_\_, **Memórias, Sonhos e Reflexões**. Rio de Janeiro: Ed Nova Fronteira, 1975.
- \_\_\_\_\_, **Psicologia e Religião - Obras Completas – Vol XI/1** . Petrópolis: Vozes, 1978.
- \_\_\_\_\_, **Aion - Estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo**. Petrópolis: Ed.Vozes, 1982.
- \_\_\_\_\_, **O Símbolo da Transformação na Missa**. Obras Completas. Vol XI/3. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985.
- \_\_\_\_\_, **Mysterium Coniunctionis** – Obras Completas- v.XIV/1. Petrópolis: Vozes, 1988.
- \_\_\_\_\_, **A interpretação Psicológica do Dogma da Trindade**. Obras Completas. Vol XI/2. Petrópolis: Vozes, 1988.
- \_\_\_\_\_, **Símbolos da Transformação**. Obras completas. Vol.V. Petrópolis: Vozes, 1989
- \_\_\_\_\_, **Civilização em Transição**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1993.
- \_\_\_\_\_, **Resposta a Jô**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1990
- LACOUTURE, Jean. **Os Jesuítas – A Conquista** – vol 1 – Lisboa: Editorial Estampa, 1993.
- LANA, Firmino Arantes e LANA, Luiz Gomes – **Antes o mundo não existia – Mitologia dos antigos Desana-Kehirípõrã** - São Gabriel da Cachoeira – AM: FOIRN – Federação das Organizações dos Indígenas do Rio Negro, 1995.

- MAGASICH-AIROLA, Jorge e BEER, Jean-Marc de. **América Mágica. Quando a Europa da Renascença pensou estar conquistando o Paraíso.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- MAY, Rollo, **A procura do mito.** São Paulo: Manole, 1992.
- MENDES, António Rosa ' **A vida Cultural.** In MATTOSO, José. **História de Portugal**, Lisboa: Estampa, 1992. tIII, coord de Joaquim Romero Magalhães.
- MONTEIRO, John M. **Tupis, Tapuias e Historiadores- Estudos de História Indígena e do Indigenismo** . Tese apresentada pra o concurso de Livre Docência – Área de Antropologia – Campinas: IFCH – Unicamp, 2001
- MORENTE, Manuel Garcia. **Fundamentos de filosofia e lições preliminares** (metafísica, idealismo e positivismo). 8ª. Ed. Tradução e prólogo de Guilherme de la Cruz Coronado. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1930.
- NEVES, Luiz Felipe Baeta – **O Combate dos Soldados de Cristo na Terra dos Papagaios – Colonialismo e Repressão Cultural** – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no imaginário cristão.** Bauru: Edusc, 2000.
- PAIVA, José Maria de. **História da Educação Colonial** – texto não publicado, 2002.
- \_\_\_\_\_, **Religiosidade e Cultura – Brasil, Século XVI, uma chave de leitura** – Texto não publicado, 2002.
- \_\_\_\_\_, **Catequese e Colonização.** São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1982
- PÉCORA, Alcir. **Teatro do sacramento. A unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira.** São Paulo-Campinas: Edusp/Editora da Unicamp, 1994.
- RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro – A Formação e o Sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

- SEREBURÃ e outros – **Wamrême Za'ra – Mito e História do Povo Chavante – Nossa Palavra**. São Paulo: SENAC, 1998
- TAVARES, Eduardo e outros – **Missões Jesuítico- Guarani**. São Leopoldo: Unisinos, 1999
- TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América. A questão do outro**. 3ª. Ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- WHITMONT, Edward. **A Busca do Símbolo**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1990.
- WYLY, James – **A busca Fálica – Priapo e a Inflação Masculina** – São Paulo: Ed Paulus, 1994.
- XAVIER, Ângela Barreto & HESPANHA, Antonio Manuel, a **Representação da Sociedade e do Poder**. In: MATTOSO, José, **História de Portugal**, t IV Coord de Antônio Manuel Hespanha, Lisboa: Estampa, 1992.
- <http://www.floresta.ufpr.br/~paisagem/curiosidades/curupira.htm> - 28/09/05

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.